

teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura**



Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Govorno do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez



500 Anos de
Dramaturgia Brasileira

Teatro da Juventude

Ano 5 - número 28 - Fevereiro de 2000

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Eliana Rocha

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Consultoria: Prof. Milton Andrade

Capa: Flávio Império (in memoriam.)

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 7 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

Continuando nosso passeio pelos “500 Anos de Dramaturgia Brasileira”, entramos agora num período complexo. Trata-se de um momento de transição, no qual algumas peças ainda apresentam o estilo “teatrão” – sem nenhuma técnica de encenação e iluminação e um elenco liderado pelo ator ou atriz principal, ao qual cabiam todas as glórias do espetáculo – , ao mesmo tempo que desponta um teatro mais profissional, que cuida dos detalhes da encenação e valoriza a representação.

No primeiro caso enquadra-se a peça *Deus lhe pague*, de Joracy Camargo, escrita em 1935, e, como mostra do teatro renovador, *Santa Marta Fabril*, de Abílio Pereira de Almeida, de 1955.

Entre as duas, a TEATRO DA JUVENTUDE traz também o texto *A morta*, de Oswald de Andrade, um dramaturgo “casual”, como o qualifica Milton Andrade, que assina nossa “Apresentação”. Oswald foi um dos líderes da Semana da Arte Moderna, evento realizado na capital paulista em 1922, que se notabilizou pelas manifestações intelectuais e artísticas. O autor rompe com a dramaturgia aristotélica e cria um estilo próprio e instigante.

Distintas entre si, as peças têm em comum a crítica aos costumes burgueses e a valorização exagerada do capital em detrimento dos sentimentos. Em *Santa Marta Fabril*, Abílio Pereira de Almeida também condena abertamente os que aderiram ao governo central no movimento constitucionalista de 1932.

Enfim, embora sob o ponto de vista de estrutura dramática nenhuma delas resista a um exame crítico mais rigoroso, as três peças são precursoras da moderna dramaturgia e representam um importante registro histórico dos costumes de nosso país.

Erné Vaz Fregni

SOLICITAÇÃO DA REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE

O Teatro TUCA, da Universidade da PUC/SP, deseja receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Sem mais para o momento, agradecemos antecipadamente pela cooperação e nos colocamos à disposição para outros esclarecimentos que se fizerem necessários.

Sérgio Rezende – gerente administrativo
Teatro da Universidade Católica – TUCA
São Paulo – SP

Faço parte do “Curso Básico de Dramaturgia” do projeto Ação Dramática, coordenado pelo professor Chico de Assis. Solicito por meio desta os exemplares da revista TEATRO DA JUVENTUDE.

Johnny Ferreira Bispo
São Paulo – SP

Vimos pela presente solicitar volumes da revista TEATRO DA JUVENTUDE para trabalho junto ao nosso grupo de teatro, sob minha direção.

Wilson Valença – diretor
Grupo de Artes Cênicas Kampala
São Paulo – SP

Na qualidade de professora, venho, muito respeitosamente, solicitar-lhe o especial obséquio de enviar-me, a partir desta data, as publicações da revista TEATRO DA JUVENTUDE; se possível, também os números já publicados, ainda constantes em seu arquivo.

Por oportuno, quero parabenizá-lo (Secretário do Estado da Cultura) pela iniciativa cultural que está sendo desenvolvida no Parque da SABESP na Av. Alfonso Bovero, onde tive a oportunidade de fazer leitura de uma das revistas TEATRO DA JUVENTUDE, juntamente com dois artistas de teatro.

Contando com sua atenção, desde já agradeço, colocando-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Maria Eloisa Pereira – professora
São Paulo – SP

Vimos por meio desta solicitar os últimos números da revista TEATRO DA JUVENTUDE.

Sem mais para o momento, renovamos nossos votos de perfeita estima e distinta consideração.

Eder Camargo – diretor
Teatro aos Berros
São Paulo – SP

Sou coordenador de um grupo de teatro amador que está estudando teatro há dois anos aqui na zona norte (Freguesia do Ó) de São Paulo. Conheci a revista TEATRO DA JUVENTUDE na biblioteca do Sesc Pompéia e fiquei impressionado com a qualidade técnica e a seriedade com que o teatro é tratado dentro da revista.

Para nosso grupo será de extrema importância ter um maior contato com essa revista, pois todos os seus vinte integrantes não possuem grande experiência dentro do teatro, mas, em cada um, existe o enorme desejo de aprender e conhecer mais sobre o teatro.

Sendo assim, solicitamos, se possível, o recebimento da revista TEATRO DA JUVENTUDE, para que nosso grupo possa criar uma base sólida e aprenda cada vez mais sobre as artes cênicas.

Na expectativa do atendimento da nossa solicitação, agradecemos.

Gil Rodrigues – coordenador
Cia. de Teatro – Escola Fábrica
São Paulo – SP

Vimos pela presente solicitar a doação das publicações da coleção TEATRO DA JUVENTUDE para completar nossa coleção de peças do

grupo de incentivo cultural de nossa cidade (oficina destinada à formação cultural de Embu-Guaçu).

A coleção será de grande valia para consulta dos integrantes da nossa companhia teatral, pois temos a função de formar novos grupos voltados para as artes cênicas e outros fins educativos incentivadores da interpretação.

Fábio Moreira Brito – diretor
Grupo Karas & Karetas
Embu-Guaçu – SP

Resposta às solicitações: *As revistas podem ser retiradas na Secretaria do Estado da Cultura, no Departamento de Artes Cênicas (3º andar) ou na Delegacia Regional de Cultura mais próxima. Informações com Glória Inês no telefone (11) 3351-8055 ou 3351-8051.*

SOLICITAÇÃO DA REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE PARA OUTROS ESTADOS

Gostaríamos de receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE, pois realizamos no mês de maio o Festival de Teatro das Escolas Municipais “Brincando no Palco” e, no mês de

setembro, a Mostra das Escolas Particulares, Estaduais e Grupos Independentes. Necessitamos, portanto, de textos teatrais e aproveitamos para lamentar a grande carência de novos autores e títulos.

Aguardando o envio das revistas, agradecemos antecipadamente.

Cleia Cândida Monteiro
Casa da Cultura
Passos – MG

Resp.: Estamos providenciando o envio das revistas.

SOLICITAÇÃO DA REVISTA TEATRO DA JUVENTUDE POR FORMULÁRIO PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA

Geraldo Moreira da Silva
Associação Educacional, Cultura e Artística
Fazendo Arte
Jaboticabal – SP

Rodrigo Caviglione e Silvia T. Pin
Instituição “Sonho Meu”
Urânia – SP

Fábio Moreira da Gama Rito
Cia. Teatral Karas & Karetas
São Paulo – SP

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

O ENDEREÇO É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

Tel.: (11) 3351-8055 / 3351-8051 Fax: (11) 3351-8053.

APRESENTAÇÃO

O TEATRO BRASILEIRO SE MODERNIZA	10
Milton Andrade	

TEXTOS

DEUS LHE PAGUE	13
Joracy Camargo	
A MORTA	45
Oswald de Andrade	
SANTA MARTA FABRIL S.A.	63
Abílio Pereira de Almeida	

O TEATRO BRASILEIRO SE MODERNIZA

Período de transição entre o “teatrão” e a introdução de novas técnicas e crítica aos costumes burgueses, nas peças de Joracy Camargo, Oswald de Andrade e Abílio Pereira de Almeida.

Milton Andrade*

Fundamentada no cubismo, no futurismo, no dadaísmo e no surrealismo, propostas estéticas em voga na Europa no início do século XX, ocorreu em São Paulo, no ano de 1922, a chamada Semana de Arte Moderna, um movimento intelectual e artístico que é aceito

como divisor de águas entre o que se produziu na arte brasileira antes e depois da sua eclosão. Essa famosa Semana englobou manifestações literárias, musicais, de dança, de escultura, de pintura e de arquitetura, mas deixou de lado o teatro. A renovação da nossa cena só viria a

acontecer mais tarde, nos anos 40, no Rio de Janeiro, com o grupo Os Comediantes, que aglutinou as experiências renovadores do Teatro de Brinquedo de Álvaro Moreyra e do Teatro do Estudante de Paschoal Carlos Magno. Em São Paulo, coube ao Teatro Brasileiro de Comédia a tarefa de modernizar a nossa cena, rompendo com os espetáculos que até então eram feitos.

Os textos reproduzidos neste exemplar do *TEATRO DA JUVENTUDE*, dando prosseguimento ao compromisso de publicar o que de mais importante ocorreu na nossa dramaturgia, pertencem a três autores do período de transição entre o teatro conservador que se fazia no Brasil, mesmo depois da Semana de Arte Moderna, e o dos anos 40, quando passou a pontificar o TBC paulistano. São distintos entre si, representando individualidades que merecem ser analisadas.

Joracy Camargo (1898-1973), autor do primeiro

texto, *Deus lhe pague*, é contemporâneo de uma forma de teatro que chamamos de “teatrão” ou de teatro acadêmico, e que era realizado à volta de um ator ou de uma atriz de renome, geralmente endeusados pela imprensa, e que liderava um elenco de artistas secundários cuja primeira

obrigação era jamais fazer sombra à estrela da companhia. Não havia um diretor artístico que conduzisse as intenções do espetáculo, mas um ensaiador, profissional encarregado de marcar a cena, isto é, de determinar que posição deveriam ocupar os atores no palco. O astro da companhia

geralmente não participava dos ensaios, cabendo ao ensaiador representá-lo nessas ocasiões, reservando-lhe sempre o centro da cena, lugar evidentemente mais enfático. Não eram confeccionados cenários especiais para esta ou aquela peça: as companhias possuíam sempre alguns telões pintados que representavam uma sala ou um jardim, e todos os espetáculos se serviam desses mesmos recursos.

A luz também não era planejada e utilizava, invariavelmente, as lâmpadas da ribalta e das gambiarras, não sendo conhecidos no país os refletores ou *spotlights*. O texto devia favorecer sempre o dono e ator principal da companhia, a quem cabiam as melhores piadas, se fosse uma comédia, ou as melhores cenas, se fosse um drama. Quando um coadjuvante conseguia fazer com que o público risse de uma graça qualquer, corria o risco de ver sua cena passada para a

“Década de 30: o texto favorece o dono e ator principal da companhia..”

responsabilidade do primeiro ator. Trabalhava-se muito. Os elencos faziam espetáculos todos os dias da semana, com exceção das segundas-feiras, com duas sessões em alguns dias e matinês às quintas, sábados e domingos. Diariamente o repertório era mudado, obrigando os artistas a trabalhar sem haver decorado os seus textos. Usava-se, então, o recurso do ponto, um profissional que, escondido num buraco no chão à frente do palco, disfarçado por uma concha de lata, soprava em voz baixa o texto para os atores, que o repetiam para o público.

A dramaturgia de Joracy Camargo hoje é praticamente lembrada através de *Deus lhe pague*, peça que escreveu especialmente para Procópio Ferreira, dono de companhia teatral e ator conceituado na época.

Procópio a lançou em 1932 e a teria encenado cerca de dez mil vezes, até trinta anos depois da estréia, segundo Sábato Magaldi, o que não deixa de ser um marco da dramaturgia nacional. Esse recorde, mais o fato de ter introduzido as idéias marxistas em nossa dramaturgia, inaugurando o teatro social entre nós, fazem de Joracy Camargo um pioneiro, mas toda a sua obra dramaturgic não resistiria hoje a um exame mais profundo.

Além de *Deus lhe pague*, Joracy escreveu cinquenta e três textos dramáticos para teatro, geralmente comédias e revistas e roteiros para rádio-teatro e cinema. É autor também de um estudo sobre o teatro na União Soviética, publicado em 1945. Suas peças mais conhecidas são: *O bobo do rei* (1931), *Deus lhe pague* (1932), *Maria Cachucha* (1937) e *Figueira do inferno* (1945).

Oswald de Andrade (1890-1954), o mais inquieto de todos os líderes da Semana de Arte Moderna, foi um dramaturgo casual. Ao lado de uma obra consistente em prosa e em verso, escreveu três textos para o palco: *O Rei da Vela*, *O homem e o cavalo* e *A morta*. Audacioso em suas concepções, capaz de romper as milenares regras da dramaturgia aristotélica, Oswald de Andrade estava muito à frente do seu tempo, e suas criações não chegaram a ser encenadas. Em

Panorama do teatro brasileiro, o crítico Sábato Magaldi lamenta: "Se fosse mostrado a Oswald de Andrade, na prática, o resultado de suas criações generosas e livres, ele teria encontrado, por certo, em novas pesquisas, o veículo perfeito para o prodígio de uma imaginação riquíssima e uma total ausência de convencionalismo. Poucos autores fazem o crítico lastimar tanto que o teatro tenha as suas exigências específicas, tornando irrepresentáveis, no quadro habitual, os textos de Oswald de Andrade".

Em 1967, uma encenação revolucionária do Teatro Oficina, dirigida por José Celso Martinez Correia, haveria de tirar do ineditismo o teatro de Oswald de Andrade.

Por último, esta revista publica um texto de Abílio Pereira de Almeida, um autor que representa perfeitamente o teatro que se produziu em São Paulo dentro da sala do Teatro Brasileiro de Comédia, entidade criada por um grupo de empresários liderados por Franco Zampari e que

renovou completa e absolutamente a maneira de fazer teatro no país. Criado em 1948 por amadores que atuavam na capital de São Paulo, o TBC logo se tornou profissional. Seus diretores foram contratados na Europa, notadamente na Itália, e trouxeram para cá técnicas absolutamente desconhecidas até então.

Adolfo Celi foi o primeiro a ser contratado. Era italiano, mas fazia um estágio na Argentina antes de vir para São Paulo. Depois vieram Luciano Salce, Flaminio Bollini Cerri e Ruggero Jacobbi, criadores de espetáculos inesquecíveis e que tiveram o dom de atrair a burguesia paulistana para a sala da Rua Major Diogo. Na verdade, o TBC produziu espetáculos para essa classe social, temporariamente impedida pela inflação de ir com frequência a Paris ou a Nova York, centros exportadores dos novos modelos culturais. Sua primeira fase foi profundamente estetizante. Seus encenadores empenhavam-se em produzir espetáculos bonitos, incumbindo cenógrafos como Aldo Calvo, Bassano Vaccarini, Túlio Costa e Gianni Ratto (que mais tarde se revelou excelente diretor) de criar cenários especialmente concebidos e iluminados. Agora, nossos atores se esmeravam

"Nas peças de Abílio Pereira de Almeida, uma mostra das técnicas renovadoras do teatro."

em dizer seus papéis com inflexões estudadas em exaustivos ensaios de mesa, o que lhes permitia decorá-los. As emoções eram dosadas e os excessos contidos pela direção, a ponto de as encenações receberem dos mais tradicionalistas, ainda apegados ao velho teatrão, a acusação de serem espetáculos frios.

De qualquer forma, o TBC ditou as normas do teatro brasileiro em seu tempo, primeiro em São Paulo, depois no Rio de Janeiro, onde instalou um segundo núcleo. Quanto ao repertório encenado, os textos eram em sua totalidade estrangeiros, com uma honrosa exceção: as peças escritas por Abílio Pereira de Almeida, que durante muito tempo foi o único brasileiro a passar pelo crivo da escolha do teatro de Franco Zampari. O incentivo à dramaturgia brasileira só apareceria mais tarde, com o Teatro de Arena e sua bem-sucedida experiência com o núcleo de dramaturgia.

Abílio Pereira de Almeida (1906-1977), advogado,

cinesta, empresário e autor de teatro e de cinema, inaugurou a primeira temporada do TBC, em 1948, com *A mulher do próximo*. Antes, havia escrito e encenado *Pif-paf*, sua primeira peça, na qual já se revelava um crítico da alta burguesia paulistana, característica que conservou durante toda a sua vida de escritor.

Acusado pela esquerda de ser um reacionário e pela burguesia de ser um comunista, Abílio nos legou dezesseis peças encenadas. Seus dramas e comédias, que flagram e criticam a classe dominante paulistana por meio de um diálogo fácil e comunicativo, poderiam ter sido muito mais importantes se o autor tivesse se empenhado mais em aprofundá-los psicologicamente e socialmente.

* *Milton Andrade* é autor do *Dicionário da arte de representar*, em fase de publicação, pesquisador de artes cênicas, diretor de teatro, professor de literatura, advogado e ex-diretor de escola de arte.

DEUS LHE PAGUE

Joracy Camargo

PERSONAGENS

Mendigo
Outro
Senhor
Maria
Juca
Mulher
Péricles
Nancy

PRIMEIRO ATO

(Porta principal e monumental de uma velha igreja. A ação começa um pouco antes de ser iluminada a cidade, mas no interior da igreja há a luz morta dos templos. Ao subir o pano, entra na igreja uma Senhora de Luto, tranqüilamente. Logo depois, um Senhor, também sereno, e finalmente uma Jovem, agitadíssima, olhando para os lados. Passados dois ou três segundos, entra um Mendigo de cinquenta anos, barbas e cabelos compridos, olhar sereno, expressões messiânicas, em suma, uma cabeça que despertaria a atenção dos pintores retratistas; chapéu de feltro, velho e esburacado, sem fita, em forma de saco; “paletó” de casimira, preto, esfarrapado, bem amplo, com os enormes bolsos cheios, volumosos; calças também escuras, remendadas “à la diable”; botinas velhas, deixando ver alguns dedos sem meias. Traz um pau tosco, que lhe serve de bengala, e um maço de jornais amarrotados. Vem andando com o desembaraço que lhe permite a saúde de uma velhice bem nutrida. Ao avistar um Rapaz que entra em sentido contrário, simula, instantaneamente e com muita prática, um grande abatimento, uma expressão de angustioso sofrimento; e, apoiando-se na “bengala”, procura sentar-se a custo sobre os jornais que atirara no primeiro degrau da escada, ao mesmo tempo que retira o chapéu e estende-o ao Rapaz. Este, maquinalmente, sem olhar, atira uma moeda, que o Mendigo apanha com o chapéu, tão habilmente como um pelotário apanharia uma bola na cesta... O Rapaz entra na igreja, enquanto o Mendigo diz, sem dar grande importância ao esmolar:)

MENDIGO

Deus lhe pague... *(Olha para dentro da igreja e para os lados, para então ajeitar melhor os jornais, a “bengala” e o chapéu, tomando posição cômoda e definitiva para o “trabalho”... Em seguida, entra Outro Mendigo, mesma idade, mesmos farrapos, mas de aparência pior, porque revela um grande abatimento físico. É mesmo esquelético e faminto. O Mendigo, distraidamente, à passagem do Outro, estende-lhe o chapéu) Ah! (Risonho) Desculpe... Não tinha reparado que o senhor é colega...*

OUTRO

Ainda não fiz nada hoje, velhinho. Tenho cigarros. Aceita um?

MENDIGO

São bons?

OUTRO

Hoje, até as pontas que consegui apanhar são de cigarros ordinários! *(Tira do bolso uma latinha cheia de pontas de cigarros, abre-a e oferece.)*

MENDIGO

Muito obrigado. Não fumo cigarros ordinários. Quer um charuto? *(Tira-o do bolso.)*

OUTRO

(Aceitando, espantado) Olá!

MENDIGO

É havana! Tenho muitos! Custam dez mil-réis cada um.

OUTRO

Aceito, porque nunca tive jeito para roubar...

MENDIGO

Nem eu.

OUTRO

Não foram roubados?

MENDIGO

Foram comprados. Ainda não sou ladrão...

OUTRO

Desculpe. É que...

MENDIGO

Não é preciso pedir desculpas. Não sou ladrão, mas podia sê-lo. É um direito que me assiste.

OUTRO

(Sentando-se na escada) Acha?

MENDIGO

Acho, mas sempre preferi trabalhar. Como trabalhar nem sempre é possível, resolvi pedir esmola, antes que fosse obrigado a roubar. Pedir dá menos trabalho.

OUTRO

(Alarmado) E é por isso que o senhor pede?

MENDIGO

Só. O senhor conhece a história do mundo?

OUTRO

Não.

MENDIGO

Antigamente, tudo era de todos. Ninguém era dono da terra e a água não pertencia a ninguém. Hoje, cada pedaço de terra tem um dono e cada nascente de água pertence a alguém. Quem foi que deu?

OUTRO

Eu não fui...

MENDIGO

Não foi ninguém. Os espertalhões, no princípio do mundo, apropriaram-se das coisas e inventaram a Justiça e a Polícia...

OUTRO

Pra quê?

MENDIGO

Para prender e processar os que vieram depois. Hoje, quem se apropriar das coisas é processado pelo crime de apropriação indébita. Por quê? Porque eles resolveram que as coisas pertencessem a eles...

OUTRO

Mas quem foi que deu?

MENDIGO

Ninguém. Pergunte ao dono de uma faixa de terra na Avenida Atlântica se ele sabe explicar por que razão aquela faixa é dele...

OUTRO

Ora! É fácil. Ele dirá que comprou ao antigo dono.

MENDIGO

E o antigo dono?

OUTRO

Comprou de outro.

MENDIGO

E o outro?

OUTRO

De outro.

MENDIGO

E este outro?

OUTRO

Do primeiro dono.

MENDIGO

E o primeiro dono comprou de quem?

OUTRO

De ninguém. Tomou conta.

MENDIGO

Com que direito?

OUTRO

Isso é que eu não sei.

MENDIGO

Sem direito nenhum. Naquele tempo não havia leis. Depois que um pequeno grupo dividiu tudo entre si, é que se fizeram os Códigos. Então, passou a ser crime... para os outros, o que para eles era uma coisa natural...

OUTRO

Mas os que primeiro tomaram conta das terras eram fortes e podiam garantir a posse contra os fracos.

MENDIGO

Isso era antigamente. Hoje os chamados donos não são fortes e continuam na posse do que não lhes pertence.

OUTRO

Garantidos pela polícia, pelas classes armadas...

MENDIGO

Sim. Garantidos pelos que também não são donos de nada, mas que foram convencidos de que devem fazer respeitar uma divisão na qual não foram aquinhoados.

OUTRO

E o senhor pretende reformar o mundo?

MENDIGO

Tinha pensado nisso, mas depois compreendi que a humanidade não precisa do meu sacrifício.

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque o número de infelizes avoluma-se assustadoramente...

OUTRO

(Sorrindo) E foi por isso que desistiu de reformar o mundo?

MENDIGO

Foi. Abandonei a sociedade e resolvi pedir-lhe o que me pertence. Exigir é impertinência; pedir é um direito universalmente reconhecido. Dá prazer a quem se pede, não causa inveja. O senhor já reparou que ninguém é contra o mendigo? Por que será? Porque o mendigo é o homem que desistiu de lutar contra os outros.

OUTRO

Os homens não precisam de nós...

MENDIGO

Precisam, senhor... Como é o seu nome?

OUTRO

Barata.

MENDIGO

Precisam, mas não dependem, e é por isso que nos olham com ternura.

OUTRO

Ora!... Quem é que precisa de um mendigo?

MENDIGO

Todos! Eles precisam muito mais de nós do que nós deles. O mendigo é, neste momento, uma necessidade social. Quando eles dizem: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”, confessam que não dão aos pobres, mas emprestam a Deus... Não há generosidade na esmola: há interesse. Os pecadores dão, para aliviar seus pecados; os sofrendores, para merecer as graças de Deus. Além disso, é com a miséria de um níquel que eles adiam a revolta dos miseráveis...

OUTRO

Mas quando agradecem a Deus, revelam o sentimento da gratidão.

MENDIGO

Não há gratidão. Só agradece a Deus quem tem medo de perder a felicidade. Se os homens tivessem certeza de que seriam sempre felizes, Deus deixaria de existir, porque só existe no pensamento dos infelizes e dos temerosos da infelicidade. Quem dá esmola pensa que está comprando a felicidade, e os mendigos, para eles, são os únicos vendedores desse bem supremo.

OUTRO

(Desanimado) A felicidade é tão barata...

MENDIGO

Engana-se. É caríssima. Barata é a ilusão. Com um tostãozinho compra-se a melhor ilusão da vida, porque quando a gente diz: “Deus lhe pague...”, o esmoler pensa que no dia seguinte vai tirar cem contos na loteria... Coitados! São tão ingênuos... Se dar uma esmola, um mísero tostão, à saída de um cabaré, onde se gastaram milhares de tostões em vícios e corrupções, redimisse

pecados e comprasse a felicidade, o mundo seria um paraíso! O sacrifício é que redime. Esmola não é sacrifício! É sobra. É resto. É a alegria de quem dá porque não precisa pedir.

OUTRO

O senhor é contra a esmola?

MENDIGO

Sou a meu favor e contra os outros. A sociedade exige que eu peça. Eu peço. E foi pedindo que me vinguei dela.

OUTRO

Como assim?!

MENDIGO

Porque, obrigado a pedir, fui obrigado a enriquecer!

OUTRO

(Em segredo) O senhor é rico?!

MENDIGO

Riquíssimo! Não tive outro remédio...

OUTRO

Há de me explicar como foi obrigado a ficar rico.

MENDIGO

A sociedade é muito defeituosa, meu velho. Pela lógica, o mendigo deveria ser sempre pobre. Pelo menos, enquanto fosse mendigo. Entretanto, pobres, realmente pobres, são os ricos. Pobres de espírito, pobres de tranqüilidade, de fraternidade e, às vezes, até de dinheiro!

OUTRO

Não estou entendendo nada... *(O Senhor que entrara na igreja sai, visivelmente preocupado, agitado, indeciso. O Outro estende-lhe a mão.)* Uma esmolinha pelo amor de Deus!... *(O Senhor não dá.)*

MENDIGO

(Estendendo-lhe o chapéu) Favoreça, em nome de Deus, a um pobre que tem fome!... *(O Senhor dá e sai agitado.)* O Outro irrita-se.) Conhece esse sujeito?

OUTRO

Não.

MENDIGO

É o Vieira de Castro, presidente do consórcio das fábricas de tecido. Milionário. Tanto quanto eu! Observou a aflição desse homem, procurando igrejas a esta hora da noite? Sabe o que significa um momento de contrição religiosa de um milionário?

OUTRO

Não.

MENDIGO

Egoísmo. Luta entre eles! Miséria!... Pior do que a nossa!

OUTRO

Do que a minha!...

MENDIGO

Sim, porque a minha faria inveja ao homem mais rico do mundo... A minha miséria é a miséria mais confortável que há.

OUTRO

Mas não me explicou ainda como foi obrigado a fazer fortuna.

MENDIGO

Pedindo e guardando. Fui obrigado a guardar, porque a sociedade me impedia de gastar. Esta roupa, que recebi como esmola, visto-a há 25 anos. Substituí-la por uma nova seria desmoralizar a minha profissão... Logo, fui obrigado a economizar, pelo menos, o valor de dois ternos por ano... cinquenta ternos. Vinte e cinco contos!

OUTRO

A quinhentos contos cada um?

MENDIGO

É quanto me custam agora... Obrigado a comer os restos de comida que os outros me davam, calculo a minha economia, por baixo, em seis contos diários... sem gorjetas...

OUTRO

(Fazendo cálculos) Cento e oitenta por mês... duas vezes nada, nada; duas vezes 8, 16; duas vezes 1, 2 e 1, 3; uma vez nada, nada; uma vez 8, 8; uma vez 1, 1; 6, 11 e vai 2. Dois contos cento e sessenta por ano...

MENDIGO

Em 25...

OUTRO

(Novos cálculos, balbuciando e contando pelos dedos)... Mais de cinquenta contos.

MENDIGO

Acrescente agora outras despesas, como cinemas, teatros, esportes e certos luxos que me pareceram inconvenientes para um mendigo, e compreenderá como pode um mendigo enriquecer e um rico empobrecer.

OUTRO

Tem razão.

MENDIGO

Nós vivemos acumulando as sobras da sociedade. E a sociedade pensa que as sobras não fazem falta... É a ilusão do lucro, porque não há lucro. O que há é uma necessidade menor no momento em que o dinheiro é maior. Quando a necessidade aumenta, o que era lucro passa a ser prejuízo. Se o senhor não tiver necessidade de comprar um automóvel, não sentirá falta do dinheiro que ele

custa. Se o senhor não tiver nenhuma necessidade, o dinheiro que tiver no bolso será lucro. É sobra. Pouco se lhe dá deitá-la fora. E nós, os mendigos, somos a lata de lixo da humanidade.

OUTRO

Mas o senhor é rico mesmo?!

MENDIGO

Sou. Mas não tenho culpa nenhuma disso...

OUTRO

É pretende continuar esmolando?

MENDIGO

Até o fim da vida. Não me dá trabalho nenhum... Não pago imposto, não estou sujeito a incêndio nem a falência...

OUTRO

Mas, se vivesse dos rendimentos, também não precisaria trabalhar. Por que não emprega o seu dinheiro na indústria, no comércio ou na lavoura?

MENDIGO

Para quê, se não tenho necessidade de arriscar meu capital?!

OUTRO

Em compensação, ganharia muito mais.

MENDIGO

Puro engano. O lucro maior não é a maior quantidade de dinheiro que sobra. No comércio ou na indústria, quem ganha mais precisa gastar mais. No meu caso, dá-se o contrário: quanto mais ganhar, menos preciso e devo gastar, para ganhar mais e mais. E depois, o que faço não é ganhar; é cobrar o que a sociedade me deve. E cobro humildemente, suavemente, em prestações módicas.

OUTRO

Quanto lhe deve a sociedade?

MENDIGO

Tanto quanto deveria caber a mim, se houvesse uma divisão "camarada".

OUTRO

Comigo essa gente tem sido muito caloteira...

MENDIGO

É que o senhor não sabe cobrar... Como é que o senhor pede uma esmola?

OUTRO

Como todos: "Uma esmola, pelo amor de Deus!..."

MENDIGO

Isso é passadismo!... Ninguém mais ouve esse pedido. Deus é uma palavra sem expressão. Quando se diz: "Ai, meu Deus!" – é como se estivesse dizendo: "Ora bolas!" O senhor nunca ouviu um ateu dizer: "Graças a Deus sou ateu"?

OUTRO

Já.

MENDIGO

Pois então? Hoje, poucos compreendem o valor dessa expressão. Fale em fome. Fome é mais impressionante. Há mais de trinta milhões de famintos no mundo! Mas fale em fome, sempre onde não haja pão nem comida.

OUTRO

Para quê?

MENDIGO

Para que eles lhe dêem dinheiro. O senhor, com certeza, tem mendigado a domicílio...

OUTRO

Realmente, sempre vivi percorrendo casas de família.

MENDIGO

É um mal. Quem mendiga a domicílio não faz carreira. Só dão pratos de comida e restos de pão. Adote o meu sistema. Especializei-me em transeuntes e portas de igreja em dia de missa de defunto rico. Leia os jornais. Pelos anúncios, calculo a fêria do dia.

OUTRO

E hoje, por que está aqui, a esta hora?

MENDIGO

O senhor não sabe? Bem se vê que o senhor não tem vocação para mendigo. E falta-lhe prática. Hoje é o dia do encerramento do mês de Maria. A igreja está repleta. *(Retirando um papel do bolso e lendo-o)* Aqui está a lista que o meu secretário apresentou: "Lotação completa: 850 pessoas".

OUTRO

O senhor tem secretário?

MENDIGO

Contratei um rapaz esperto, que percorre a cidade, lê jornais e lembra-me as datas. Às vezes estou tranqüilamente em casa, em minha biblioteca, metido num dos meus lindos *robes-de-chambre*, lendo Upton Sinclair, Karl Marx... quando recebo telefonema urgente. É o meu secretário, avisando sobre uma boa missa, um excelente casamento, uma festa popular, onde há maior número de generosos, segundo a sua psicologia.

OUTRO

O senhor tem uma organização perfeita!

MENDIGO

O serviço está bem organizado. Aqui nesta igreja, por exemplo, estão *(Lê)* "234 pessoas de luto, sendo 183 senhoras". Nota: "A maioria é de luto recente". *(Falando)* Luto recente é um grande sinal de generosidade. *(Lendo)* "86 solteironas."

(Falando) A solteirona é um grande amigo do mendigo. Quando a gente diz: "Deus lhe pague", ela vê logo um lindo rapaz caindo do céu por descuido... Mas é preciso que, ao pedir, a gente tenha um certo sorriso de bondade e malícia nos lábios... É uma esperança de casamento...

OUTRO

Vamos ao resto! Sinto que vou melhorar a minha vida!

MENDIGO

Vá por mim... *(Lendo)* "Comerciantes com cara de falência próxima, dezoito. Noivos e namorados com as respectivas, 96. O resto é gente chique, além de pecadores arrependidos." *(Falando)* O meu secretário é um grande psicólogo!

OUTRO

Está-se vendo!...

MENDIGO

Como vê, a fêria vai ser grande. Comerciante falido dá pouco, mas não deixa de dar: tem medo da miséria. Namorado dá dois mil-réis. Noivo dá dez tostões. Já tem mais intimidade com a pequena... Pecadores, em geral, dão níqueis...

OUTRO

O senhor nasceu mendigo!

MENDIGO

Não. Nasci trabalhador! Lutei muito pela vida! Luta desigual! Eu era um pobre operário, com a cabeça cheia de sonhos e os braços em constante movimento. Cheguei às portas da fortuna e não pude entrar, porque me bateram com a porta na cara!

OUTRO

Há muito tempo?

MENDIGO

Há 25 anos... Eu vou lhe contar... *(Apagam-se todas as luzes do teatro. O Mendigo é substituído por um figurante de igual tipo, que permanecerá em seu lugar. Ao mesmo tempo, sobe o telão, ocultando a igreja e deixando ver um tablado superior, provido de luzes fortes. À frente desse tablado cai uma cortina de gaze. As luzes da avant-scene ficam apagadas.)*

CENÁRIO DOTABLADO

(Um gabinete pobre. Móveis simples de sala de jantar. Lâmpada comum pendente de um fio. Ao subir o telão, está em cena Maria, cantarolando, feliz, enquanto arruma a mesa de jantar. Veste-se com extrema simplicidade, usa coque e chinelos, tudo como há 25 anos. São oito horas da noite. Logo batem à porta. Maria vai abrir. Entra um Senhor bem posto, com ares importantíssimos.

Maria limpa as mãos no avental para cumprimentá-lo. Ele nem se apercebe disso.)

SENHOR
Boa noite.

MARIA
Boa noite. *(Limpendo uma cadeira com o avental)*
Faça o favor de sentar-se.

SENHOR
(Risonho) Obrigado. Não tem curiosidade de saber quem sou eu?

MARIA
(Contente) Não perguntei ainda, porque o senhor está tão bem vestido...

SENHOR
Só por isso?...

MARIA
Só. O senhor deve ser muito importante e eu não sei se é falta de educação perguntar. *(Senhor sorri.)* Os hábitos das pessoas importantes são tão diferentes dos nossos...

SENHOR
São os mesmos, minha senhora. A educação é uma só.

MARIA
Pois eu acho que não é...

SENHOR
Por quê?

MARIA
Porque, pelos nossos hábitos, aperta-se a mão das pessoas...

SENHOR
As pessoas importantes, quando são educadas, também fazem isso...

MARIA
Mas o senhor não fez...

SENHOR
(Sorrindo e apertando-lhe a mão) Foi distração.
Boa noite.

MARIA
Boa noite. Posso perguntar?...

SENHOR
Pode.

MARIA
Quem é o senhor?

SENHOR
Sou o diretor das fábricas onde o seu marido trabalha.

MARIA
(Espantada) Ah! *(Limpendo a cadeira)* Faça o favor de sentar-se!

SENHOR
(Sentado) Muito obrigado. Não é preciso ficar afobada...

MARIA
(Reparando nele) Juca é um mentiroso!

SENHOR
Quem é Juca?

MARIA
Meu marido.

SENHOR
Por que é que ele é mentiroso?

MARIA
Ele me disse que o senhor tem cara de chimpanzé!

SENHOR
Oh! Você acha?

MARIA
Não. Não acho. Mas o senhor também não é como eu pensava.

SENHOR
Como é que você pensava?

MARIA
Pensava que o senhor fosse "milionário"!

SENHOR
Pois eu sou milionário.

MARIA
Ah! Então, os milionários são assim?

SENHOR
Assim como?

MARIA
Assim... Eu pensava que milionário andasse com roupas de ouro... chapéu de ouro... *(O Senhor sorri.)* O senhor come?

SENHOR
Como.

MARIA
Tem dores de cabeça?

SENHOR
Tenho...

MARIA
Tem rins?

SENHOR
Tenho...

MARIA
E doem?

SENHOR
Horripelmente!

MARIA
E o senhor, quando tem sede, bebe água?

SENHOR
Bebo.

MARIA
Tem pesadelos de noite?

SENHOR
Quase sempre! .

MARIA
Ora! *(Rindo)* Que tola! Eu vivia sonhando com

um milionário e, afinal, um milionário não vale nada!

SENHOR
(*Sorrindo*) Oh!...

MARIA
Prefiro o meu Juca!

SENHOR
Por quê?

MARIA
O meu Juca é muito diferente! Nunca tem dor de cabeça! Não tem dores nos rins e sonha sonhos lindos! Nunca teve um pesadelo!

SENHOR
É um homem feliz, o seu marido! Onde está ele?

MARIA
Não deve tardar. Ele agora fica na fábrica até mais tarde.

SENHOR
Já sei. Fazendo a experiência de um novo invento...

MARIA
O senhor já sabia?!

SENHOR
Já. É justamente para falar-lhe sobre isso que estou aqui.

MARIA
O senhor acha que ele pode ficar rico?

SENHOR
Mais do que eu!

MARIA
(*Contente*) Que bom! O aparelho é tão bonitinho, não é?

SENHOR
Só vendo...

MARIA
(*Indignada*) Pois eu vou mostrar ao senhor! (*Sai apressada. O Senhor levanta-se, visivelmente contente, e vai à porta de entrada espreitar. Maria volta trazendo um canudo de lata.*) Está tudo aqui neste canudo! (*Entregando.*) Faça o favor de ver! (*O Senhor retira os desenhos e examina-os rapidamente.*) O senhor está muito enganado! Juca é o homem mais inteligente do mundo!

SENHOR
Realmente, os desenhos estão perfeitos...

MARIA
Com essa máquina, um operário só faz o serviço de cem! Está tudo escrito por ele.

SENHOR
Você já leu?

MARIA
Não li, porque não sei; mas a letra é muito bonita. A papelada está guardada comigo. Juca só tem confiança em mim!

SENHOR
Vê-se logo!...

MARIA
Escondi tudo debaixo do colchão!

SENHOR
Mas eu não acredito que ele tenha uma letra bonita.

MARIA
Não acredita?

SENHOR
Não! Só vendo...

MARIA
Pois vai ver! (*Sai. O Senhor dobra os desenhos, guarda-os no bolso e tapa o canudo. Volta à porta para espreitar. Maria volta com um maço de papéis.*) Olha aqui! Onde é que o senhor viu uma letra mais bonita?

SENHOR
(*Apanhando os papéis*) Linda! Juca é um grande homem.

MARIA
Não é mesmo?

SENHOR
(*Lendo rapidamente*) E como escreve bem! (*Lendo alto, distraidamente*) "... o segredo está nas lançadeiras A e B, cujo movimento..." (*Continua a ler baixo.*)

MARIA
O senhor está lendo o segredo?!

SENHOR
Estou, mas eu sou um homem honrado!

MARIA
E o senhor dá a sua palavra de honra...?

SENHOR
De que sou honrado?

MARIA
É.

SENHOR
Dou. (*Dando-lhe papéis e canudo*) Mas você deve guardar isso direitinho e nunca mais mostrar a ninguém!

MARIA
Juca, quando sai de casa, me diz sempre isso.

SENHOR
Pois é. Há muita gente que não presta, espalhada por aí. E não diga ao seu marido que me mostrou esses papéis.

MARIA
Acha que fiz mal?

SENHOR
Não fez mal porque eu sou de confiança, mas ele ficaria zangado com você.

MARIA

Então, pelo amor de Deus, não conte a ninguém que eu lhe mostrei tudo!

SENHOR

Descanse... (*Risonho, mimando-lhe o queixo*) Se um dia ele brigar com você, você irá morar num palácio... terá vestidos de seda... jóias, um lindo cupê para passear...

MARIA

Tudo isso, se ele brigar comigo?

SENHOR

É... E muito mais ainda!...

MARIA

Quem é que dá?

SENHOR

Eu!

MARIA

Então não faz mal que ele zangue comigo?

SENHOR

Não! Mas não é hoje. Você deve fingir que não sabe de nada, deve lhe dar muitos beijos para que ele não desconfie!

MARIA

É assim que as pessoas importantes fazem?

SENHOR

E já estou informado de que está às portas.

MARIA

(*Apanhando os papéis e o canudo*) Que bom! Estou ficando importante! (*Sai apressada. O Senhor vai novamente à porta quando entra Juca, moço, 25 anos, vestido como os operários de 1905.*)

SENHOR

Boa noite.

JUCA

(*Desconfiado*) Boa noite... O senhor em minha casa?

SENHOR

(*Risonho*) Quis ter a honra de ser o primeiro a abraçá-lo.

JUCA

Por quê?

SENHOR

Então, trabalhando às escondidas...

JUCA

Espero que não venha cesurar-me por permanecer na fábrica depois de acabado o serviço...

SENHOR

Ao contrário! Sempre tive grandes simpatias por você.

JUCA

Obrigado.

SENHOR

E já estou informado de que estás às portas da fortuna, com o invento do novo tear.

JUCA

(*Modesto*) Qual! Um aparelhinho sugerido pela preguiça de um operário cansado...

SENHOR

Uma preguiça que faz o trabalho de cem operários...

JUCA

(*Alarmado*) Como é que o senhor sabe disso?!

SENHOR

Só assim o seu invento teria o valor que o meu gerente lhe atribui.

MARIA

(*Entrando, com vivacidade, maneiras "importantes", e beijando Juca muitas vezes*) Você já veio, Juca? Oh! Demorou tanto!

JUCA

(*Intrigado*) O senhor já havia falado com minha mulher?

SENHOR

Apenas tive tempo de perguntar-lhe por você...

JUCA

(*Meio atrevido*) Mas, afinal, que é que o senhor deseja de mim?

SENHOR

(*Enérgico*) Não se esqueça de que sou seu patrão! (*Juca encolhe-se humildemente.*) Não se julgue, por enquanto, um grande senhor! Seu invento será inútil sem o meu auxílio.

JUCA

Já tenho propostas de fábricas estrangeiras...

SENHOR

É a mesma história de todos os inventos nacionais... (*Sentando-se*) Sente-se! (*Juca não obedece.*) Sente-se!

JUCA

Peço-lhe que me dispense. Ficaria constrangido diante do patrão. (*O Senhor sorri.*)

MARIA

Sente, Juca! Você vai ficar mais rico do que ele.

JUCA

Quem foi que disse isso?!

MARIA

Ele mesmo!

JUCA

(*Desconfiado*) Ah!... (*Ao Senhor*) Acha, então, que vou enriquecer?

SENHOR

Se não for idiota!

JUCA

Como assim?

SENHOR

Transferindo o invento para mim, convencido de que não o poderia explorar.

JUCA

E depois?

SENHOR

Ser-lhe-ia garantida uma porcentagem sobre o excesso da produção...

JUCA

Isto que dizer...?

SENHOR

... que em pouco tempo você será milionário... à minha custa...

JUCA

À custa do meu invento...

SENHOR

Já lhe disse que o seu invento não vale nada... sem o meu auxílio!...

JUCA

(Indeciso) É... Mas... *(Senta-se, distraidamente.)*

Há três anos que venho perdendo noites inteiras... O meu salário tem sido consumido em experiências...

SENHOR

Pois agora terá a recompensa de todo o sacrifício!... *(Levantando-se)* Pense bem, para que amanhã não me procure arrependido... *(Vai sair. À porta, apalpa o bolso em que guardara os desenhos.)* Não se esqueça de que a sua felicidade está no meu bolso... Boa noite! *(Sai. Juca permanece pensativo.)*

MARIA

(Que foi até a porta e voltou) Você não desconfia de nada?

JUCA

Desconfio dele!...

MARIA

Que tolo! Devia desconfiar de mim...

JUCA

Por quê?

MARIA

(Depois de hesitar, num arroubo de sinceridade) Ora! Eu não dou para fingimentos de gente importante!

JUCA

Que é que você quer dizer com isso, Maria?!

MARIA

Eu mostrei tudo a ele!

JUCA

(Furioso) Heim?! Que é que você está me dizendo?!

MARIA

Não adianta ficar zangado, porque ele me prometeu palácios, vestidos de seda e tudo!

JUCA

Maria! Onde estão os meus papéis?! *(Sai a correr.)*

Maria corre à porta que dá para a rua e nela aparece o Senhor.)

SENHOR

Indiscreta...

MARIA

O senhor ainda está aí?

SENHOR

Estou sempre onde está o meu interesse...

JUCA

(Dentro, desesperado) Maria!!!

MARIA

Fuja, pelo amor de Deus!

SENHOR

Boa noite... menina... Fique pensando num lindo palácio... e nos vestidos de seda...

MARIA

(Nervosa) Agora não tenho tempo!

SENHOR

Boa noite... *(Sai.)*

JUCA

(Dentro) Maria! *(Maria permanece onde estava, aparvalhada. Juca entra, trazendo os papéis e o canudo, sem a tampa.)* Maria! Onde estão os meus desenhos?

MARIA

(Sem se mover) No canudo...

JUCA

(Atirando tudo ao chão) Foram roubados, Maria! Toda a nossa vida! *(Num ímpeto, a sair)* Canalha! Miserável! *(Sai a correr para a rua. Maria apanha o canudo, examina-o, atira-o sobre a mesa e apanha os papéis, amarrotando-os. Entra uma Mulher do Povo, vizinha.)*

MULHER

Que foi, Maria?

MARIA

Foi Juca!... Os desenhos... O palácio... Os vestidos de seda...

MULHER

(Espantada) Que é que você tem?

MARIA

Nada... *(Com expressão de louca)* Foi aquele homem!

MULHER

Que homem?

MARIA

(Idem) O diabo! Aquele homem era o diabo!

MULHER

Que é isso, Maria?

MARIA

Não sei! Tenho vontade de gritar!

MULHER

Por quê?

MARIA

Aquele homem!... O palácio!... Os vestidos!... As jóias!...

MULHER

Maria!

MARIA

(Delirando) Aqui é o meu palácio! Como é bonito! Está vendo a escadaria de mármore?

MULHER

(Sacudindo-a) Maria! Maria!

MARIA

Não me rasgue o vestido de seda! Você está com inveja!

MULHER

Coitada! *(Entra o Senhor.)*

MARIA

(Apontando-o) Olha o diabo! Foi ele que me deu este palácio! Não foi?

SENHOR

(Surpreso, mas sempre sorrindo) Foi. *(Toma-lhe os papéis.)* E agora? Vamos ao teatro? *(Pilheriando)* Vamos! Vá buscar sua toaleta mais rica.

MARIA

Aquela de pedras preciosas?

SENHOR

É... *(Maria sai, de busto erguido e ares importantes.)*

MULHER

Coitada! Enlouqueceu! Que foi, senhor?

SENHOR

Vítima de um marido possesso.

MULHER

O Juca?!

SENHOR

Foi preso agora mesmo, porque pretendeu assaltar-me para roubar, quando entrava no meu carro!

MULHER

Preso?!

SENHOR

Sim! E será processado como ladrão! *(Sai.)*

MULHER

Coitado! *(Olha para a porta por onde saiu Maria e sai. Em seguida, Maria entra, atravessa a cena, do quarto para a rua, da mesma maneira por que saíra, mas com uma toalha de mesa amarrada à cintura e arrastando, como cauda, outros trapos, e um chapéu de homem, com uma pena de espanador, à cabeça. Neste momento, torna a escurecer e reaparece a porta da igreja, onde já estão os mendigos novamente a conversar.)*

OUTRO

Enlouqueceu?

MENDIGO

Esteve no hospício durante muitos anos, convencida de que era a mulher mais rica do mundo!

OUTRO

E o senhor?

MENDIGO

Fui preso e condenado a seis anos de prisão celular, como assaltante!

OUTRO

Sofreu muito?

MENDIGO

Durante um ano. Depois compreendi que a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis... como a chuva, o vento, a tempestade... o dia e a noite... Tudo o que acontece é a vida. O senhor pode evitar que chova? Pode evitar que o vento, um dia, em furacão, arrase tudo?

OUTRO

Não!

MENDIGO

Pois as desgraças são também inevitáveis. *(Pausa)*

OUTRO

E Maria?

MENDIGO

Minha mulher? Visitei-a muitas vezes no hospício, depois que sai da prisão. Um dia a pobrezinha desapareceu. Dizem que anda pelas ruas a divertir os moleques.

OUTRO

Nunca mais a viu?

MENDIGO

Nunca.

OUTRO

Deve estar velha.

MENDIGO

Como eu...

OUTRO

Como é triste a sua vida, meu velho!...

MENDIGO

Triste? Não! É apenas Vida. Não há vida triste, nem alegre. Nós todos nascemos e morremos. O princípio e o fim de todos são iguais.

OUTRO

Mas viver não é nascer, nem morrer...

MENDIGO

Não. Viver é raciocinar. E o raciocínio é o supremo bem da vida. Quem raciocina não sofre... Pelo raciocínio, sabemos o fim de todas as coisas. A sociedade vai sofrer, porque não raciocina.

OUTRO

Como assim?

MENDIGO

A sociedade admitiu os vícios e as virtudes, quando os vícios e as virtudes não fazem parte da vida... Amor, ódio, saudade, egoísmo, honra, caráter e a própria caridade, da qual vivemos, são fantasias que andam por aí, dificultando a vida, quando a vida é tão simples. Viver é só respirar, comer, beber e dormir. E a própria natureza nos dá tudo.

OUTRO

É mesmo. Até agora não tinha pensado nisso.

MENDIGO

É que o senhor pensa que pensa, mas não pensa.

OUTRO

Realmente, complicaram muito a vida sem necessidade nenhuma!

MENDIGO

É por isso que eu abandonei a vida... essa vida complicada pelos outros. Vivo à margem. Sou espectador do sofrimento humano, e deixo que os homens lutem para livrar-se dos seus próprios erros. Não sou conviva desse grande banquete, obrigado a casaca e a outros suplícios. Contento-me com os restos que vão caindo da mesa... *(Neste momento entra uma linda e elegantíssima Mulher, que se dirige para a igreja, como se estivesse procurando alguém. O Mendigo esconde-se sob o chapéu.)*

OUTRO

(Suplicando) Favoreça a um pobre que tem fome! *(A Mulher Elegante dá e procura outro níquel na bolsa, para dar ao Mendigo, aproximando-se dele.)* Nossa Senhora a acompanhe!

MULHER ELEGANTE

Amém. *(Dá um níquel ao Mendigo e entra na igreja.)*

MENDIGO

Sabe quem é essa mulher?

OUTRO

Deve ser muito rica. Deu-me dois mil-réis.

MENDIGO

É a mulher que vive comigo...

OUTRO

E ela sabe que o senhor é mendigo?

MENDIGO

Não. Para ela sou um capitalista! E a um capitalista não se pergunta a profissão!

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

(Risonho) Porque é feio...

SEGUNDO ATO**CENÁRIO**

(A mesma porta de igreja do ato anterior. Ao subir o pano, os Mendigos estão afastados, um em cada extremidade da escada, em silêncio, recebendo, sem interesse e sem pedir, as esmolas das últimas pessoas que se retiram do templo. Apagam-se as luzes internas.)

OUTRO

Quanto fez o senhor?

MENDIGO

Um pouco menos do que esperava: 296\$400 réis... E o senhor?

OUTRO

Não contei ainda.

MENDIGO

E nem deve contar! Esses mendigos que contam a fêria na rua desmoralizam a classe. É por isso que alguns se tornam suspeitos.

OUTRO

Mas o senhor contou!...

MENDIGO

Perdão. Não contei. Fui somando, à proporção que caía. É o melhor sistema. Os transeuntes não devem ver o produto de uma colheita. Ficam com inveja, porque quase sempre têm no bolso menos do que nós. Mas, no chapéu, devem estar sempre à vista alguns níqueis: é o "índice"... É aquele ovo que se coloca no ninho das galinhas, para que elas tenham vontade de botar outros...

OUTRO

Eu deixo sempre seiscentos réis.

MENDIGO

É pouco. Deve deixar duas ou três pratinhas. Vendo só níqueis o transeunte não dá pratos. É como nas subscrições. Se quem abre a lista assina cinquenta mil-réis, os outros assinam, pelo menos, trinta. Lá para o finzinho é que aparecem as contribuições pequenas, que vão decrescendo na proporção da quantia inicial.

OUTRO

Estou ansioso para contar a fêria. Nunca fiz tanto dinheiro!

MENDIGO

Não conte. Siga os meus conselhos. De hoje em diante ficará sob minha proteção.

OUTRO

(Aproximando-se) Agradeço-lhe muito! Os outros colegas têm sido tão maus pra mim...

MENDIGO

É uma desunião horrível. Nós precisamos fundar o nosso sindicato. Mas o senhor será meu protegido.

OUTRO

Obrigado!

MENDIGO

Não agradeça. O que exijo é absoluta obediência, para que eu não sofra a mesma desilusão que tive com o meu último protegido.

OUTRO

Foi ingrato?

MENDIGO

Não. Foi idiota. Fiquei penalizado com a sua desobediência. Era um rapaz com todas as qualidades indispensáveis a um mendigo, e todas as condições físicas: magro... rosto encovado... olheiras... cabelos louros e finos. Era impressionante! Dava a impressão de filho de gente nobre arruinada. Belo exemplar de mendigo!...

OUTRO

E afinal?

MENDIGO

Abandonou a carreira, miseravelmente!

OUTRO

Como?

MENDIGO

Ofereceram-lhe um emprego público e o desgraçado aceitou!

OUTRO

Naturalmente! É como se tivesse tirado a sorte grande!

MENDIGO

Qual! Hoje é um infeliz: ganha um conto e duzentos por mês!

OUTRO

Belo ordenado!

MENDIGO

Ai! ai! O senhor começa mal. Assim, retiro-lhe a minha proteção!

OUTRO

Perdão! Eu queria dizer que... para um moço...

MENDIGO

Pois é de moço que se deve começar a pedir! O senhor não vê essas crianças de cinco a seis anos pedindo? Serão, no futuro, grandes, notáveis mendigos. Na nossa profissão é preciso começar cedo. Um conto e duzentos é um belo ordenado para um incapaz! Um homem inteligente nunca se conformará com um ordenado, por maior que ele seja! O emprego, com ordenado fixo, é o ideal do homem vencido pela vida. Os cargos públicos inutilizam os homens. E, se um dia são dispensados, desorientam-se; têm pavor da vida, sem a proteção do Estado. Às vezes, quando vejo passar o meu ex-protegido, acompanhando humildemente os figurões da República, tenho a

impressão de que ele está arrependido.

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque trocou a falsa humildade do mendigo por outra humildade que deve ser cada vez mais aperfeiçoada... se quiser “vencer”...

OUTRO

Vencer?...

MENDIGO

Vencer na vida... Vencer na vida, na opinião dele, é conquistar posições, sem lutar... É um efeito sem causa...

OUTRO

(Sorrindo) É uma espécie de “vitória” puxada a burros...

MENDIGO

Exatamente! É como os antigos carros que os táxis fizeram desaparecer. *(Pausa)*

OUTRO

(Bocejando) Acho que são horas de recolher...

MENDIGO

É cedo ainda.

OUTRO

A esta hora não passa ninguém por aqui...

MENDIGO

Em compensação a vida passa...

OUTRO

A vida não dá esmolas...

MENDIGO

Dá! Dá a grande esmola, que nem todos sabem recolher: experiência.

OUTRO

Lá isso é verdade. Mas não compreendo que o senhor se demore na rua sendo rico, tendo tanto conforto em sua casa...

MENDIGO

O conforto anda sempre comigo... *(Batendo na testa)* Está aqui! É muito melhor pensar no que a gente tem do que ver o que se vai perder um dia...

OUTRO

Pensa em morrer?!

MENDIGO

Não. Mas também não penso em viver. *(Sorri.)* Atingi o grau de perfeição do cavalo, que é o animal mais feliz do mundo!

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque não sabe que vai morrer!

OUTRO

(Sorrindo) Se me deixarem escolher, na outra encarnação serei cavalo!

MENDIGO

Bravos! Que bela inteligência! Menandro, poeta grego do IV século antes de Cristo, também disse isso!

OUTRO

O senhor sabe essas coisas?

MENDIGO

E tantas outras! Quando não estou esmolando, estou lendo.

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque ler também é esmolar. Os pobres de espírito pedem esmolas às inteligências opulentas!

OUTRO

Pelo que vejo, do que o senhor gosta mesmo é de conversar...

MENDIGO

Muito! É o melhor prazer da vida! Tenho muita pena dos mudos!

OUTRO

(Depois de pequena pausa) Vamos embora?

MENDIGO

Para onde, se estamos tão bem aqui?

OUTRO

Acho que são horas de recolher. Sua mulher deve estar esperando.

MENDIGO

Não. Minha mulher nunca espera por mim. Eu, sim, é que estou esperando por ela...

OUTRO

Ela voltará aqui?

MENDIGO

Não é aqui. É no tempo que eu a estou esperando. Ela é moça “ainda” e eu “já” sou velho. Minha velhice é definitiva. A juventude dela é provisória. Parei na velhice e estou esperando que ela envelheça, para sermos felizes.

OUTRO

Acha que vai demorar muito?

MENDIGO

Não. Vivendo comigo envelhecerá depressa. Velhice é mal contagioso. Além disso, tenho procurado convencê-la de que deve envelhecer com urgência, sugestionando-a, modificando-lhe a mentalidade.

OUTRO

Deve ser difícil!

MENDIGO

É fácil envelhecer o espírito das mulheres. E, quando o espírito envelhece, não há mocidade que resista.

OUTRO

Que idade ela tem?

MENDIGO

Vinte e oito anos... e já pensa como eu!

OUTRO

É curioso!

MENDIGO

Curioso e surpreendente! É como se tivesse conseguido reconciliar dois inimigos irreconciliáveis: a mulher e a velhice!

OUTRO

É mesmo!

MENDIGO

As rugas e os cabelos brancos são sempre mal recebidos... Entretanto, morrer na flor dos anos ninguém quer... As mulheres querem viver eternamente... mas sempre moças!

OUTRO

E a sua, está conformada?

MENDIGO

Conformada, não; mas está insensivelmente preparada para receber os primeiros sinais da velhice!

OUTRO

É uma grande felicidade!

MENDIGO

Diz bem, porque todas acham que envelhecer é castigo, quando em realidade é um convite à consciência para que se tornem mais puras ou menos impuras... Minha mulher tem medo de ser moça na minha presença.

OUTRO

Como foi que o senhor conseguiu esse milagre?

MENDIGO

O senhor está muito atrasado! Na Europa fabricam-se objetos antigos com a mesma perfeição com que o tempo prepara as mais preciosas raridades!

OUTRO

Mas são objetos...

MENDIGO

Oh! As mulheres, por si mesmas, já são “preciosidades”. Daí, para que sejam objetos raros, é só torná-las diferentes das outras.

OUTRO

E isso é fácil?

MENDIGO

Facilíssimo! Deformar o espírito é muito mais fácil. Basta a convivência com um espírito mais forte e já deformado... Onde há o maior, cessa o menor...

OUTRO

Deve ser interessante a sua vida.

MENDIGO

A outra vida? É agradável...

OUTRO

(*Meio embaraçado*) Sua mulher é... é...

MENDIGO

(*Sorrindo*) Fiel?

OUTRO

Sim. Porque...

MENDIGO

Porque lhe parece impossível...

OUTRO

Com franqueza... Acho impossível...

MENDIGO

Mas não é.

OUTRO

O senhor passa a vida vigiando-a?

MENDIGO

Não. Esgotando a curiosidade da mulher. A mulher é sempre vítima da curiosidade... Afastá-la dos homens é aproximá-la ainda mais.
(*Pequena pausa*) Um dia cheguei ao quarto que tenho alugado para vestir este “uniforme”, e estava tão cansado que adormeci sobre a esteira.

OUTRO

Não tem cama?

MENDIGO

Nesse quarto tenho um esteira... por causa da vizinhança... É um cortiço muito sórdido. Adormeci, e eram quatro horas da manhã quando despertei. Vesti-me e fui para casa...
(*Escurece o teatro. O Mendigo é substituído pelo figurante. Sobe o telão. Apresenta-se, como no ato anterior, o quadro no segundo tablado.*)

CENÁRIO DO QUADRO

(*Gabinete luxuoso: divã, mapples, fumoir, abajur de pé, etc. Ao iluminar-se o quadro, está a cena deserta. Logo entra Péricles da Silva, moço elegante, da alta sociedade, no seio da qual desfruta grande prestígio. Tem maneiras muito finas e gestos de requintada elegância. Traz o chapéu na mão e o sobretudo no braço. Vem alegre e seguido de Nancy, belo exemplar de mulher, ativa algumas vezes, e outras encantadoramente mimosa... Veste um lindo quimono.*)

PÉRICLES

(*Galante, consultando o relógio-pulseira*) São quatro horas da madrugada!

NANCY

Já?

PÉRICLES

Já... (*Beijando-lhe a mão*) Então... boa manhã... feliz madrugada...

NANCY

A boa madrugada já passou... Vêm agora os restos da madrugada... Sai com você a mocidade e chega daqui a pouco, com “ele”... (*Desanimada*) a velhice...

PÉRICLES

Já agora não será impertinência insistir na minha proposta...

NANCY

Nem de minha parte impertinência recusá-la mais uma vez...

PÉRICLES

Você está sugestionada por esse velho.

NANCY

(*Vagamente*) Não estou...

PÉRICLES

De outra maneira não se compreende que tenhamos conversado durante seis horas, sem o menor resultado a meu favor. E note-se que soube ser respeitoso, que é como se deve impressionar as mulheres...

NANCY

Foi respeitoso por cálculo?...

PÉRICLES

Não.

NANCY

Por galanteria?...

PÉRICLES

Também não. Fui respeitoso porque gosto de você!

NANCY

Gosta, apenas?...

PÉRICLES

Amo! Venero! E é por isso que sei respeitar.
(*Pequena pausa*) Pela última vez... antes que ele chegue...

NANCY

Já agora é impertinência...

PÉRICLES

Perdão! Mas entristece-me a certeza de que você gosta tanto de um velho que poderia ser meu avô!

NANCY

(*Sorrindo*) Não é do velho que eu gosto...

PÉRICLES

De quem é, então?

NANCY

De mim mesma... E foi ele quem me convenceu disso...

PÉRICLES

Por esperteza, aproveitando-se da sua ingenuidade!

NANCY

Não! Por inteligência... matando em mim toda a

ingenuidade!... E para o meu bem... para a minha felicidade.

PÉRICLES

E foi assim que você deixou de ser ingênuo?!

NANCY

Assim mesmo... Por convicção... Pretendo ser muito feliz assim. Todas as mulheres gostam dos outros... Eu... só gosto de mim... Só o amor consegue perturbar a felicidade. E a mulher deve amar, precisa amar, não pode fugir a esse sentimento... Só é feliz aquela que ama a si mesma!

PÉRICLES

Egoísmo!

NANCY

Não. Felicidade. Egoísmo é amar a outro, é querer para si, só para si, o que poderia ser de todos. E eu quero o que é meu, absolutamente meu – eu mesma!

PÉRICLES

Idéias loucas, de gente velha!

NANCY

Não. Ele diz que é uma nova compreensão de vida... E eu também compreendo-a assim...

PÉRICLES

Esse velho é terrível!

NANCY

Oh! É tão bom! Tão inteligente que, às vezes, me surpreendo com os seus cabelos brancos... Só pensa em mim... só fala de mim... por mim e para mim...

PÉRICLES

Egoísta...

NANCY

Ele?

PÉRICLES

E você também!

NANCY

Ele não. Não me quer para ele. Apenas quer que eu seja só minha. Quando me enteneço e peço-lhe que me beije, ele me aconselha a beijar-me a mim mesma, nos braços... porque, assim, tenho o prazer de beijar uma mulher bonita... e não há maior prazer do que beijar uma mulher bonita...

PÉRICLES

Velho idiota e perverso!

NANCY

Eu nasci sozinha, meu bom amigo...

PÉRICLES

E vive com um velho...

NANCY

Não. Vivo na casa de um velho... Não é a mesma coisa...

PÉRICLES

(*A sair*) Adeus, Nancy...

NANCY

(*Rindo muito*) Péricles! (*Péricles volta.*) Não se vá embora, sem saber que eu estou brincando.

PÉRICLES

(*Sorrindo*) Durante seis horas!...

NANCY

E é tão pouco!...

PÉRICLES

Acha pouco?!

NANCY

Vamos sentar. (*Sentam-se.*) Acho pouco porque é assim que tenho vivido, há três anos, com esse velho!

PÉRICLES

Que horror!

NANCY

Vida filosófica. Você não sabe que ele é filósofo?

PÉRICLES

Com aquele ar sereno, deve ser mesmo...

NANCY

E é. A filosofia é assim: a gente diz o que sente; ou outros sentem o que a gente não diz; e, afinal, a gente diz o que não sente e sente o que não diz.

PÉRICLES

Não compreendi.

NANCY

Pois é para não compreender mesmo. Se todos compreendessem, as grandes ciências, e até a metafísica, passariam de moda, como os tangos e os sambas...

PÉRICLES

Então, estivemos apenas filosofando?...

NANCY

Apenas... Tudo o que você me disser será respondido como o velho me responde a tudo: filosoficamente!

PÉRICLES

E, agora, podemos conversar como dois ignorantes, ou seja, como dois amorosos?

NANCY

Não. Sejamos apenas sinceros...

PÉRICLES

Confessando o meu amor, sou sincero. E você?

NANCY

Eu serei sincera se disser a você que não gosto de ninguém. Amo a vida.

PÉRICLES

Já li isso nos poetas. Mas, afinal, que é amar a vida?

NANCY

Não falo no sentido poético. Amar a vida é vivê-

la bem. (*Resoluta*) Em quatro palavras, Péricles: você não tem dinheiro!

PÉRICLES

Mas tenho posição social definida e um brilhante futuro!

NANCY

Brilhantes futuros já passaram de moda. Estamos na época dos presentes de brilhantes. Brilhante, só como presente; como adjetivo, nem para o futuro...

PÉRICLES

Então, ofereço a você uma situação na sociedade, para que juntos aguardemos o meu futuro, e você...

NANCY

Péricles, você é muito ingênuo! Não há mais futuro. Só há passado e presente. Antigamente, o futuro dos moços era presente dos velhos. Hoje, não é mais possível envelhecer como os velhos. O futuro foi abolido provisoriamente...

PÉRICLES

(*Irônico*) Você fala como um filósofo...

NANCY

E penso como eu mesma...

PÉRICLES

Pensa bem?

NANCY

Não sei se penso bem... Mas penso que a sua posição social é menos sedutora do que a fortuna do meu velho...

PÉRICLES

Acha, então, que devo enriquecer?

NANCY

Antes de mais nada. Os homens sem idoneidade não devem fazer declarações de amor.

PÉRICLES

E eu não sou idôneo?!

NANCY

Refiro-me à idoneidade financeira. Não é condição essencial em todos os contratos?

PÉRICLES

É.

NANCY

E o casamento não é um contrato?

PÉRICLES

Como tem sido nefasta a influência desse velho!

NANCY

Nefasta porque me ensinou a viver?... Os homens ficaram meio tontos depois que as mulheres aprenderam a raciocinar...

PÉRICLES

A raciocinar... como os homens...

NANCY

Exatamente! Somos iguais, meu velho!

PÉRICLES

(*Estremecendo*) Ainda não sou velho!

NANCY

E não ganha nada com isso! É melhor ser velho rico do que moço pobre.

PÉRICLES

Ser moço pobre é, pelo menos, romântico...

NANCY

O romantismo é um velho centenário. Nasceu em 1830 e anda caduco pelas ruas, a sofrer chacotas...

PÉRICLES

Voltamos a falar... filosoficamente...

NANCY

Não. Ainda estou falando financeiramente...

PÉRICLES

Insistentemente!

NANCY

(*Displícite*) Perfeitamente!

PÉRICLES

(*Levantando-se*) Nesse caso, um dia voltarei aqui com os bolsos cheios de argumentos, para convencê-la! (*Vai sair.*)

NANCY

E não se demore!

PÉRICLES

(*Da porta*) Até breve, Nancy!...

NANCY

Adeus! (*Péricles sai. Nancy fica a olhar fixamente para a porta.*) Coitado! (*Acariciando os braços e como se falasse com "eles"*) E você, Nancy? Você não será capaz de desistir das jóias e dos automóveis para dedicar-se a esse rapaz?... Ah! Não?! Ainda é cedo? Está bem! Você tem muito juizinho, Nancy... (*Deita-se no divã e, logo, entra Péricles, assustado.*)

PÉRICLES

Já estava no parque, para sair, quando o velho entrou. Vem aí!

NANCY

(*Calma*) Tem medo dele?

PÉRICLES

(*Nervoso*) Não... mas é que...

NANCY

(*Irônica*) Então, tem medo da velhice?...

PÉRICLES

Da minha, quando chegar, não terei...

NANCY

Sente-se e espere. Quero assistir a um encontro de duas épocas na mesma época...

PÉRICLES

Mas...

NANCY

Sente-se! (*Péricles senta-se e entra o Mendigo. Vem elegantemente vestido e é leve, como um jovem de trinta anos; não se espanta, não se assusta e nunca perde a linha. Péricles levanta-se e fica imóvel, meio nervoso.*)

MENDIGO

(*A Nancy*) Boa noite.

NANCY

(*Brincalhona*) Bom dia...

MENDIGO

Está fazendo mau juízo de mim?...

NANCY

Não... E você, de mim?...

MENDIGO

(*Olhando para Péricles*) Também não...

NANCY

(*Risonha*) Que maldade foi essa hoje?

MENDIGO

(*Galante*) Maldade?! (*Senta-se junto dela no divã.*)

NANCY

Sim... Obrigando-me a ter saudades... (*Gesto de ciúmes de Péricles, que continua de pé, meio gauche.*)

MENDIGO

Teve saudades?!...

NANCY

Não sei bem... Mas vou explicar. Pensei muito em você... Muito, muito mesmo... E como nunca sei onde você está... quando não está aqui, pensei só em você, porque não podia pensar nos lugares onde você passou...

MENDIGO

Ora... quando não estou aqui, estou nas ruas, em contato com os transeuntes...

NANCY

Com os transeuntes?

MENDIGO

Sim. São os meus melhores amigos...

NANCY

(*Sorrindo*) Você não é amigo de ninguém...

MENDIGO

Sou amigo da multidão... e a multidão é tudo!

NANCY

Só é amigo da multidão?...

MENDIGO

E de você... No mundo, só há você...

NANCY

E você...

MENDIGO

Nós dois... Ninguém mais existe... longe ou perto de nós... (*Gesto de Péricles*) Rio-me de toda essa gente chique que passa por mim. Coitados, não

sabem que já morreram... E morreram em pé.
(*Gesto mais violento de Péricles*)

NANCY

Sente-se, Péricles.

PÉRICLES

(*Sentando-se bruscamente*) Obrigado!

MENDIGO

(*Levantando-se*) Oh!... (*A Péricles, serenamente, mas sempre irônico*) O senhor é Péricles mesmo?!

PÉRICLES

(*Levantando-se*) Sim! Péricles!

MENDIGO

Muito prazer em conhecê-lo! Já o conhecia muito de nome!...

PÉRICLES

(*Mais à vontade e já risonho*) De onde?

MENDIGO

Da Grécia! (*Péricles desconcerta-se.*)

PÉRICLES

O senhor está enganado!

NANCY

(*Ao Mendigo*) Quero apresentá-lo a você... Meu amigo de infância...

MENDIGO

Oh! É então um velho amigo de minha mulher! A infância já está tão longe...

PÉRICLES

A sua...

MENDIGO

A nossa... Nós temos a mesma idade... Lembrou-me tanto da minha infância, como o senhor da sua... Acho até que sou mais moço do que o senhor...

NANCY

Por quê?

MENDIGO

Você já sabe. Lembre-se do velho lugar-comum. Às vezes, quanto mais velho é o corpo, mais moço é o espírito.

PÉRICLES

Talvez...

MENDIGO

Não; com certeza. Ser moço é ser forte, e eu sou mais forte que o senhor.

PÉRICLES

Velho assim?

MENDIGO

A velhice só enfraquece os animais irracionais... porque lhes falta inteligência para substituir a força bruta...

PÉRICLES

Ah!...

MENDIGO

O senhor não tem medo de um leão velho e desdentado...

PÉRICLES

Claro que não.

MENDIGO

Mas de um homem velho, cuja força moral e cuja inteligência ainda estejam vigorosas...

PÉRICLES

Não digo que não...

MENDIGO

Logo... é possível que eu seja mais moço do que o senhor... E, depois, o senhor é Péricles! (*Noutro tom*) O senhor é Péricles mesmo?

PÉRICLES

Já lhe disse: Péricles.

MENDIGO

Sente-se, Péricles! (*Péricles senta-se. A Nancy*) Estamos diante de Péricles!

NANCY

E que tem isso de extraordinário?!

MENDIGO

Oh! Você não sente que estamos sonhando?!

NANCY

Eu, não!

MENDIGO

Péricles em nossa casa, é sonho!

NANCY

Você está delirando!

MENDIGO

Não! Estou revivendo a minha primeira encarnação, no século de Péricles! Sabe que fui eu? Sócrates! O senhor não se lembra de mim?

PÉRICLES

(*Receoso, pensando tratar-se de um caso de loucura*) Como não!

MENDIGO

Lembra-se de Fídias, de Sófocles, de Eurípedes, Aristófanes, Hipócrates, Platão, Xenofonte?

PÉRICLES

(*Idem*) Oh! Tanto!...

MENDIGO

Que foi feito de Tucídides?

PÉRICLES

Nunca mais o vi!...

MENDIGO

(*A Nancy*) Estamos diante de um grande estadista e guerreiro destemido!

NANCY

(*Descrente*) Péricles?!

MENDIGO

Sim! Péricles! (*A Péricles*) E seu pai? Como vai o velho Xantipo, o vencedor dos persas em Mycale?

PÉRICLES

Está bom, obrigado.

MENDIGO

Bons tempos aqueles! (*A Nancy*) Era prodigioso o esplendor das artes na Atenas de Péricles! Através dos séculos, ficou deslumbrando o mundo o sol da civilização que dali irradiou. Nomes imortais, como os de nenhum outro povo, atestam a preeminência da raça helênica em todas as concepções do espírito e dão lustre inesquecível aos tempos que, por toda a posteridade, ficaram consagrados com o nome de "Século de Péricles"! (*Voltando-se rapidamente para Péricles*) Mas o senhor é Péricles mesmo?

PÉRICLES

(*Idem*) Sou, sim senhor!

NANCY

É Péricles sim!

MENDIGO

Havemos de comemorar a noite de hoje! Dê-me o seu chapéu e o seu sobretudo! (*Retira-os das mãos de Péricles, que está entre aparvalhado e medroso. Senta-se.*) Depois que o senhor morreu... fui muito infeliz! A democracia ateniense instaurou processo contra mim e fui condenado a beber cicuta!

PÉRICLES

(*Penalizado*) Oh!...

MENDIGO

Mas posso garantir que morri serenamente, como um justo!

PÉRICLES

Acredito...

MENDIGO

(*Depois de pequena pausa*) Mas o senhor é Péricles mesmo?!

PÉRICLES

Sou! Péricles da Silva, um seu criado!

MENDIGO

Da Silva?

PÉRICLES

Da Silva, sim senhor!

MENDIGO

Oh! Então o senhor não é o filho de Xantipo, o vencedor dos persas?!

PÉRICLES

Não! Por que se admira?

MENDIGO

Porque o grande ateniense era apenas Péricles! E o senhor é Péricles da Silva! (*Noutro tom*) Desculpe o engano... Eu devia ter notado logo que o senhor é como esses Florianos Peixotos de Castro, Ruis Barbosas de Almeida e Joaquina Nabucos de

Souza, que andam por aí carregando nomes ilustres, inconscientemente... Estamos, com efeito, num outro "Século de Péricles"... o seu século...
(*Aponta para ele.*)

NANCY

Não se esqueça de que Péricles é meu amigo de infância!

MENDIGO

Conversaremos, então, como bons amigos. Deixarei de ser Sócrates!...

NANCY

(*A Péricles*) Devo prevenir a você que meu amigo é bonzinho... Apenas não quis interromper a brincadeira, para que você pudesse observar o quanto o meu filósofo é alegre e chistoso!

PÉRICLES

Diga antes que não quis poupar-me o susto por que passei...

NANCY

Assustou-se?!

PÉRICLES

Não era para menos...

NANCY

Pois comigo é sempre assim...

PÉRICLES

(*Irônico*) O senhor ainda é filósofo?

MENDIGO

Não há mais filósofos, meu caro. A sabedoria humana está muito espalhada. Hoje, todos sabem tudo. Não há mais segredos, nem mistérios. O último dos ignorantes julga-se capaz de salvar a humanidade. Ninguém mais aprende. Todos ensinam.

PÉRICLES

Mas eu confesso que não sei nada...

MENDIGO

Por pilhéria. No íntimo, pensa que sabe tudo.
(*Põe a mão, subitamente, sobre o baço, isto é, no lado esquerdo da barriga, como se tivesse sido acometido de uma dor forte.*) Ai! Ai!

NANCY

Que foi?!

PÉRICLES

Deve ser no fígado! É fácil de curar-se. É bom tomar...

MENDIGO

O senhor é médico?

PÉRICLES

Não.

MENDIGO

(*Sorrindo*) Entretanto pensa que entende de medicina e chega a querer receitar!...

PÉRICLES

(*Sorrindo*) É verdade...

MENDIGO

São todos assim! Advirto-lhe, entretanto, que o fígado é aqui e eu coloquei a mão aqui, sobre o baço.

NANCY

Tem graça...

PÉRICLES

Realmente, não há quem não pretenda entender de medicina.

MENDIGO

De tudo, meu amigo, de tudo. De arte, então, nem se fala!... E de política ainda é pior. O senhor conhece alguém que não tenha idéias para salvar o Brasil?

PÉRICLES

Não. Idéias não faltam por aí...

MENDIGO

Idéias... e nada mais. Por quê?

PÉRICLES

Porque o povo é incontentável!

MENDIGO

Na sua opinião. O que o povo quer é a coisa mais simples deste mundo.

PÉRICLES

Que é?

MENDIGO

A supressão de uma palavra do dicionário.

PÉRICLES

Qual?

NANCY

Miséria!

PÉRICLES

Só isso?

MENDIGO

Só.

PÉRICLES

E o senhor acha que a felicidade está na supressão dessa palavra?

MENDIGO

Não sei se acho, mas é tão fácil experimentar...

NANCY

Nesse caso, eu proporia a supressão de mais uma palavra...

MENDIGO

Qual é?

NANCY

Amor!...

MENDIGO

Não! Amor é a palavra mais bonita do dicionário. O que é preciso é reintegrá-la no seu verdadeiro sentido.

NANCY

Mas o amor tem cinco sentidos...

MENDIGO

(*Olhando para Péricles*) Além dos sentidos figurados... Pois suprimamos aquela palavra e veremos como todas se reajustarão, inclusive o amor.

NANCY

E a felicidade?

MENDIGO

Felicidade é a palavra inspiradora. Se ela não existisse, com todas as suas inocentes seduções, talvez a humanidade fosse feliz, como são felizes aqueles que não sabem distinguir o bem do mal...

NANCY

E o egoísmo?

MENDIGO

Egoísmo é o grande obstáculo! É o castelo feudal em cuja arca está guardada essa palavra abominável – miséria!

PÉRICLES

Se não me engano, pela sua maneira de falar, o senhor é comunista!

MENDIGO

Psiu! Silêncio! Comunismo é palavra que quer entrar para o dicionário, com escalas pela polícia...

PÉRICLES

Então, é por isso que toda gente tem medo dessa palavra?...

NANCY

E haverá razão para tanto medo?

MENDIGO

Há! O comunismo é como aquele boneco de palha de que a gente tem medo quando é criança.

NANCY

Não entendi.

MENDIGO

Havia em minha casa, quando eu era pequeno, um boneco de palha, com o qual minha mãe me obrigava a dormir mais cedo. Eu tinha um terror pânico do boneco. Um dia, distraidamente, sentei-me em cima do manipanso.

NANCY

Que horror!

PÉRICLES

Deu um salto, assustadíssimo?!

MENDIGO

Não. Quando percebi que o esmagara, retirei-o do suplício, examinei-o bem e compreendi, por mim mesmo, que o boneco de palha era incapaz de fazer mal às crianças. Ajeitei a barriguinha dele e tornei-me o seu maior amigo.

NANCY

E a sua mãe?

MENDIGO

Minha mãe ficou meio encabulada. Mas eu fui incapaz de chamá-la de mentirosa. O comunismo é o boneco de palha das crianças grandes.

PÉRICLES

Tem razão. Quando ouço falar nisso, penso logo num velho feio, barbado, de nariz torto, e vesgo!

MENDIGO

Compreendo. Se o senhor me encontrasse à porta de uma igreja, pedindo esmolos, seria capaz de pensar que eu sou... quem sou?

PÉRICLES

Não.

NANCY

Mas isso é um absurdo!

MENDIGO

Tanto quanto é absurda a idéia do senhor Péricles... da Silva... O maior absurdo é a própria realidade.

NANCY

Realidade não é absurdo.

MENDIGO

Logo... não há absurdo... Tudo é real. Até o que imaginamos. Ninguém consegue imaginar fora da realidade. Do nada não é possível tirar nada...

NANCY

Nesse caso, seria possível prever-se o futuro.

MENDIGO

O futuro não se prevê; vê-se-o, querendo...

PÉRICLES

Como assim?

MENDIGO

Como ensinava Anatole France. O futuro é igual ao passado. Da mesma maneira por que o senhor vê vagamente o passado, pode ver o futuro. O senhor sabe que o sol vai nascer amanhã, como nasceu ontem. Se quiser raciocinar, saberá o resto.

PÉRICLES

Dá muito trabalho...

MENDIGO

Realmente. O senhor, certamente, é dos que acham que ignorar é a suprema felicidade. O senhor sabe ler?

PÉRICLES

Sou bacharel em Direito!

MENDIGO

Não. Estou perguntando se sabe ler.

PÉRICLES

Sei.

MENDIGO

Para quê?

PÉRICLES

Para viver melhor.

MENDIGO

Pois não parece...

PÉRICLES

Peço perdão ao sábio...

MENDIGO

Os sábios não condenam a ignorância. Respeitam-na. Adão, antes do pecado original, era o homem mais feliz do mundo!

NANCY

Porque era o único...

MENDIGO

Pois foi depois que vieram os outros que ele se tornou infeliz. Hoje, homem feliz é *avis rara*.

NANCY

E mulheres felizes? Também não há?

MENDIGO

Há muitas... no céu... As onze mil virgens...

NANCY

Só?!

MENDIGO

Só. As outras não alcançaram o bom tempo...

PÉRICLES

Hoje é o tempo do dinheiro... *(Olhando para Nancy, intencionalmente)* Só é feliz quem tem dinheiro...

MENDIGO

O senhor sabe o que está dizendo?

PÉRICLES

(Baixando a cabeça) Sei... E sobre isso desejaria falar com o senhor em particular. *(Pausa. O Mendigo olha para Péricles e para Nancy, que também está muito comprometida.)*

NANCY

Nesse caso, com licença. *(Sai. Pausa.)*

MENDIGO

(Ansioso, depois de olhar para a porta por onde saiu Nancy) Vamos! Fale, rapaz!

PÉRICLES

O senhor jura que guardará segredo?!

MENDIGO

Ninguém é capaz de guardar um segredo, senão por conveniência!

PÉRICLES

Então, serei o maior dos desgraçados! Boa noite! *(Vai sair.)*

MENDIGO

(Enérgico) Rapaz! *(Péricles volta-se.)* Nem pense em deixar esta casa sem revelar esse segredo!

PÉRICLES

Mas, senhor, seria expor a minha vida à pior desgraça, sem ao menos a garantia de um simples juramento...

MENDIGO

(Misterioso, ansioso, segurando-o pelo braço) É ridículo jurar, mas juro! Diga!

PÉRICLES

(Choroso) Sou irmão de Nancy!

MENDIGO

(Desinteressando-se) Ora...

PÉRICLES

Mas não é tudo!

MENDIGO

Heim?!

PÉRICLES

Preciso de cem contos de réis por 24 horas!

MENDIGO

(Calmo) Sente-se aí. *(Péricles obedece.)* Gosto de casos escabrosos...

PÉRICLES

Eu vou contar...

MENDIGO

Não é preciso. Nancy tem vergonha de ser sua irmã...

PÉRICLES

Tem...

MENDIGO

E tem razões para isso...

PÉRICLES

Tem...

MENDIGO

Já sei. Em que banco está “trabalhando”?

PÉRICLES

No Banco de Crédito Agrário.

MENDIGO

É caixa?

PÉRICLES

Sou.

MENDIGO

Amanhã é dia de balanço...?

PÉRICLES

É.

MENDIGO

Balanço é o diabo... Um desfalque de cem contos...

PÉRICLES

Noventa e oito...

MENDIGO

Um pequenino engano a meu favor... Pretende repor o dinheiro durante o balanço...?

PÉRICLES

Pretendo.

MENDIGO
E depois?

PÉRICLES
Fugir...

MENDIGO
(*Canalha*) Sem dinheiro?... (*Péricles baixa a cabeça e não responde.*) Menino, a terra é pequena demais para conter, sequer, a idéia de fugir... Sossegue o espírito. Por Nancy, sou capaz até de pedir esmolas... Que absurdo, heim?... Reponha os cem contos e, depois do balanço, volte aqui...

PÉRICLES
Com o dinheiro?

MENDIGO
Sem o dinheiro...

PÉRICLES
(*Beijando-lhe a mão*) Muito obrigado! Muito obrigado! (*Mendigo vai sair.*) Que vai fazer?

MENDIGO
Buscar o dinheiro. Toda a minha fortuna está dentro de casa. Não confio nos bancos... Não acha que tenho razão?

PÉRICLES
(*Baixando a cabeça*) Acho... (*O Mendigo vai sair.*) Um momento, senhor! (*O Mendigo volta-se.*) Pelo amor de Deus, não conte nada a Nancy!

MENDIGO
Descanse. A ela só não poupo o desgosto da minha velhice... porque não posso... (*Sai. Péricles fica olhando para a porta, absorto. Passeia, nervoso, sorri, esfrega as mãos, até que o Mendigo volta, trazendo dois pacotes de dinheiro. Péricles retoma a atitude anterior. Ao Mendigo, entregando-lhe os pacotes:*) Cinquenta... e cem.

PÉRICLES
Obrigado!

MENDIGO
Guarde isto nos bolsos do sobretudo. (*Péricles guarda um pacote em cada bolso, dos de fora.*) Chegue mais cedo ao banco. Não fique nervoso.

PÉRICLES
Sim.

MENDIGO
Até amanhã. Nancy virá despedir-se de você.

PÉRICLES
Até amanhã.

MENDIGO
(*Saindo*) Juízo... Fugir... Não é negócio.

PÉRICLES
Até amanhã. (*Mendigo sai. Péricles ajeita o sobretudo sobre a cadeira e entra Nancy.*)

NANCY
Que foi que você disse?

PÉRICLES
Nada... Pretendia confessar-lhe que te amo. Mas seria cruel e inútil...

NANCY
Inútil, por quê?

PÉRICLES
Porque tu não me amas!

NANCY
Amo-te, sim, Péricles. Mas amo-te tão conscientemente que, para não te fazer sofrer, prefiro viver longe de ti, na companhia desse podre velho... riquíssimo...

PÉRICLES
O dinheiro e a vaidade serão mais fortes do que o amor?

NANCY
O dinheiro, não; mas a vaidade é! E vaidade sem dinheiro é cretinice...

PÉRICLES
Nancy! Quanto vale a minha mocidade?

NANCY
Nada! Por enquanto, nada! Mocidade sem dinheiro equivale a operário sem trabalho... Quando muito, a mocidade pode aumentar o valor do dinheiro que possua...

PÉRICLES
Quanto valem cem contos, na minha mão?...

NANCY
Para mim?...

PÉRICLES
Sim...

NANCY
Muito... Um tostão de um moço pobre vale mais do que um conto de um velho rico... Já podes saber quanto valem cem contos na tua mão.

PÉRICLES
Que bom se eu tivesse cem contos...

NANCY
Fugiríamos, e seríamos as duas criaturas mais felizes do mundo!...

PÉRICLES
Fugiríamos?

NANCY
Sim! Fugiríamos! E todas as vezes que eu recebesse de tuas mãos um pouco desse dinheiro, pensaria que a felicidade depende do dinheiro, mas não está no dinheiro. Está no amor! No amor, que é bem comum, mas que os donos do mundo açambarcaram e tornaram inacessível, como o custo da própria vida!

PÉRICLES
Não, Nancy! O amor é como o ar, a água e o céu! O amor é de todos!

NANCY

Inocente!... O amor pertence ao dinheiro e o dinheiro a meia dúzia. Para amar é preciso viver, e para viver é preciso pagar um tributo aos donos da vida!

PÉRICLES

A vida é nossa, Nancy!

NANCY

A vida é de todos, mas está nas mãos deles. Se eu correspondesse ao teu amor, tu serias um ladrão do amor que vendi a esse velho.

PÉRICLES

E por que vendeste o teu amor?

NANCY

Para viver!

PÉRICLES

Há tantos meios de viver...

NANCY

Quando os donos da vida consentem. Os destinos estão nas suas mãos. Fazem a felicidade de uns, por interesse, e, por interesse, fazem a infelicidade de outros. Ninguém é feliz, ladrão ou assassino por vontade própria.

PÉRICLES

Pois então, Nancy, roubemos um pouco de felicidade para nós!

NANCY

É tão difícil...

PÉRICLES

Não é! Amanhã terei cem contos!

NANCY

De quem?

PÉRICLES

Meus!

NANCY

Mentira!

PÉRICLES

Juro!

NANCY

Enlouqueceste?!

PÉRICLES

Não! Também tenho direito de viver!

NANCY

Pérides!

PÉRICLES

Amanhã?

NANCY

Amanhã!...

PÉRICLES

(Da porta) Quanto valem cem contos na minha mão?

NANCY

Toda a nossa felicidade, que não é nossa!

PÉRICLES

Mas que havemos de roubar!

NANCY

E o dinheiro?

PÉRICLES

Será nosso, como é nossa a felicidade que está nas mãos dos donos da vida! (Escurece. Voltamos novamente à porta da igreja. Quando a cena se ilumina, já o Mendigo está sentado em seu lugar, ao lado do Outro.)

OUTRO

Fugir! Que bobagem!

MENDIGÓ

O senhor está fazendo progressos...

OUTRO

Compreendi perfeitamente que fugir não adianta.

MENDIGÓ

A Terra é uma grande penitenciária, meu amigo. Só quando somos encerrados nos cubículos escuros dos cemitérios é que somos postos em liberdade. Só foge quem se suicida!

OUTRO

Neste mundo ninguém vive em liberdade?

MENDIGÓ

Ninguém! Que é liberdade?

OUTRO

É andar à vontade, podendo fazer o que quiser.

MENDIGÓ

Os penitenciários também ficam em liberdade, dentro dos cubículos...

OUTRO

Mas os cubículos são muito acanhados...

MENDIGÓ

Um pouco menores do que os nossos...

OUTRO

(Sorrindo) O meu é grande!...

MENDIGÓ

O seu é do tamanho das ruas da cidade. E as ruas da cidade, para o senhor, são muito menores do que os cubículos, para os presos...

OUTRO

Pelo menos, aqui fora, tenho de fazer força para viver...

MENDIGÓ

O senhor é um dos mais infelizes penitenciários da vida.

OUTRO

Mas vivo em liberdade...

MENDIGÓ

Liberdade é coisa que talvez o senhor nunca tivesse conhecido...

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque liberdade é felicidade e nada mais...
Nunca ouviu falar de condenados que, terminada a pena, pedem para ficar na prisão?

OUTRO

Já! Já!

MENDIGO

Pois então?

OUTRO

Mas a todos parece que só é feliz quem está fora da prisão.

MENDIGO

É porque ninguém tem prestado atenção à vida, senão agora. Quem é mais feliz, na sua opinião: um homem condenado a galés perpétuas ou um homem, em liberdade, condenado a morrer de fome?

OUTRO

Ora... É melhor morrer do que viver preso a vida inteira!

MENDIGO

Então é mais feliz um homem condenado à morte do que um homem condenado a morrer de fome.

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque ambos morrem. Um morre na miséria, inocentemente. E o outro, que procurou a morte, cometendo um crime, morre cercado de todo o conforto, depois de satisfeitas todas as suas vontades, por mais absurdas que sejam...

OUTRO

O senhor é terrível!

MENDIGO

Eu?! Terrível é a vida...

OUTRO

Para o senhor, por pior que a vida seja, é sempre um prazer...

MENDIGO

Por quê?

OUTRO

Porque nem a mulher o faz sofrer...

MENDIGO

Porque a mulher, que é invencível, rende-se à inteligência...

OUTRO

Nem sempre... Confesso que estou ansioso por conhecer o fim da história.

MENDIGO

As histórias não têm fim. As personagens é que acabam. As histórias continuam, com a entrada de personagens novas. Vida, meu amigo, Vida. *(Pausa)*

OUTRO

O senhor quer dizer que aquele rapaz morreu?

MENDIGO

Não, porque não morrerá, sem pagar o que me deve. *(Péricles atravessa a cena. Os mendigos estendem os chapéus. Péricles deixa cair uma pratinha de mil-réis no chapéu do Mendigo.)* Deus lhe pague... *(Péricles sai.)* Sabe quem é?

OUTRO

Não.

MENDIGO

É o rapaz. *(Mostrando a moeda)* Deu-me dez tostões por conta...

TERCEIRO ATO**CENÁRIO**

(A mesma porta de igreja dos dois atos anteriores. Ao subir o pano, o Mendigo e o Outro estão na mesma situação de sempre.)

OUTRO

A história da sua vida é muito mais complicada do que a história da própria vida.

MENDIGO

O senhor diz isso porque não conhece a história da vida... É muito mais simples do que a história de cada um de nós...

OUTRO

Desconheço-a. Li muitos livros de história, mas em nenhum encontrei a história da vida...

MENDIGO

Não é nos livros que se lê essa história. Há muita gente interessada em ocultá-la, para que os homens como o senhor suponham que a vida sempre foi como é e que há de ser eternamente assim.

OUTRO

De que serve saber como foi se a gente não pode fazer voltar o passado?

MENDIGO

Mas pode-se estabelecer um presente melhor. *(Pausa)*

OUTRO

(Interessado) Conte-me lá como foi a vida...

MENDIGO

Já lhe interessa?

OUTRO

Interessa-me, contada pelo senhor... O senhor inventa umas coisas curiosíssimas...

MENDIGO

A verdadeira vida é tão diferente desta que vivemos, que ao senhor parece invencionice minha...

OUTRO

Se não é, parece mesmo...

MENDIGO

O senhor não pensa.

OUTRO

Penso.

MENDIGO

Não pensa. O senhor pensa que pensa.

OUTRO

É isso mesmo...

MENDIGO

Se o senhor pensasse, chegaria às conclusões a que cheguei. Sabe quantos são os reinos da natureza?

OUTRO

Ah! Isso eu sei! São três: animal, vegetal e mineral. (*Contente*) Viu?

MENDIGO

Muito bem!... São as três vidas. E nenhuma delas escapou à tirania dos homens. Os animais foram atrelados às carroças dos homens; foram atrelados às carroças que lhes transportam a fortuna; os vegetais e minerais foram trancafiados nos armazéns para forçar a alta dos preços. E até a água, coitadinha, foi engarrafada!

OUTRO

Que nos resta, então?

MENDIGO

O ar, meu amigo, o ar. Mas se a vida continuar assim, eles conseguirão, por intermédio da ciência oficial, monopolizar esse elemento, e teremos de comprar balões de ar para viver, como os moribundos compram balões de oxigênio para prolongar a vida!

OUTRO

Então, a ciência é inimiga do homem?

MENDIGO

Não. O homem é que é inimigo do próprio homem. Inimigo de si mesmo. O inventor da guilhotina foi guilhotinado...

OUTRO

Bem feito!

MENDIGO

E tudo o mais tem sido assim. Todas as armas dos homens foram fornecidas pelas suas próprias vítimas. Os capitalistas não inventam nada. Aproveitam-se das invenções dos outros. Homens inúteis, que se utilizam de tudo!

OUTRO

E de quem é a culpa, se todos temos o mesmo direito à vida?

MENDIGO

A culpa é dos egoístas, que sabem que a Natureza deu a todos a mesma vida, impondo as mesmas

necessidades, e privam a maioria da satisfação dessas necessidades.

OUTRO

Nesse caso não há remédio.

MENDIGO

Há. Basta que se corrijam essas desigualdades por meio de nova organização.

OUTRO

Mas não é justo que um “burro” tenha a mesma vida de um inteligente...

MENDIGO

Mas se todos dependemos uns dos outros, se os inteligentes dependem dos “burros”, é justo que aos “burros” seja dado o mesmo direito de viver. Se o carroceiro não der capim ao burro, não terá quem lhe puxe a carroça.

OUTRO

Isso é diferente.

MENDIGO

É o que lhe parece. O capitalista vive do povo consumidor. Mas se ele reduz o povo à miséria, o povo não poderá consumir.

OUTRO

Explique melhor.

MENDIGO

O operário produz na fábrica aquilo mesmo que terá de comprar para viver. O dono da fábrica armazena a sua produção. Os preços sobem. O operário fica impossibilitado de comprar. A produção armazenada aumenta. O dono é obrigado a fechar a fábrica. O operário fica privado do que produziu, mas em compensação o dono da fábrica não tem quem lhe compre a produção. A vida pára. O operário morre às portas do armazém e o dono da fábrica morre dentro do armazém, como o avarento que morreu asfixiado dentro do próprio cofre... Entendeu?

OUTRO

Entendi. Mas continuo a dizer que não há outro remédio.

MENDIGO

Há. O senhor conhece a história do cavalo do inglês?

OUTRO

Conheço. Quando o cavalo já estava quase habituado a viver sem comer, morreu...

MENDIGO

Exatamente. Os próprios ingleses passaram a dizer que os fatos são obstinados. Ninguém pode lutar contra a força lenta e sutil dos fatos.

OUTRO

Mas os fatos são sempre os mesmos.

MENDIGO

Eis aí por que não adianta fugir à compreensão dos fatos. A instituição da mentira, pelo primeiro mistificador da humanidade, só serviu para criar um regime de ilusões e tornar falsa a vida, como toda a gente sabe e proclama. Todos se queixam de que a vida é falsa, todos lamentam os aborrecimentos causados pelo convencionalismo da vida, e anseiam o conforto que nos traz a verdade, mas ninguém tem coragem de violar o código do Bom-Tom!...

OUTRO

Que código é esse?

MENDIGO

É a única lei social que a burguesia respeita... Obriga as pessoas a uma série de coisas horríveis, que são feitas com muito prazer...

OUTRO

Coisa de gente rica...

MENDIGO

... Que os pequenos burgueses procuram imitar para causar pena a quem lhes observe o ridículo. Os pequenos burgueses, aqueles que ainda estão morrendo de fome, vivem, exteriormente, como os ricos: comem as mesmas comidas, vestem as mesmas roupas, andam nos mesmos automóveis... dormem nas mesmas camas... os ricos à custa dos pobres, os pobres à custa da própria miséria... Como são ridículos os pequenos burgueses.

OUTRO

Ridículos são os que têm vergonha de ser pobres.

MENDIGO

Os pobres de luxo. Aqueles que empenham os móveis para ir ao Municipal. (*Noutro tom*) Meu amigo, quem não passa fome e tem roupinha melhor para vestir finge que é rico. A humanidade se compõe de miseráveis, falsos ricos e ricos falsos. A pior classe é a dos falsos ricos. Sofrem mais do que os miseráveis... como nós... (*Sorrindo*) como o senhor... sofrem, mas fingem que não sofrem. Daí a impressão de que não há necessidade de melhorar a vida. A grande maioria tem vergonha de dizer que sofre. O sofrimento para eles é coisa mesquinha. Preferem sofrer calados a ter de confessar a própria miséria, para vir um dia a deixar de sofrer.

OUTRO

Isso é verdade... Conheci uma família que não tinha o que comer, mas, da minha casa, do lado, ouvia-se todas as manhãs barulho de garfo em prato de louça, como se estivessem batendo ovos para fazer fritada...

MENDIGO

A grande maioria é assim. Mentem que são felizes e que não precisam de nada, precisando de tudo. Aqueles que mais concorrem para aumentar a minha fortuna são os que pagam à inteligência o pesado tributo da burrice...

OUTRO

Se todos pensassem como o senhor...

MENDIGO

Todos pensam como eu, mas há uma coisa que atrapalha o pensamento...

OUTRO

Que é?

MENDIGO

O medo. Medo moral das coisas invisíveis. Os homens só têm medo daquilo que não vêem...

OUTRO

Medo de Deus?

MENDIGO

É. Ninguém cumpre o que Deus determinou pela palavra do Messias. Mas como o dinheiro resolve tudo, compram o perdão de Deus, por nosso intermédio.

OUTRO

O que faz falta é uma religião perfeita.

MENDIGO

Todas as religiões são perfeitas. Os homens é que são imperfeitos. Funde-se uma seita que forneça à hora da comunhão, ao invés da hóstia, um suculento bife com batatas, e veremos como não lhe faltarão adeptos.

OUTRO

Eu garanto que ia comungar todos os dias...

MENDIGO

Claro. Todos querem resultados imediatos. Entretanto, se todos os crentes refletissem um pouco no sério compromisso que assumem ao rezar um "Padre Nosso", poucos seriam capazes de repetir aquelas palavras: "Perdoai, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores..." Quem é que perdoa dívidas, seu Barata? As próprias religiões são intransigentes. O suicida não tem direito à missa...

OUTRO

E o senhor acha que Deus concorda com isso?

MENDIGO

Não tem outro remédio. Pois se os homens colocaram-se acima d'Ele, arrogando-se o direito de resolver sobre os casos omissos.

OUTRO

Mas, afinal, quem é que fala em nome de Deus?

MENDIGO

Todos, menos aqueles que obedecem cegamente. Que importa que tenham existido Buda, Confúcio, Sócrates e Platão? Se um dia convocassem um congresso de todas as igrejas para discutir os pontos controversos, acabariam por negar a existência de Deus...

OUTRO

É por isso que se diz que sobre religião não se deve discutir.

MENDIGO

Maomé era analfabeto, e chegou a ser um deus, embrulhando os mais letrados do seu tempo... Os pretos velhos, ignorantes, tornam-se afamados macumbeiros e governam a vida dos homens mais ilustres. À porta das cartomantes mais brancas param os mais luxuosos automóveis...

OUTRO

Por quê?

MENDIGO

Porque a infelicidade anula tudo. O infeliz é sempre candidato à superstição. E o supersticioso é o maior ignorante, embora tenha sido um sábio. O infeliz não crê em nada do que já sabe, para crer em tudo o que os outros dizem que sabem...

OUTRO

O senhor fala assim e, no entanto, é um grande infeliz.

MENDIGO

O senhor está enganado.

OUTRO

Mas a sua mulher...

MENDIGO

Minha mulher é que é infeliz.

OUTRO

O senhor quer dizer que ela não encontrou a felicidade naquele rapaz?

MENDIGO

A felicidade dela está comigo. Convenci-a de que a felicidade dela está no dinheiro, porque dinheiro é o que não me falta. Os homens devem conduzir os desejos da mulher para tudo o que eles possam dar. Um poeta faminto é feliz com a mulher porque a convenceu de que a suprema felicidade está na miséria. A mulher só deseja o que o homem lhe sugere.

OUTRO

É o senhor conseguiu bons resultados com esse processo?

MENDIGO

O senhor verá. No dia seguinte, o rapaz, que levava cem contos meus, voltou... (*Escurece a*

cena. Desaparece a igreja e apresenta-se no tablado superior a mesma cena do ato anterior. A cena está deserta e logo entra Péricles. São sete horas da noite. Ele vem com o mesmo sobretudo do ato anterior. Vai à porta e chama a medo.)

PÉRICLES

Nancy! Nancy!

NANCY

(*Entrando*) Que horas são?

PÉRICLES

Sete e meia.

NANCY

É cedo. O velho ainda não voltou.

PÉRICLES

Tanto melhor.

NANCY

Não! Não fugirei sem despedir-me dele.

PÉRICLES

Quem foge não se despede, Nancy!

NANCY

Mas eu quero ouvir-lhe ainda uma vez a voz e enriquecer com mais alguns ensinamentos a grande bagagem de experiências que levarei comigo.

PÉRICLES

Esse velho é muito perigoso, Nancy. Tenho medo de que ele te sugestione.

NANCY

Não há perigo. Tu és moço e a mocidade é muito mais sugestionadora. (*Transição*) Trouxeste o dinheiro?

PÉRICLES

Cem contos, Nancy! Cem contos para comprar toda a felicidade do mundo!

NANCY

(*Abraçando-o*) Viajaremos! Novas terras, novas vidas! Quero viver muito! (*Transição*) Onde está o dinheiro?

PÉRICLES

Está aqui! (*Retirando os pacotes dos bolsos do sobretudo*) Guarda-o contigo!

NANCY

(*Recebendo-o*) É meu! Que fortuna! Cem contos, amor e mocidade!

PÉRICLES

Nancy, que te falta agora?

NANCY

Fugir! Remoçar na tua companhia!

PÉRICLES

Pois então não percamos um só minuto!

NANCY

Não. Quero primeiro mostrar-me independente aos olhos daquele velho, e dar às minhas frases o

mesmo sentido que ele dá a todas as que me diz. Cem contos! Meus! Só meus! Como é boa a sensação da posse sem o horror do sacrifício!

PÉRICLES

(*Amoroso*) Nancy!

NANCY

Péricles, meu bom Péricles!!

PÉRICLES

Vamos, Nancy!

NANCY

Não. Volta daqui há pouco. Estarei pronta para a conquista da felicidade!

PÉRICLES

Até já!

NANCY

Até já! (*Péricles sai.*) Cem contos! Meus! Só meus! (*Guarda os pacotes dentro de um jarro e, quando vai sair, entra o Mendigo.*)

MENDIGO

Nancy!

NANCY

Você?

MENDIGO

Eu e você! Toda a vida dentro desta sala!

NANCY

E lá fora não há mais nada?

MENDIGO

Nada!

NANCY

Não há mais ninguém lá fora?

MENDIGO

Ninguém! Os homens que passam pela vida já acabaram de passar. Eu fiquei junto de você, porque você é a vida!

NANCY

E a felicidade? Não está lá fora?

MENDIGO

Está. Mandou lembranças para você. Encontrei-a à porta de uma igreja, pedindo esmolas. A ilusão, que passara antes de mim, dera-lhe uma fortuna.

NANCY

E a felicidade permaneceu à porta da igreja?

MENDIGO

Permaneceu. A felicidade é muito inteligente e sabe que o dinheiro da ilusão ou é falso ou é roubado.

NANCY

Como assim?!

MENDIGO

Porque elas são amigas íntimas e entendem-se perfeitamente. (*Nancy fica meio preocupada.*) E, agora, chega de filosofia. (*Beija-a.*) Péricles já esteve aqui?

NANCY

Não...

MENDIGO

Ingrato...

NANCY

Por quê?!

MENDIGO

Pedi-lhe que voltasse.

NANCY

Para quê?!

MENDIGO

Quero regenerá-lo, para que você não se envergonhe dele.

NANCY

Heim?!

MENDIGO

Nancy, na minha vida só há lugar para uma mentira, a grande mentira que é a verdade da vida que nunca te revelarei. Tua felicidade há de ser perfeita. Ontem dei cem contos ao Péricles para que ele repusesse na caixa do banco em que trabalha a importância de um desfalque.

NANCY

Heim?!

MENDIGO

Péricles queria devolver-me o dinheiro hoje, mas achei prudente que o banco fosse indenizado, para evitar que ele realizasse um plano de fuga, que traçara.

NANCY

(*Desalentada, sentindo fugir-lhe a felicidade*) Pois bem. Péricles está regenerado e preferiu devolver-te o dinheiro.

MENDIGO

Então, esteve aqui?

NANCY

Esteve.

MENDIGO

E o dinheiro?

NANCY

(*Despejando o jarro*) Está aqui.

MENDIGO

(*Depois de apanhar os pacotes e colocá-los sobre o divã*) Bom rapaz, o Péricles!

NANCY

(*Com amargura irônica*) Então, a felicidade mandou-me lembranças, depois de receber uma fortuna das mãos da ilusão?

MENDIGO

(*Carinhoso*) Mandou... Você não gosta dela?

NANCY

Gosto. Mas sou inimiga da ilusão... (*Noutro tom*)

Sente-se aqui. (*Sentam-se.*) Você acredita na força do destino?

MENDIGO

Acredito na força. No destino não.

NANCY

Por quê?

MENDIGO

Porque o seu destino devia ser diferente do meu... Você mesma deve sentir-se impelida para uma vida diferente da minha...

NANCY

Sinto-me. Mas há uma força, que me parece a força do destino, que me prende a você.

MENDIGO

Não é destino. É a força da inteligência. Viver é desejar. Gostar da vida é ter os desejos satisfeitos. (*Intencional*) Você gosta da vida... Seria absurdo pretender que você gostasse de mim. Então, consegui que você gostasse da vida, desta vida que só eu posso dar a você.

NANCY

Dinheiro, tantos podem dar...

MENDIGO

Mas nem todos sabem dar... (*Pausa*)

NANCY

Quem é você?

MENDIGO

Eu sou eu mesmo. Igual aos outros e diferente de todos.

NANCY

De onde veio?

MENDIGO

De onde vieram todos.

NANCY

Tem certeza?

MENDIGO

Nunca tive a curiosidade de Nero... Aceito o que se diz sobre a minha origem, que não dependeu de mim, para que me sobre tempo de pensar no meu destino, que só depende de mim.

NANCY

Mas eu quero saber quem é você.

MENDIGO

Eu sou este que está aqui... Aquele que está lá fora é outro...

NANCY

Aquele que está lá fora?!

MENDIGO

Sim. Este mesmo que está aqui lá fora é outro.

NANCY

É justamente o que quero saber. Quem é você quando está lá fora?

MENDIGO

Um elemento da multidão. Que importa a você a multidão?

NANCY

Mas onde é que você trabalha?

MENDIGO

Na rua.

NANCY

Fazendo o quê?

MENDIGO

A caridade...

NANCY

Dando esmolas?

MENDIGO

Ou recebendo-as.

NANCY

Não consigo entender.

MENDIGO

Eu sou uma espécie de pia de água benta, onde toda a gente vai benzer-se para se livrar dos males. Junto de cada pia de água benta há uma caixinha onde se deposita o preço das graças divinas...

NANCY

Começo a ter medo de suas blagues!

MENDIGO

Medo?

NANCY

Medo, sim. Quisera que você fosse como os outros e que falasse como os outros, sem mistérios.

MENDIGO

Se eu falasse como os outros, seria banal. E um velho banal não interessa nem a si mesmo. Hei de conservar a sua felicidade enquanto gostar de você. Se eu perguntar o que você sente por mim, você não responderá. Não é amor. Nem medo. É uma curiosidade inexplicável, que os outros chamariam de sugestão. Os ignorantes chamariam de força magnética. Uma mulher de estalagem diria que tenho parte com o Diabo...

NANCY

Eu mesma não sei o que me prende a você. Às vezes, penso que é uma grande amizade.

MENDIGO

Não é. A amizade é inimiga dos instintos. Você não está presa a mim. Está presa à incerteza, à dúvida. E a dúvida sou eu. Se me revelasse, você teria raiva de mim, sendo eu tão bom para você...

NANCY

(*Levantando-se*) Não há nada pior do que a dúvida... (*Sai lentamente. O Mendigo sorri, satisfeito.*)

PÉRICLES

(Entrando) Nancy! (Vendo o Mendigo) Oh!

MENDIGO

Boa noite, Péricles...

PÉRICLES

(Meio confuso) Venho agradecer o favor de ontem.

MENDIGO

Sim. Mas estou muito zangado com você...

PÉRICLES

Por quê?

MENDIGO

Porque me trouxe o dinheiro, quando lhe disse que não era preciso? (Péricles vê os pacotes sobre o divã e fica apavorado.) Este dinheiro é seu, Péricles. (Levantando-se) Leve-o para o banco. Você está reabilitado... Nancy já sabe de tudo. Até amanhã. (Sai. Péricles escancara os olhos, a olhar para o dinheiro e para a porta. Sofre a pior das indecisões. Afinal, apanha os pacotes e vai sair, resolutamente, quando Nancy aparece.)

NANCY

Péricles! (Péricles volta-se e deixa cair das mãos os dois pacotes.) Como é perigosa a conquista da felicidade... (Afastando com os pés os pacotes de dinheiro) Como é inútil o dinheiro dos infelizes. Tenho a impressão de que sou uma lata de lixo, onde se atiram papéis sujos. Sabes quanto valem cem contos nas tuas mãos?

PÉRICLES

Não, Nancy! Não!

NANCY

Nada. Não tens a impressão de que “isto” que aqui está nem chega a ser dinheiro? (Apanhando um pacote) Estas notas são promessas. (Lendo) “No Tesouro Nacional se pagará em ouro...” Ninguém vai buscar o ouro. Todos trocam estas promessas por um pouco de felicidade... E onde está a felicidade, Péricles?

PÉRICLES

Não sei, Nancy! Não sei! Talvez esteja nas mãos desse velho miserável, a quem pertence este dinheiro!

MENDIGO

(Que entrou a tempo de ouvir estas últimas palavras) Não, Péricles. Este dinheiro é seu. Comprei com ele um pouquinho de felicidade para Nancy.

NANCY

Com ele você comprou a desgraça desse rapaz!

MENDIGO

Por quê? (A Péricles) O dinheiro não chegou a tempo?

PÉRICLES

(Num impulso) O senhor, que é tão bom, tão justo e tão inteligente, há de saber perdoar-me. Não sou irmão de Nancy!

MENDIGO

Heim?!

PÉRICLES

Concebi esta chantagem para fugir com ela!

(Pausa) Sou apenas um apaixonado!

MENDIGO

Meus pêsames... (A Nancy) E você?

NANCY

(Baixando a cabeça) Uma infeliz...

MENDIGO

E julgam que seriam felizes só com este dinheiro? Pois bem. (Batendo no ombro de Péricles) O dinheiro é seu... E... Nancy também é sua... O dinheiro um dia voltará para mim... E Nancy. (Vai sair.) Boa noite. Sejam felizes. (Nancy intercepta-o.) Já sei... continua a dúvida no seu espírito.

NANCY

Horrível!

MENDIGO

Para a sua completa liberdade, falta ainda dissipar a ilusão com que tenho mantido você junto de mim. Sentem-se. (Péricles e Nancy sentam-se.) Eu sou um reles mendigo de porta de igreja. (Nancy e Péricles sorriem.) As grandes verdades são tão absurdas que é muito difícil acreditar-se nelas.

NANCY

Mas o senhor é mesmo mendigo?

MENDIGO

Falso mendigo. Os verdadeiros mendigos são os que me dão esmolas.

PÉRICLES

Então, disfarça-se muito bem para esmolar!

MENDIGO

Não. Apenas troco a roupa e ponho as barbas.

PÉRICLES

Só?!

MENDIGO

O senhor acha pouco, mas sabe que é com as roupas que se consegue iludir, à primeira vista...

PÉRICLES

E não teme ser descoberto?

MENDIGO

Não. O dinheiro encobre todas as misérias.

(Pausa. Nancy e Péricles entreolham-se e olham ao mesmo tempo para os pacotes de dinheiro.)

NANCY

Você é mesmo mendigo?

MENDIGO

Sou, Nancy. E não pense mais em mim. Entre um velho mendigo e um moço, cheio de prestígio social, uma mulher como você não deve hesitar. Fique com ele. É o último conselho que lhe dou. Um dia, quando lhes faltar um pouquinho mais de felicidade, percorram as igrejas e onde eu estiver poderei vendê-la a troco de um tostão. Boa noite. *(Sai para a rua e Nancy e Péricles ficam imóveis.)*

NANCY

Mendigo! Falso mendigo!

PÉRICLES

Acha que devemos aceitar a esmola que nos deu?

NANCY

Não seria demais se a aceitássemos, pois tenho vivido dela!

PÉRICLES

Vê, Nancy, todo dinheiro é vil. Este, que eu pretendia roubar, fora roubado aos pouquinhos. Não deves continuar procurando a felicidade no dinheiro. Todo ele é assim. Se não é roubado, é ganho. E quando é ganho, nem sempre poderá dizer-se que não é roubado. O dinheiro honesto não vai além do estritamente necessário para viver. O juro, o ágio, a percentagem, todo o dinheiro ganho com o dinheiro, é vil. A felicidade está no amor, que é o que mais tenho pra te dar.

NANCY

Amor...

PÉRICLES

Prestígio social! Não te seduz o brilho dos salões? Não te empolga a galanteria dos homens finos? De que serve a tua beleza, longe do convívio da sociedade? Que vale todo este conforto, sem a espiritualidade do *grand monde*, que sabe fazer justiça à vaidade?

NANCY

Chega! Sinto que a minha cabeça está girando, girando... Que coisa terrível é a mentalidade! Estou sendo vítima da mentalidade que esse velho me impôs!

PÉRICLES

Mera sugestão, Nancy. Reflete bem.

NANCY

Não! Só sei refletir com a figura desse velho a orientar-me o pensamento. Preciso esquecê-lo! Quero esquecê-lo!

PÉRICLES

Viajaremos.

NANCY

Não. Há mendigos por toda parte! Vejo uma escadaria imensa, com um velho pedinte em cada

degrau! Nunca mais, Péricles! Nunca mais hei de esquecer! É preferível morrer! Abomino a velhice! Abomino o dinheiro! Abomino a esmola! E, apesar disso, sinto uma atração terrível pela vida misteriosa desse velho!

PÉRICLES

Estás nervosa, Nancy. Dedicar-te ao meu amor e esquecerás tudo!

NANCY

Amor, prestígio, tudo o que me ofereces é efêmero. Só há uma coisa eterna: é a inteligência! Amor, beleza, fortuna, nada resiste à força da inteligência!

PÉRICLES

Isto quer dizer que, fascinada pela inteligência desse velho, preferes viver na companhia de um miserável mistificador, um pedinte desprezível, que alimenta a tua vaidade e o teu conforto com os restos que a humanidade despeja no seu chapéu?

NANCY

Um mendigo! Um homem diferente de todos os que procuram ser bem iguais aos seus semelhantes! Como tudo isso é novo na minha vida!

PÉRICLES

Como tudo isso é asqueroso!

NANCY

Meu pobre velho! *(Noutro tom)* Vai, Péricles! Vai e leva contigo os últimos pedaços de ilusão que a tua mocidade vinha deixando aqui.

PÉRICLES

Nancy!

NANCY

Vai! *(Péricles está saindo lentamente e pára à porta.)* A felicidade mandou-me lembranças... Vou procurá-la para agradecer... Vai! *(Péricles sai. Escurece. Estamos, finalmente, na porta da igreja. O Mendigo volta ao seu lugar.)*

OUTRO

E o senhor julga-a capaz de fugir com o moço?

MENDIGO

Não sei. Cumpri o meu dever.

OUTRO

Como assim?

MENDIGO

Acho que o dever do homem, em relação à mulher, é torná-la feliz.

OUTRO

E ela será feliz com o rapaz?

MENDIGO

Ofereci-lhe o que dependia de mim. O resto dependerá dela.

OUTRO

Há quanto tempo se deu isso?

MENDIGO

Hoje, às oito horas da noite. Deixei-os em minha casa, fui ao quarto mudar este “fardamento” e vim para aqui.

OUTRO

Então, quando ela passou por aqui, ainda há pouco, devia estar à sua procura?

MENDIGO

Certamente.

OUTRO

E por que não se deu a conhecer?

MENDIGO

Para que ela tenha bastante tempo de refletir sobre a sua felicidade.

OUTRO

E por que confessou que vivia da mendicância?

MENDIGO

Para que fosse bem maior o contraste entre mim e o outro.

OUTRO

Só por isso?

MENDIGO

E por vingança também. Para uma mulher, vaidosa como todas as mulheres, deve ser doloroso ter vivido com um mendigo. Tornei-a feliz, tanto quanto pude. E, agora, fiz-lhe nascer um verdadeiro horror pela felicidade! A figura do mendigo nunca mais lhe sairá da cabeça! Nunca mais poderá transpor a porta de uma igreja! Nunca mais dará esmolas! E há de ter nojo do dinheiro! Ora, mendigos, igrejas e dinheiro há por toda a parte!

OUTRO

Ela esquecerá.

MENDIGO

Não acredito. Para viver, há de reconciliar-se com tudo isso, e essa reconciliação será impossível sem a minha assistência. *(Pequena pausa)*

OUTRO

Que horas serão?

MENDIGO

Meia-noite, mais ou menos.

OUTRO

Por onde andaré ela, coitadinha?

MENDIGO

Fazendo a via-sacra pelas igrejas...

OUTRO

Acredita que continue a procurar o senhor?

MENDIGO

Se não tivesse certeza disso, não a teria deixado a sós com o rapaz. De longe, seria muito maior a minha influência sobre ela. Deixei-a pensando na grande revelação que lhe fiz. E, assim, trouxe-lhe o pensamento para aqui. Todos os argumentos do rapaz serão inúteis diante da sugestão da minha ausência.

OUTRO

O senhor é mesmo terrível!

MENDIGO

Pontos de vista...

OUTRO

(Procurando distinguir alguém) Não será ela?

MENDIGO

(Certificando-se) É. Agora, pode dizer que eu sou terrível.

OUTRO

A pobrezinha já vem cansada!

MENDIGO

Silêncio! *(Tomam ambos atitude de pedintes. Nancy entra e pára um pouco distante do Mendigo. Traz os dois pacotes de dinheiro embrulhados. Procura reconhecer o Mendigo. Este tem o chapéu na cabeça. Mas passa um transeunte e o Mendigo é obrigado a descobrir-se.)* Uma esmola para um pobre velho que tem fome... *(O transeunte deixa cair uma moeda no chapéu.)* Nossa Senhora que o proteja!

NANCY

(Que o reconheceu, aproxima-se.) Você está com fome mesmo?

MENDIGO

Não, Nancy. Quem tem fome é este meu colega. *(Nancy retira uma moeda da bolsa e deixa-a cair no chapéu do Outro.)*

OUTRO

Que Deus lhe dê a felicidade que deseja. *(Passa outro transeunte.)*

MENDIGO

Uma esmola para um desgraçado que não come há três dias... *(O transeunte dá.)* Deus lhe pague... *(Nancy passa diante do Mendigo e este estende-lhe o chapéu.)* Uma esmola pelo amor de Deus... *(Nancy atira-lhe o embrulho de dinheiro e vai sair, mas pára adiante.)* Favoreça um desgraçado com um pouquinho de felicidade!... *(O Outro levanta-se e vai buscar Nancy, puxando-a pela mão até junto do Mendigo. Depois levanta-o e aproxima os dois para que se abracem. Eles abraçam-se. O Mendigo, ao Outro:)* Deus lhe pague... Barata. Deus lhe pague...

FIM

A MORTA

Oswald de Andrade

PERSONAGENS

O Poeta
 Beatriz
 A Outra
 O Hierofante
 A Enfermeira Sonâmbula
 O Turista Precoce
 O Polícia Poliglota
 A Criança-de-Esmalte
 Seus Pais
 Horácio
 O Cremador
 O Juiz
 Uma Roupa de Homem
 Grupo de Cremadores
 Grupo de Conservadores de Cadáver
 Mortos
 Vivos
 O Rádio-Patrolha
 A Dama das Camélias
 O Atleta Completo
 A Senhora Ministra
 Caronte
 O Urubu de Edgard

Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar vossas tradições e a vossa moral, ide chamar os bombeiros ou, se preferirdes, a polícia! Somos como vós mesmos, um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acesa do mundo!

(A cena se desenvolve também na platéia. O único ser em ação viva é a Enfermeira, sentada no centro do palco, em um banco metálico, demonstrando a extrema fadiga de um fim de vigília noturna. Ao fundo, arde uma lareira solitária. Está-se num cenáculo de marfim, unido, recebendo a luz inquieta do fogo. Em torno da Enfermeira, acham-se colocados sobre quatro tronos altos, sem tocar o solo, quatro marionetes, fantasmais e mudas, que gesticulam exorbitantemente as suas aflições, indicadas pelas falas. Estas partem de microfones,

colocados em dois camarotes opostos no meio da platéia. No camarote da direita, estão Beatriz, despida, e a Outra, num manto de negra castidade que a recobre da cabeça aos pés. No da esquerda, o Poeta e o Hierofante, caracterizados com extrema vulgaridade. Expressam-se todos estáticos, sem um gesto e em câmara lenta, esperando que as marionetes a eles correspondentes executem a mímica de suas vozes. Sobre os quatro personagens da platéia jorram refletores no teatro escuro. É um panorama de análise.)

I QUADRO

A OUTRA
 Somos um colar truncado.

O POETA
 Quatro lirismos...

BEATRIZ
 É um só lírio doente...

O POETA

Num país dissociado...

A OUTRA

Da existência estanque...

BEATRIZ

Não te assustes, Outra!

A OUTRA

Sou a imagem impassível onde ondulam tuas cargas...

BEATRIZ

Minha imagem frustrada.

A OUTRA

O silêncio é necessário à nossa amizade.

O POETA

Toda mudez termina no útero de amanhã.

A OUTRA

Estão batendo.

O POETA

Aqui não há portas.

BEATRIZ

Abre aquela porta.

O POETA

No meio da mágica.

BEATRIZ

Nunca se sabe quem é que está batendo.

A OUTRA

É perigoso abrir-se toda a porta.

O POETA

A porta dá sempre na jaula.

BEATRIZ

Só o papa pode abrir.

O POETA

O que haverá atrás de uma porta?

A OUTRA

Abre a porta! *Chi lo sá!*

O POETA

Pode ser a girafa, o oficial de justiça, a metralhadora, a poesia!

BEATRIZ

Nunca abra.

A OUTRA

Eu me jogo seminua da minha posição social abaixo.

BEATRIZ

Entras pela janela equívoca do meu ser, poeta!

O POETA

Ês o belo horrível!

A OUTRA

Praticamente este edifício só tem forros fechados. Habitamos uma cidade sem luz direta – o teatro.

O POETA

Se te atirasses do primeiro impulso não morrerias inteira.

BEATRIZ

Permaneceria aleijada e bela diante de ti, vendendo pedaços de meu espetáculo.

A OUTRA

Ganharíamos dinheiro.

BEATRIZ

Me arrastarias torta e bela pelas ruas como a tua musa quebrada.

A OUTRA

Seria a irradiação do meu clima!

O POETA

Qual dos crimes?

BEATRIZ

Fui violada como uma virgem!

A OUTRA

Estão batendo outra vez, escutem...

O POETA

Vou abrir. Não vou.

BEATRIZ

Tens medo que seja um personagem novo!

O POETA

Ou de cair num país de fauna mirrada...

O HIEROFANTE

Não é preciso abrir, eu já estava aqui.

BEATRIZ

É o meu professor de jiu-jítsu.

A OUTRA

Deite-se porque a sua camisola é de vidro.

BEATRIZ

Me ame! Por favor!

O HIEROFANTE

Faze-te gostar por um velho com dinheiro...

O POETA

Este quarto está incrustado de febres.

BEATRIZ

Eu sou uma grande flor no leito de um açude...

O HIEROFANTE

Bon giorno!

BEATRIZ

Me ame por caridade!

O HIEROFANTE

Onde estamos, em que capítulo?

O POETA

Hospital? Óvulo? Teia de aranha?

BEATRIZ

Navegamos num rio preso!

A OUTRA

Tenho medo de ser um cadáver em vez de dois seres vivos!

O HIEROFANTE

Forneço a consciência dos incuráveis.

O POETA

A volta ao trauma...

A ENFERMEIRA SONÂMBULA

(*Levanta-se devagar ao fundo.*) Madre, na calada de uma noite de enfermagem; esgano o doente que me confiaste. (*Senta-se.*)

BEATRIZ

(*Soluçando*) Ai! Conceda-me o último beijo! Ai! Não quero morrer sem o último beijo!

A OUTRA

Não admito que faça isso de barulho! Morra como Napoleão.

BEATRIZ

Querem transformar o mundo!

A OUTRA

Através de absurdas catástrofes.

O POETA

As classes possuidoras expulsaram-me da ação. Minha subversão habitou as Torres de Marfim que se transformaram em antenas...

O HIEROFANTE

É a reclassificação...

BEATRIZ

No último beijo direi que preciso de ti.

O POETA

O meu ânimo se torna o ânimo de um condenado à morte... a febre cai com a primeira meia-tinta fria da noite. Dou por encerrada a nossa vida amarga e tumultuária. Mas sinto as reações térmicas da insônia. O delírio de novo crepita nos meus membros nervosos!

A OUTRA

Onde não há plano, não há sanção.

O POETA

Há sempre dois planos e um espetáculo...

BEATRIZ

Sinto a voragem... a voragem que vai esfriando a gente antes de cair.

O POETA

Oh! Inflexível? Oh! Absoluta! Desmoronas na ação!

A OUTRA

Que vês, poeta?

O POETA

Há uma fresta na tua imagem. Uma fresta. Está aberta a porta do teu quarto tenebroso! Mas não há ninguém dentro dele.

BEATRIZ

Há o outro homem, o ciúme e a ameaça permanente da vida...

A OUTRA

Há um grande sádico, um sacerdote no circo... No plenário do circo... Quero denunciar! Quero! Que sexualidade crescente! Aquele aparelho, um

prolongamento do corpo dele. A sua cara de orgasmo! Fundemos um tribunal.

BEATRIZ

Foi na sala cirúrgica. A pureza me envolvia como algodão. E o pai da minha primeira experiência digital!

O POETA

Sinto um suspiro imenso pelo teu corpo em posição...

O HIEROFANTE

Ginecológica... A fantasia é sempre um pára-quadras.

O POETA

A arte é outra realidade...

BEATRIZ

Mas eu serei um cadáver rebelde. Não me deixo enterrar!

A OUTRA

Vives enterrada em ti diante do espelho!

O POETA

És sempre uma Vitória de Samotrácia, com os olhos e os cabelos presos a um horizonte sem fundo.

A OUTRA

Eu sou a perspectiva.

BEATRIZ

Não ouço nada... senão os meus gritos, um atropelo e o silêncio...

O POETA

Paz a teu corpo!

A ENFERMEIRA

Quando a morte resvala por nós, a vida torna-se grandiosa.

BEATRIZ

Somos almas!

O POETA

Ninguém, como eu, tem a compreensão absoluta da destruição. Cansada e vigilante, ela espreita o homem.

BEATRIZ

Existe para o bem e para o mal.

O POETA

Respiraste o cheiro perigoso da liberdade.

BEATRIZ

Venho de terras simples.

A OUTRA

Essa incapacidade de se mortificar...

BEATRIZ

Por que nasci? Me digam? Me expliquem? Não queria nascer. Sou um pobre sexo amputado do seu tronco econômico... (*Chora.*) Nunca pensei que a vida fosse resistência. Ou me mato ou me isolo na parede de um bordel.

O HIEROFANTE

As conjurações. As óperas. As hipnoses.

A OUTRA

Amaldiçoada natureza!

BEATRIZ

Amaldiçoada hora que me criou! Tu, poeta, não passas de um ser vivo. Devíamos ter juntos uma bela coragem.

O HIEROFANTE

Qual?

BEATRIZ

Nos amarmos num necrotério lavado.

O POETA

Meu coração não sente ainda a força atrativa da morte...

A OUTRA

Foste tu, poeta, que preparaste para Beatriz os caminhos evasivos da liberdade.

BEATRIZ

Eu queria saber se era para outro humano a Inspiração...

O POETA

Desmanchaste meu sonho infantil.

BEATRIZ

Atiro-me em flecha maravilhosa para ti...

O POETA

És maternal! Que madrugada de amor vamos ter, cotovia!

O HIEROFANTE

A última noite é sem dia seguinte...

A OUTRA

A mulher não é somente um frasco físico.

O HIEROFANTE

O sexual é a raiz da vida. Ai, tropeçam um no outro o mundo velho e o novo.

BEATRIZ

Quero e não quero.

A OUTRA

Hesito!

BEATRIZ

Tenho fome.

A OUTRA

Ela quer ganhar o pão leviano!

BEATRIZ

Meu pai.

O HIEROFANTE

Foi o sexual que inventou o jazigo de família e a casa...

BEATRIZ

Quero ser um espetáculo para mim mesma!

A OUTRA

És uma flor irascível.

O HIEROFANTE

Só é possível um acordo no sexual.

O POETA

A poesia é desacordo entre os conceitos.

BEATRIZ

Um terreno fofo, poeta!

O POETA

Perco-me no paul do movimento.

O HIEROFANTE

O poeta mergulhado na percepção...

O POETA

Só a cicuta de Sócrates salvará o mundo.

O HIEROFANTE

A data mais importante da história é a que pôs o homem entre a ação e Deus!

O POETA

Entre o seu ser animal e o seu ser social.

A OUTRA

Eu sou o *alter ego*.

O POETA

Eu, o oposto de Beatriz... a raiz dialética de seu ser.

BEATRIZ

Progrido para a morte nos teus braços. E te encontro no seio tumultuoso da natureza. Sou um elemento dela como a lua num ramo de árvore.

O HIEROFANTE

O homem compreendeu a responsabilidade econômica de matar.

O POETA

O sonho fê-lo acordar e criar a primeira jaula.

O HIEROFANTE

A primeira ética.

A OUTRA

A jaula de si mesmo...

O HIEROFANTE

Os vegetarianos querem retroceder na primitiva direção. Comer da Árvore da Vida em pratos industriais.

BEATRIZ

Em jaulas...

O POETA

Por que insistes?

BEATRIZ

Não há argumento que demova o amor...

A OUTRA

No amor só existe o que há de pior no homem.

O POETA

É a volta do troglodita – violenta e periódica.

O HIEROFANTE

Para garantir a espécie enjaulada. O sexual é o radical da vida. Sua essência é a brutalidade. O

amor é a quebra de toda ética, de toda evolução...

A OUTRA

É a pessoa distinta que escuta atrás da porta, viola correspondência, manda cartas anônimas e mata nos jornais... Eu nunca fiz isso...

BEATRIZ

O amor é o quero-porque-quero...

A OUTRA

Quem gritou?

BEATRIZ

Não foi aqui.

O POETA

Tua madrugada será assim.

A OUTRA

És o presságio, poeta!

O POETA

Sou a classe média. Entre a bigorna e o martelo, fiquei o som!

O HIEROFANTE

Alma que esguicha enclausurada.

BEATRIZ

Sem mim morrerias calado.

O POETA

Viverei na ágora. Viverei no social. Libertado!

BEATRIZ

Sou a raiz da vida onde toda revolução desemboca, se espalha e pára.

O POETA

Um dia se abrirá na praça pública o meu abcesso fechado. Expor-me-ei perante as largas massas.

A OUTRA

E o sexo? O inimigo interior!

O POETA

Deixarei os pequenos protestos – o chapéu grande, a cabeleira faustosa: falarei a linguagem compreensível da metralha.

BEATRIZ

Existe uma frente única...

O HIEROFANTE

O país oficial de Freud...

O POETA

Não haverá progresso humano enquanto houver a frente única sexual.

BEATRIZ

Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo, poeta!

O POETA

Porque me retempero no teu útero materno.

BEATRIZ

Tenho medo.

O POETA

No mundo sem classes o animal humano progredirá sem medo.

A ENFERMEIRA

Sabes o que é medo?

O HIEROFANTE

É o sentimento inaugural.

O POETA

É o sentimento de insegurança do feto na vida aquosa da geração.

A OUTRA

Vi uma luz.

O POETA

É a luz sobre o mar inexistente que nos rodeia.

BEATRIZ

Estou obscura como uma idéia religiosa.

O POETA

És a noite. Carrego nos meus ombros o teu desequilíbrio glandular.

A OUTRA

A cegueira mora em tua histeria!

BEATRIZ

Horror! Horror! Resolve a minha questão econômica antes que eu morra em plena mocidade!

A OUTRA

Alguém entrou? Censurarei quem for...

O HIEROFANTE

Pela porta que não existe.

A ENFERMEIRA SONÂMBULA

(*Levantando-se*) É a hora métrica.

BEATRIZ

Mereço todas as coisas lindas da vida... As coisas lindas da morte.

O HIEROFANTE

No plano da sociedade esquizofrênica.

O POETA

Toda a minha produção há de ser protesto e embelezamento enquanto não puder despejar sobre as brutalidades coletivas a potência dos meus sonhos.

A OUTRA

Emparedado! Criaste uma grande doença!

BEATRIZ

Meu rapin!

O POETA

A construção do romantismo habita este quarto...

BEATRIZ

Que sou eu?

O POETA

A psique irreconhecível...

O HIEROFANTE

O nascimento da alma.

O POETA

O subterrâneo que a sociedade ordena. Um dia serei conduzido à atmosfera...

BEATRIZ

Estamos fora do social!

O POETA

A Polícia só me permite esbravejar no teu dramático interior.

O HIEROFANTE

Poeta!

O POETA

Eles tomaram o Estado, eu fiquei com a mulher. Criei uma alma de cova. Por isso busco drama e busco o teu cheiro.

BEATRIZ

Cantas a tua missa de corpo presente!

O POETA

Minha vida reduzida, prisioneira, entumulada!

BEATRIZ

Sou a mulher de mármore e dos cemitérios.

O HIEROFANTE

Pise baixo... devagar.

A ENFERMEIRA

Um golpe de jiu-jítsu, pronto.

O POETA

(Num gesto longo) Tu me mastigas, noite tenebrosa!

(A Enfermeira senta-se.)

O HIEROFANTE

Consumatum!

O POETA

Guerra à sua alma.

A ENFERMEIRA

É preciso desfazer todo o sinal do drama...

O HIEROFANTE

Não há perigo. Reconstituamos o cadáver. É um piedoso dever. Juntemos os seus membros esparsos, os cabelos, os dentes.

BEATRIZ

Meu amor.

O POETA

Não é possível mais...

BEATRIZ

Por quê?

O POETA

O professor te dissociou. Fugamos. Não há crime ainda visível.

A ENFERMEIRA

Na aurora virão buscar os restos do chá da meia-noite.

BEATRIZ

O amor é o quero-porque-quero da vida.

O HIEROFANTE

O criador do irremediável.

O POETA

Que diz agora o teu coração? Para justificar-te!

BEATRIZ

Vive do medo de te ter perdido!

O POETA

Quebraste o elo.

BEATRIZ

Não poderei fazer nada sem ti, sem o teu calor, a tua adoração.

O POETA

Quebraste a porta fechada...

O HIEROFANTE

Complexo de que faço a máscara.

O POETA

E eu a ruptura...

O HIEROFANTE

Darei sempre a visão oficial.

O POETA

Enquanto eu bradar o canto noturno do emparedado. Um canto desconexo. Interior como o sangue. As comunicações cortadas com a vida!

BEATRIZ

(Chorando) Desfiguraste-me sob as tintas efusivas do amor.

O POETA

Fizeram-me abandonar a ágora para viver sobre mim mesmo de mil recursos improdutivos. Eu quero voltar à ágora.

O HIEROFANTE

A realidade molesta os humanos.

O POETA

Eu sou um valor sem mercados. Criaram o sentimento e o tornaram um valor excluído da troca.

BEATRIZ

És o augúrio, poeta!

O POETA

Encontrarão aqui a tua imagem silenciosa.

BEATRIZ

Eu sou a lealdade sem sentido!

O POETA

No bem como no mal.

BEATRIZ

Não te deixo...

O POETA

Melancolia! Feita de luar e de onda noturna! Quem te definirá?

O HIEROFANTE

No país do Ego...

BEATRIZ

Por que acreditas em mim?

O HIEROFANTE

És insolúvel sem a censura.

BEATRIZ

Tanto algodão e tanto sangue!

O HIEROFANTE

Vou para o país sem dor. Longe das conjurações e das óperas!

O POETA

Ficarás nesse garfo gelado.

BEATRIZ

Socorro!

O HIEROFANTE

Ninguém te ouvirá no país do indivíduo!

O POETA

Quando a morte resvala por nós, a vida torna-se grandiosa.

BEATRIZ

Dá-me um epitáfio, poeta!

O POETA

Diante do espelho, és sempre a Vitória de Samotrácia, com os olhos e os cabelos presos a um horizonte sem fundo.

BEATRIZ

Fujamos. Foi a outra que morreu!

O HIEROFANTE

Sopra pra sempre o comutador noturno.

O POETA

Meu álibi! Meu secular álibi!

II QUADRO**NO PAÍS DA GRAMÁTICA**

(A cena representa uma praça onde vêm desembocar várias ruas. Um grupo de gente internacional passa ao fundo.)

O TURISTA PRECOCE

Por favor. Quem são aqueles?

O POLÍCIA

Um russo, um alemão, um japonês, um italiano, um nacional...

O TURISTA

O que são?

O POLÍCIA

Nomes comuns. É a grande reserva humana de onde se tira para a ação o sujeito...

O TURISTA

São vivos?

O POLÍCIA

Vivos todos.

(Um grupo de gente amortalhada atravessa a cena.)

O TURISTA

E aqueles?

O POLÍCIA

São os mortos.

O TURISTA

Vivem juntos? Vivos e mortos?

O POLÍCIA

O mundo é um dicionário. Palavras vivas e vocábulos mortos. Não se atacam porque somos severos vigilantes. Fechamo-los em regras indiscutíveis e fixas. Fazemos mesmo que estes, que são a serenidade, tomem o lugar daquelas, que são a raiva e o fermento. Fundamos para isso as academias... os museus... os códigos...

O TURISTA

E os vivos reclamam?

O POLÍCIA

Mais do que isso. Querem que os outros desapareçam para sempre. Mas se isso acontecesse, não haveria mais os céus da literatura, as águas paradas da poesia, os lagos imóveis do sonho. Tudo que é clássico, isto é, o que se ensina nas classes...

O TURISTA

Com quem tenho a honra de falar?

O POLÍCIA

Com a polícia poliglota.

O TURISTA

Oh! que prazer! O senhor sou eu mesmo na voz passiva. Na minha qualidade de turista falo sete línguas, nesta idade! Eu não tenho mais governante!

O POLÍCIA

Também falo sete línguas, todas mortas. A minha função é mesmo essa, matá-las. Todo o meu glossário é de frases feitas...

O TURISTA

As mesmas que eu emprego. Nós dois só conseguimos catalogar o mundo, esfriá-lo, pô-lo em vitrine!

O POLÍCIA

Somos os guardiães de uma terra sem surpresas.

O TURISTA

E querem transformá-la! Absurdo! Não é melhor assim? Sabemos onde estão a torre de Pisa, as Pirâmides, o Santo Sepulcro, os cabarés...

O POLÍCIA

Nossa desgraça seria imensa se subvertessem a ordem estabelecida nos Bedekers.

Desconheceríamos as pedras novas da vida, os feitos calorosos da rebeldia. Não distinguiríamos mais fronteiras e alfândegas... Perderíamos o pão e a função.

O TURISTA

E nós, os ricos, os ociosos, onde passear as nossas neurastenias, os nossos reumatismos? Onde? Perderíamos toda autoridade.

(Vozes ao fundo.)

OS CREMADORES

Abaixo os mortos! Limpemos a terra! Abaixo!

O POLÍCIA

De um tempo para cá, não sei por que agravou-se a contenda. Creio que os vivos cresceram, agora querem se emancipar. Os mortos os agrilhoam à indústria. E eles querem ocupar fábricas, cidades e o mundo... Ingratos. Não sabem que sem os mortos eles não teriam tudo, emprego, salários, assistência...

O TURISTA

E patrões. Que seria do mundo sem os patrões?

O POLÍCIA

Eles querem queimar todos os cadáveres, os mais respeitáveis, os que fazem a fortuna das empresas funerárias, como a imprensa, a política...

O TURISTA

Acabam querendo queimar o cadáver da curiosidade, que sou eu!

(Saem de cena conversando.)

VOZES AO FUNDO

Abaixo a autoridade dos ociosos! Abaixo!
Queremos o verbo criador da ação!

O POETA

(Entra conversando com Horácio.) Deixei-a para sempre... Sinto-me atual. Longe da "Apassionata".

HORÁCIO

Pisas de novo a terra dos que se embuçam nas regras do bom viver...

O POETA

Renovo-me na rua.

HORÁCIO

É o país da gramática. Nele acharás o teu elemento formal.

O POETA

Ainda guardo a esperança trágica de vê-la...

HORÁCIO

Voltas a essa mulher como um criminoso!

O POETA

Porque sou o culpado.

HORÁCIO

Deixaste-a?

O POETA

Fui andando cada vez mais para o lado das estrelas e ela ficou no meio da música...

HORÁCIO

Estás marcado por ela...

O POETA

Sinto-a como a culpa, como a esperança... Sem ela a vida é deserta, o mundo é uma trágica planície sem descanso! Ela é a caverna do indivíduo... Onde me acolho sem nada esperar, sem nada desejar...

HORÁCIO

Ela te imobiliza e amortalha.

(Tumulto. Um pequeno Exército da Salvação penetra na praça e se instala para um comício musical e pacífico. Um homem gordo traz uma tabuleta onde se lê: "Deus, Pátria e Família". É o Hierofante. Sons fúnebres seguem o bando fardado.)

HORÁCIO

São os mortos que manifestam...

O POETA

Conheço aquele homem da tabuleta.

HORÁCIO

São os conservadores de cadáver...

(Tumulto do outro lado da cena. Um grupo de exaltados, em roupa pobre, protesta contra o comício. Homens e mulheres invadem a cena.)

OS CREMADORES

Limpemos o mundo! Abaixo os mortos! Eles comem a comida dos vivos! Abaixo!

O HIEROFANTE

Materialistas!

O CREMADOR

Ao contrário! Somos a constante idealista que faz avançar a humanidade!

O POETA

(Apontando Beatriz, que aparece com passos medidos, estática sob o véu) Ei-la! Que gestos solenes! *(Aproximando-se e falando-lhe)* Voltas ao meu caminho?

BEATRIZ

Todos os esforços me abandonaram! Onde estou?

O POETA

No país da Ordenação...

BEATRIZ

Os homens abateram as florestas. Expulsaram os espíritos da terra! Substituíram as árvores pelas armações metálicas. A natureza foi vencida pela mecânica!

O POETA

Desfizeste tua frágil e confusa capa ética. Deixaste a sociedade dos humanos...

BEATRIZ

Me reconheces?

O POETA

Ainda trago no corpo o perfume lascivo de tuas calças!

BEATRIZ

Sou virgem de novo. Não vês este véu?

O POETA

(Retira-se.) É a máscara de um ente que se dispersa! O teu inóspito ser se desagrega!

BEATRIZ

Ao contrário, encontrei a minha unidade!

HORÁCIO

(Chamando-o) Deixa-a! Não vês que habitas de novo com ela os subterrâneos da vida interior?

O POETA

Ela é o meu drama.

HORÁCIO

O empresário da tua morte. Deixa-a!

O POETA

Não. O coração acorda de repente. E começa o trabalho irracional. Corrosivo de todo debate... A consciência torna-se um estado sentimental e a justiça foge do mundo... Oh! Drama! Desenvolvimento do próprio ser universal! Eu te busco!

BEATRIZ

Porque crias em mim pesados encargos assim! E o sentimento de culpa! Desenvolvido na célula de um circo. O sentimento espetacular da culpa! A disciplina das feras, as grandes quedas sem rede, o amor pelo palhaço.

HORÁCIO

Foge! Não vês uma a uma as ficções da vida interior?

O POETA

Por que fugir? Para depois me arrastar pelos locais em que a acompanhei? Me açoitar à sombra dos seus gestos idos, procurando nos cenários encontrados a dois a sombra de seu ser, a lembrança de sua voz? Ficarei perdido no mundo terrível da rua...
(Novo tumulto.)

OS CREMADORES

Fora! Fora os exploradores da vida! Limparemos o mundo!

BEATRIZ

Quem são esses desordeiros?

O POETA

É a vanguarda que luta pela libertação humana.

BEATRIZ

(Sufocada) Quanta gente! Não posso, não posso me habituar. Esses homens procurando mulheres esperando homens...

O POETA

Pareces pertencer a um país assexuado. Que sentes? Tens olhos longínquos, a boca voluntariosa crispada!

OS CREMADORES

Fogo nesses podres! Abaixo o despotismo dos mortos.

(A música toca um tango. O Hierofante procura o Evangelho.)

O HIEROFANTE

In illo tempore!

OS CREMADORES

Fora! Fora!

(O tumulto cresce. Juntam-se aos cremadores galicismos, solecismos, barbarismos. Do outro lado dos mortos cerram colunas graves interjeições, adjetivos lustrosos e senhoriais arcaísmos.)

CORO DAS INTERJEIÇÕES

Oh! Ah! Ih!

OS CREMADORES

Fora a estupidez das interjeições!

O HIEROFANTE

Massa desprezível de pronomes mal colocados!

O CREMADOR

Fora! Quinhentistas! Falais uma língua estranha às novas catadupas humanas!

O HIEROFANTE

Somos o vernáculo das caravelas...

O CREMADOR

No século do avião!

OS CREMADORES

Somos a língua falada pelo rádio... Queima essa tabuleta.

OS CONSERVADORES

Babel! Babel!

OS CREMADORES

Não! Somos os fundamentos do esperanto, a língua da humanidade una!

O HIEROFANTE

Não pode! Não pode! Quem poderá destruir uma frase feita?

OS CREMADORES

Fora as frases feitas, as frases ocas! Fora as frases mortas!

OS CONSERVADORES

Chama o juiz! Chama o juiz!

A MULTIDÃO

O juiz!

(A charanga toca.)

VOZES

Aí vem o juiz. Ele julgará!

OS CONSERVADORES

É um grande gramático!

OS CREMADORES

É um juiz de classe.

OS CONSERVADORES

Viva o juiz! Viva o nosso querido juiz!

(O Juiz agradece a manifestação. Formam-se em torno dele semicírculos irados.)

O CREMADOR

Conhecemos o julgamento! É contra nós!

O JUÍZ

Silêncio! Julgarei segundo os cânones.

VOZES

Os cânones mortos.

O JUIZ

Começai a exposição do pleito. Sou todo ouvidos! Que Deus e Jesus Cristo me inspirem e me garantam o céu.

O HIEROFANTE

Culto aos mortos! Culto aos mortos! Onde já se viu destruir um cadáver. Senhor juiz, a humanidade levou séculos para construir esta frase: "Deus, Pátria e Família". Como derroga-la? Como e por quê?

BEATRIZ

Como fala bem esse velho!

O CREMADOR

O que nos traz à cena é a fome! Mais que qualquer vocação. Muito mais que a vontade de representar. É o problema da comida! A produção da terra é desviada dos vivos para os mortos. Nós trabalhamos para alimentar cadáveres. Mais eles absorvem a produção, mais aniquilam os vivos. Tudo que produzimos vai para a sua boca insaciada. Eles possuem armas e dirigem exércitos iludidos pela ignorância e pela fé religiosa.

OS CREMADORES

Rebelemo-nos!

VOZES

Façamos a limpeza do mundo!

OS CREMADORES

Queimemos os cadáveres que infestam a terra!

VOZES

Sim! A cremação! A cremação!

OS CREMADORES

É preciso destruir os mortos que paralisam a vida!

VOZES

Vamos queimá-los!

O JUIZ

Esperai! Esperai a sentença. Tragam aqui o livro: Bi-blos. Tudo está no Livro. *(Colocam diante dele um grande livro aberto. Ele vira as páginas.)* Vamos ver. De-vo-ta-men-to... Pu-ri-fi-ca-ção! Adiante! Viver para os outros! Não! Está aqui! Achei! *(Lê num grande berro.)* Os-mortos-governam-os-vivos! *(Aclamações. Protestos.)*

OS CONSERVADORES

Muito bem! Muito bem!

O HIEROFANTE

Devemos obedecer os nossos maiores. E seguir o que está escrito...

VOZES

Julgai! Julgai!

O JUIZ

Os mortos governam os vivos. Premissa maior! Premissa menor... Os Cremadores são excessivamente vivos! Ergo! Ergo! Devem ser... Conclusão! Governados...

OS CONSERVADORES

Governados por nós!

VOZES

Muito bem! Muito bem!

OUTRAS VOZES

Fora! Idiota! Vendido! Cadáver!

O HIEROFANTE

Eis um silogismo irrefutável!

O POETA

Essa lógica tem servido de fundamento a todos os crimes históricos.

OS CONSERVADORES

É extraordinária a perspicácia dos livros!

O POETA

Fora o velho argô dos filisteus!

O CREMADOR

Rebelemo-nos. Um dia sairemos de nossos laboratórios subterrâneos... Para limpar o mundo de toda putrefação!

AS INTERJEIÇÕES

Ah! Oh! Ih!

(A charanga dos Conservadores de cadáver forma um séquito e conduz o Juiz em triunfo.)

OS CONSERVADORES

(Retirando-se) Abaixo os solecismos! Abaixo os barbarismos! Abaixo!

UMA ROUPA DE HOMEM

(Passando) Boa tarde, linda!

BEATRIZ

Boa tarde.

O POETA

Quem é?

BEATRIZ

Um conhecido. Estive ontem com ele...

O POETA

Impossível...

BEATRIZ

Sim. Pediram-me que fosse sua. Falou-me da eternidade. Mas lembrei-me de tuas palavras. Recusei. Ele disse: não insisto! Sei que serás minha!

O POETA

Mas é um morto, querida!

BEATRIZ

Morto?!

O POETA

Sim. Tu não morreste, querida... Não podias ter te avistado intimamente com ele, que não existe.

Por acaso não notaste as suas roupas despegadas do corpo? É um morto. Não sabes?

BEATRIZ
Aqui na cidade?

O POETA
Sim, meu amor. Os mortos ainda infestam a terra viva. Metade da população desta praça é de gente morta.

BEATRIZ
Se eu tivesse morrido serias um necrófilo!

O POETA
Ter-te-ia abandonado!

BEATRIZ
Não podes abandonar-me! Nasci da seleção de ti mesmo! (*Declamando*) Comecei a palpitar com a tua religião infantil, com a tua cultura adolescente! Fui o cofre heráldico das tuas tradições, a cuna de tua gente!

O POETA
Como te encontro mudada! Não te recordas senão de evocações e cadeias!

BEATRIZ
Tu te tornaste um puro estímulo mecânico. Não acodes aos chamados de tua alma!

O POETA
Os acentos de minha dor não te penetram mais. Não quebram a mudez do teu mundo de pedra. Estás perturbada, os olhos longínquos, a boca voluntariosa crispada.

BEATRIZ
(*Depois de um silêncio evocativo*) Pertencço às regiões da amnésia.

O POETA
No entanto não poderei fazer mais nada sem ti! Sem teu calor e tua adoração.

BEATRIZ
Amo-te ainda. Vem comigo. Nada pode conter a vida...

O POETA
A morte...

BEATRIZ
Nunca a tua febre amorosa deixou o meu corpo. (*A charanga dos Conservadores de cadáver passa ao fundo.*)

BEATRIZ
Vamos com eles, poeta.

O POETA
Não.

BEATRIZ
Vamos!

O POETA
Queres seguir a música da morte?

BEATRIZ
O juiz decidiu...

O POETA
O juiz é um morto também.

BEATRIZ
Somos todos mortos!

O POETA
Vem para o outro lado! Minha ação heróica e prática te salvará.

A VOZ DE UM CREMADOR
É preciso mudar o mundo!

A VOZ DO HIEROFANTE
É preciso conservar as instituições!

A VOZ DO CREMADOR
É preciso queimar os cadáveres que infestam a terra. Eles tiram os alimentos dos vivos.

VOZES
Querem mudar a superestrutura.

UMA VOZ
O comportamento.

OUTRA VOZ
A reflexologia.

BEATRIZ
A raiz de tudo é o sexual. O amor é o quero-porque-quero da vida. Nessa frente única, a humanidade hesita... Vem.

O POETA
Não, o social domina os humanos. Vem conosco. Vem com os liberadores do grande conflito!

BEATRIZ
Como és cândido. O que os homens querem é isso, só isso! (*Coloca as mãos recatadamente sobre o sexo.*)

O POETA
És a morte, o abismo final, o longe da terra.

BEATRIZ
Sou a imagem do sexual.

O POETA
Estás deformada, longínqua, inexata... Pareces despegada dos ossos, como aquele que te cumprimentou.

BEATRIZ
Tenho um encontro marcado com ele.

O POETA
Impossível. É um morto!
(*A charanga do Exército da Morte toma conta da cena lentamente. Beatriz centraliza-o.*)

VOZES
Culto aos mortos! Culto aos mortos! Passagem para um grande enterro... (*Saem, levando-a.*)

O POETA
Força de resistência ao mundo que começa...

HORÁCIO

Aonde vais? Que tens?

O POETA

Estou como quem perdeu um brinquedo querido... espera...

HORÁCIO

Deixa-a!

O POETA

Horácio, não escalpeles minha dor! Estou mareado por ela.

HORÁCIO

Aonde vais?

O POETA

Salvá-la!

HORÁCIO

Como?

O POETA

Pelo primeiro avião... Numa folha morta passarei a garganta cerrada da outra vida.

(Sai correndo atrás do cortejo, cuja charanga ainda se ouve.)

HORÁCIO

Insensato! Poeta! Guardar-te-ão para sempre os dentes fechados da morte!

III QUADRO**O PAÍS DA ANESTESIA**

(A cena representa um recinto sobre uma paisagem de alumínio e carvão. À direita, um aeródromo que serve de necrotério. Ao centro um jazigo de família. À esquerda, a Árvore desganhada da Vida, em forma de cruz, onde arde, pregado, um facho. Um grupo de cadáveres recentes está conversando nos degraus do jazigo. Passagem lateral para a platéia, onde a primeira fila de cadeiras se conservará vazia.)

O RÁDIO-PATROLHA

Ouve-se já o ruído do motor!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Escutem!

O ATLETA COMPLETO

Não é!

A SENHORA MINISTRA

É uma mosca.

O HIEROFANTE

Não.

O ATLETA COMPLETO

Agora é.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Não.

A SENHORA MINISTRA

A mosca.

O HIEROFANTE

O autogiro de Caronte...

A SENHORA MINISTRA

É uma mosca no interior de meu nariz! *(Silêncio)*
Gostaria de conhecer o poeta...

O RÁDIO-PATROLHA

Ele vem de autogiro, trazendo a morta!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Quem é?

O HIEROFANTE

Beatriz.

A SENHORA MINISTRA

E ele?

O HIEROFANTE

O poeta vem de planador. Só assim penetrará nessas paragens...

A SENHORA MINISTRA

O motor.

O HIEROFANTE

A mosca.

O PAI

(Pondo a cabeça pela ogiva do jazigo) Silêncio! Eu habito um lugar silencioso ou não? Eu me matei para ouvir a solidão! Não viver em sociedade. Em nenhuma sociedade. Eu me encontro assediado de intrigas, cumulado de vis preocupações.

O HIEROFANTE

Faço sentir que o vizinho está num cemitério de primeira. Não há melhor.

O PAI

Por isso é que eu não queria embarcar no autogiro.

(Silêncio.)

O HIEROFANTE

O motor...

A DAMA DAS CAMÉLIAS

O poeta...

A SENHORA MINISTRA

A mosca...

(O Urubu de Edgard atravessa a cena ao fundo.)

O RÁDIO-PATROLHA

Ouçó vezes...

A DAMA DAS CAMÉLIAS

É a mosca azul...

O HIEROFANTE

É o Urubu de Edgard.

O RÁDIO-PATROLHA

Silêncio!

O HIEROFANTE

Fiquemos concentrados como perfumes.
(Berreiro no jazigo.)

O MENINO DE ESMALTE

Ai! Ai! *(Espia pela vigia.)*

OS CADÁVERES

Que é isso? Que é isso?

O HIEROFANTE

Uma cena de família.

A SENHORA MINISTRA

Que pessoal escandaloso!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Brigam sempre. Nunca pensei que fosse assim no seio da sociedade honrada!

O HIEROFANTE

Gente católica. E extremamente conceituada. O drama que os trouxe para cá teve a mais tétrica repercussão nos meios distintos.

A SENHORA MINISTRA

Como foi?

O HIEROFANTE

Gás. Suicídio coletivo.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

E ninguém escapou?

O MENINO

(Pela vigia) Esse sujeito, além de me ter suicidado, não quer me dar doce!

O PAI

Cala a boca!

O MENINO

Depois diz que é pai!

O PAI

O amante de tua mãe te dava doces!

O MENINO

É por isso que eu gostava dele...

O PAI

Cínico, bastardo, filho de uma...

(Pancadaria, urros, choros.)

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Esta árvore não tem sombra.

O RÁDIO-PATRULHA

Gastou a que tinha em sessenta séculos!

A SENHORA MINISTRA

Por que a trouxeram para cá?

O HIEROFANTE

É uma peça de museu. Como nós.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Foi ela que fez a queda do primeiro pai.

O HIEROFANTE

A queda... Quando o troglodita desceu da árvore... caiu. E se tornou homem...

A DAMA DAS CAMÉLIAS

É a árvore da vida...

O ATLETA COMPLETO

Da vida espiritual. A única que me interessa...

A SENHORA MINISTRA

Quem é esse sujeito?

O RÁDIO-PATRULHA

É um atleta completo.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Mas não tem frutas essa árvore?

O HIEROFANTE

Tinha uma. Comeram. Foi com seus galhos que se acendeu o primeiro fogo... E com ela toda se fará a última fogueira.

A SENHORA MINISTRA

Então é uma incendiária?

O HIEROFANTE

Nela costumamos festejar o Natal dos falecidos...

O MENINO

(Pela vigia) Eu quero um brinquedo...

O PAI

Vai pedir ao amante de tua mãe.

A MÃE

Ele nunca me passou as doenças que trouxeste para casa.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Conte-nos a história da queda de Adão...

O HIEROFANTE

Levou um tombo... Quando se levantou do solo, estava criada a propriedade privada...

A SENHORA MINISTRA

Foi dessa árvore que ele despencou...

O MOTOCICLISTA

Então que somos?

O HIEROFANTE

O conteúdo das mitologias.

O ATLETA COMPLETO

O alimento espiritual dos mortos!

A SENHORA MINISTRA

O sustentáculo das religiões!

O HIEROFANTE

Depois que o ouro nos expulsou da Idade de Ouro, exploramos a fábula...

O RÁDIO-PATRULHA

E o trabalho da terra.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Então foi um choque físico que produziu o homem?

O HIEROFANTE

Não. Foi um choque econômico. Caindo da árvore, ele perdeu os frutos com que se alimentava.

A SENHORA MINISTRA

Engate o rádio, seu patrulha.

O RÁDIO-PATRULHA

Não posso. Só tenho na minha motocicleta uma estação emissora.

A SENHORA MINISTRA

Que pena! A gente podia até ouvir a terra...

Escutar a Giovinezza... Ir às corridas de longe.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

No meu tempo eu adorava as corridas.

A SENHORA MINISTRA

Oh! As corridas! Longchamps! O Derby de Epsom!
Eu tinha um coronel que me pagava o táxi o dia
inteiro só para namorar os meus braços nas
corridas. Era um homem casado, muito sério!
(*O Urubu de Edgard passa ao fundo.*)

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Quem é esse passarinho?

O ATLETA COMPLETO

É o espírito da árvore.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

O Urubu do Edgard.

A SENHORA MINISTRA

Quem é mesmo o dono?

O HIEROFANTE

Um literato, Edgar Poe.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Para que serve um bicho desses?

O HIEROFANTE

É quem fornece certidões de óbito.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Onde que ele mora?

O HIEROFANTE

No interior oco da cruz.

A SENHORA MINISTRA

Ó vida chata!

O HIEROFANTE

Que vos falta aqui?

A DAMA DAS CAMÉLIAS

A primavera! Pássaros coloridos. Gritos d'alma!
Namorados!

A SENHORA MINISTRA

Vamos inventar um joguinho?

O HIEROFANTE

Jogaremos golfe com as nossas caveiras...

O ATLETA COMPLETO

Faltam as esteques.

O RÁDIO-PATRULHA

Jogaremos com as nossas próprias tíbias.

A SENHORA MINISTRA

Não. Melhor é ler a mão. Um brinquedo de
sociedade.

O ATLETA COMPLETO

O Hierofante sabe ler.

A SENHORA MINISTRA

Disseram uma vez que ia morrer aos oitenta anos.
Me blefaram.

O HIEROFANTE

Aqui é impossível ler-se a mão a alguém.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Por quê?

O HIEROFANTE

Porque não temos mais linhas nas mãos
tumefactas... (*Todos examinam as próprias mãos.*)
Está tudo esgarçado pela morfêia lenta e
definitiva da morte. Vivemos na negação.

O ATLETA COMPLETO

Na eternidade.

O HIEROFANTE

No além do espaço.

A SENHORA MINISTRA

O poeta não virá até aqui atrás da morta!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Virá. Eu que fui mulher da vida sei que ele virá.

A SENHORA MINISTRA

Quem é a senhora?

A DAMA DAS CAMÉLIAS

(*Mostrando as flores que a envolvem*) Não vê? Sou
a Dama das Camélias.

A SENHORA MINISTRA

Pois eu fui a senhora legítima de um ministro...

O ATLETA COMPLETO

Não adiantou nada. Apodreceu como eu. Eis aqui
o que resta de um atleta completo.

A SENHORA MINISTRA

Ó! Patrulha! Liga o rádio na motocicleta. Fala a
Nirvana-emissora! Vamos desmoralizar toda a
vida.

O HIEROFANTE

Não!

O ATLETA COMPLETO

Por quê?

O HIEROFANTE

Estas coisas mecânicas não convêm ao nosso
estado onírico.

A SENHORA MINISTRA

Mas a irradiação nos interessa.

O ATLETA COMPLETO

É um desabafo espiritual...

A SENHORA MINISTRA

Um passatempo...

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Trouxemos conosco todos os recalques terrenos.

A SENHORA MINISTRA

Ou não habitamos o país sem censura...

A DAMA DAS CAMÉLIAS

O autogiro está se aproximando. O poeta virá
atrás...

O HIEROFANTE

Agora é.

O RÁDIO-PATRULHA

Viva Caronte!

OS MORTOS

(*Manifestando*) Viva! Viva o iniciador! Viva!

A SENHORA MINISTRA

Silêncio!

O HIEROFANTE

Que reine entre nós o silêncio que convém aos mortos.

(Permanecem todos estáticos como figuras de cera. O Urubu de Edgard se imobiliza junto à árvore esgalhada. Escuta-se o ruído de um motor. Um autogiro desce verticalmente, e dele sai Caronte, trazendo nos braços um corpo de mulher amortalhado num grande renard argenté.)

O HIEROFANTE

Está morta?

CARONTE

Não insistiu em ficar.

O HIEROFANTE

Os mortos não insistem.

CARONTE

(Depositando o corpo sobre a mesa de mármore do necrotério) O serviço terreno me reclama. (Parte no autogiro.)

O ATLETA COMPLETO

Sinto dores reumáticas.

O HIEROFANTE

Cuidado.

O ATLETA COMPLETO

Por quê?

O HIEROFANTE

O poeta pode chegar a qualquer momento.

O ATLETA COMPLETO

Mas sinto dores fulgurantes!

A SENHORA MINISTRA

Você tem aí uma bolsa de água quente?

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Sinto um frio enorme no peito!

O HIEROFANTE

É a presença dos sopros augurais da terra.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

O poeta.

O HIEROFANTE

Ele virá cantando a grandeza do agir...

A SENHORA MINISTRA

Quem é que faz o discurso de recepção?

O RÁDIO-PATRULHA

A motocicleta...

O HIEROFANTE

Tornastes-vos ridículos à aproximação da vida.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Tornamo-nos humanos.

O POETA

(Procura na cena.) Beatriz! Beatriz! Retificadora de meus caminhos! Que tive longe de ti? Cachos de desgraças. Ofereço-te o terreno alagado de

meu sentimento! Sem desejar nada de ti, de teu corpo sepulcral, ofereço-te o meu coração.

(Descerra o renard.) Beatriz!

BEATRIZ

Sacrilégio...

O POETA

Beatriz!

BEATRIZ

Dizes tão bem o meu nome! Por que tudo que te dou de emoção, de força criadora, não pões em tua arte estancada?

O POETA

Falas de novo a linguagem da vida! Queres de novo dar existência ao poema de meu encontro!

BEATRIZ

Que fizeste, poeta! Não podes penetrar no país que eu habito. Não podes perscrutar minha intimidade com os autômatos!

O POETA

Lacera-me de novo a angústia criadora. Venho de uma noite cheia de passos e de vultos, a noite sem ti!

BEATRIZ

Que se passa lá em baixo, onde há chuva?

O POETA

A chuva, coiteira de tragédias!

BEATRIZ

O Ego e a Gramática.

O POETA

Pareces anestesiada num lençol de argila!

BEATRIZ

Interrompeste o meu sonho, poeta. És a incorreção!

O POETA

Como falas diferente! Trazes nas faces os sinais da decomposição de tua unidade!

BEATRIZ

Pelo contrário...

O POETA

És a máscara de um ser que se dispersa. Teus olhos deliram enquanto a tua boca amarga sorri. Tens os cabelos do homem de Neandertal, coroados de espinhos!

BEATRIZ

Sou o primeiro degrau da vida espiritual!

O POETA

O que me chama é o drama. Drama, desenvolvimento do próprio ser universal!

BEATRIZ

Quero *plata*...

O POETA

Dissimetria, minha criadora dissimetria!

BEATRIZ

Tu me abriste de novo os caminhos incoerentes da terra, poeta!

(O Poeta aproxima-se quieto e sombrio.)

O HIEROFANTE

Formaremos um comício de protesto! O amor quer fazê-la voltar ao país ordenado e terrível da rua.

O RÁDIO-PATRULHA

Onde nos reuniremos?

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Vamos para a platéia. Assim não perderemos a grande cena.

O RÁDIO-PATRULHA

Vamos.

A SENHORA MINISTRA

Que curiosidade eu sinto!

O ATLETA COMPLETO

Para a platéia! Quero ver como um poeta ama!

O HIEROFANTE

Ordena o cortejo, Rádio-Patrolha, seguir-te-emos em ordem alfabética.

O RÁDIO-PATRULHA

Debout les morts!

(Os cadáveres se organizam dificilmente. Animados pelo barulho da motocicleta, conduzem-se em ritmo mole, atrás do Rádio-Patrolha, que desce à cena.)

O HIEROFANTE

(Deixando o palco) De que serve aqui o subconsciente? Onde se reúnem os dois planos, o latente e o manifesto?

(Os mortos colocam-se na primeira fila do teatro, olhando.)

BEATRIZ

Ama-me, por favor!

O POETA

És agressão, o Eros da morte. Sinto-te e desapareces!

BEATRIZ

Todo esforço é inútil.

O POETA

Angústia! Ansiedade! Divisão! Resolve! Vives de novo para a minha vida ou partiste para sempre?

BEATRIZ

Todos os meus gestos são de amor!

O POETA

Fala do sol, da manhã e da terra!

BEATRIZ

Estamos no país propício às mensagens...

O POETA

Eras a felicidade! Me diminuías como uma criança em ti!

BEATRIZ

Chorei todas as lágrimas! Hoje só resta o rímel negro destilado de meus olhos sem fundo!

O POETA

Teus cabelos me envolvem! Sinto-me ensopado de estrelas álgidas. Quero a manhã! Quero o sol!

BEATRIZ

Escalaste escadarias, montanhas e o mar! Para atingir este horizonte sem fim!

O POETA

Sorri! De dentro de teus cabelos noturnos!

BEATRIZ

Sejamos a mesma aflição no mesmo leito!

O POETA

Quero o marfim quente de teu corpo. Mas os teus olhos se evaporam! Que hora angustiada!

BEATRIZ

Sem ti me falta o apoio terreno...

O POETA

Sinto-me rodeado da angústia das águas! Onde estou?

BEATRIZ

És o feto humano que voltou à eternidade!

O POETA

Sou a tua mensagem sexual!

BEATRIZ

Não mais podes acordar em mim o ódio erótico...

O POETA

Para onde me conduziste?

BEATRIZ

Habito o país letárgico onde não penetra a dor!

O POETA

Onde está a tua boca antiga? Por que esse rictus? Oh! Os teus dentes! Não quero ver mais os teus dentes. Onde estão os teus lábios molhados e vivos? Foges com a boca repleta de dentes! Cessa o teu riso parado!

(Ouve-se o uivo demorado de um cão.)

O RÁDIO-PATRULHA

(Na platéia) Debout les morts!

(O cortejo forma-se de novo e dirige-se para o palco.)

O POETA

Que uivo terrível! Parece um coração baleado...

BEATRIZ

Só por uma mulher um cérebro uiva assim.

(Os mortos alinham-se ao fundo da cena. O Urubu de Edgard abre as asas sobre a árvore.)

O POETA

A tua mão termina em reta! O teu braço está rígido e reto! A noite tenebrosa de teus cabelos não mais restituirá a manhã radiosa...

O URUBU DE EDGARD

(Aproximando-se e tomando a axila de Beatriz) O amor não penetra o crânio dos mortos!

O POETA

Morta! Beije inútil a labareda extinta de teu corpo! Por isso guardavas dentro do peito uma humanidade diversa, atraente e terrível!

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Olhem, Beatriz permanece quieta e sensacional!

O HIEROFANTE

Só se ama no plano da criação!

O POETA

Eu trouxe o amor para o nada!

BEATRIZ

Para a aurora da vida!

O POETA

Queimarei a tua carne dadivosa! Não se poupa o nada!

O URUBU DE EDGARD

Socorro! Socorro! Fogo!
(Os mortos se movimentam.)

O POETA

Não penetrei à toa neste país, onde há uma árvore e um facho. Se a força criadora de minha paixão não te toca, é porque não existes!
(Ouve-se uma sereia estridente.)

O HIEROFANTE

O sinal dos Cremadores! Acode-nos, espírito da árvore!

O URUBU DE EDGARD

Deus!

O POETA

Reconheço-te, empresa funerária! Na matéria do meu cérebro ficará o teu epitáfio. Nunca mais!
(Toma do facho e começa a incendiar a Árvore da Vida.) Não mais estes símbolos dialéticos do sexual perturbarão a marcha do homem terreno. Foge, ave do Paraíso!

O URUBU DE EDGARD

Os cemitérios são combustíveis. Não há salvação!

A SENHORA MINISTRA

Sempre disse que essa vela aí era um perigo!

O RÁDIO-PATROLHA

O incêndio será a cegueira de Caronte.

O ATLETA COMPLETO

Errarão pelo espaço infinito nossos irmãos sem carne.

A DAMA DAS CAMÉLIAS

Sinto se inflamarem os meus pulmões...

O ATLETA COMPLETO

Talvez sejamos purificados!

A SENHORA MINISTRA

Não. Cristo-Rei não deixará!

O RÁDIO-PATROLHA

O país dos mortos é donde se alimenta toda religião...

O HIEROFANTE

Mas os Cremadores mataram os deuses... Jogaram fora os mitos inúteis.

BEATRIZ

Poeta! Permanece para sempre dentro de mim! Sê fiel!

O POETA

Devoro-te, trecho noturno de minha vida! Serei fiel para com os arrebóis do futuro...

O HIEROFANTE

O erro do homem é pensar que é o fim do barbante... O barbante não tem fim.

O URUBU DE EDGARD

A humanidade continuará trágica e ingênua... Só a morte é a etapa atingida.

O POETA

(Passa o facho aceso ao corpo de Beatriz, frouxamente coberto pelo renard argenté.) Todo mistério será aclarado. Basta que o homem queime a própria alma!
(Um imenso clarão se anuncia ao fundo.)

A SENHORA MINISTRA

Fujamos para o país da chuva...

O POETA

A noite não terá mais passos nem vultos!

O HIEROFANTE

O dilúvio de fogo nos seguirá!

BEATRIZ

Sexual! Sexual!

O POETA

Incendiarei os teus cabelos noturnos! A tua boca aquosa! A aurora de teus seios!
(Flamba tudo nas mãos heróicas do poeta.)

O HIEROFANTE

(Aproximando-se da platéia) Respeitável público! Não vos pedimos palmas, pedimos bombeiros! Se quiserdes salvar as vossas tradições e vossa moral, ide chamar os bombeiros ou, se preferirdes, a polícia! Somos, como vós mesmos, um imenso cadáver gangrenado! Salvai nossas podridões e talvez vos salvareis da fogueira acesa do mundo!

FIM

SANTA MARTA FABRIL S. A.

Abílio Pereira de Almeida

PERSONAGENS:

Marta
 Júlia
 Vera
 Tônico
 D. Marta
 Clóvis
 Cláudio
 Martuxa (aos 6 anos)
 Acrísio
 Nenê Paraíso
 Martuxa (aos 21 anos)

1º ATO – 1926

Marta	20 anos
Cláudio	25 anos
Tônico	35 anos
Vera	30 anos
Júlia	40 anos
Clóvis	44 anos
D. Marta	60 anos

2º ATO – 1933

Marta	28 anos
Cláudio	33 anos
Tônico	43 anos
Vera	38 anos
Júlia	48 anos
Clóvis	52 anos
D. Marta	68 anos
Martuxa	6 anos
Acrísio	50 anos
Nenê	30 anos

3º ATO – 1948

Marta	43 anos
Cláudio	48 anos
Júlia	63 anos
Martuxa	21 anos
Acrísio	65 anos
Rapaz - vulto	

PARENTESCO:

Tônico	Tio de Marta
Vera	Irmã de Júlia e mulher de Tônico
Júlia	Mãe de Marta

D. Marta
Nenê
Martuxa

Mãe de Júlia e Vera
Mulher de Acrísio
Filha de Marta e Cláudio

1º ATO

(Inverno de 1926. Mais ou menos cinco horas da tarde. Momentos antes de se abrir o pano, ouve-se uma vitrola gritando: "Yes sir, that's my baby" e ruídos em cena de quem dança em ritmo movimentado. Abre-se o pano. Um living. Gente rica e de bom gosto. Em cena: Júlia e Marta, mãe e filha. Marta ensaia uns passos de charleston, ao som da Brunswick. Logo desiste, fazendo parar o disco.)

MARTA

Não dou mesmo para isso.

JÚLIA

Acho que você pegou muito bem. Agora é só questão de dançar.

MARTA

Não acerto com a batida de salto. *(Experimenta e erra.)* Olha aqui; quando bato o salto, perco o ritmo.

JÚLIA

Pois não bata o salto. Não é essencial. Com o tempo você vai se aperfeiçoando.

MARTA

E então sai da moda. Não acredito que dure muito tempo.

JÚLIA

Todo mundo só dança isso. Que pegou, pegou. *(Ouvem-se vozes fora de cena, de gente que se aproxima do living. Discussão de casal, mais ou menos nestes termos:)*

VERA

Você é muito convencido e muito irritante!

JÚLIA

Estão aí. Começam bem!

TONICO

Com cinco cartas de naipe não se abre sem trunfo. Não é, dona Marta?

JÚLIA

Sua avó também.

(O living está com a pouca claridade de uma tarde de inverno. Marta acende as luzes.)

VERA

Vou parar de jogar com você. É a última vez.

D.MARTA

Vieram discutindo o tempo inteiro. Esse bridge é um inferno!

TONICO

(Entrando com Vera) Você precisa adotar o sistema...

VERA

Pois fique com o seu sistema que eu fico com o meu.

TONICO

Você não tem sistema nenhum. Marca conforme a temperatura do dia!

VERA

(Gritando) Deixe eu marcar como bem entender! Meu Deus! Que horror!

(Vera é uma superexcitada, para não se dizer malcriada e voluntariosa.)

D.MARTA

(Sessenta anos, bem sacudida) Não briguem, por favor. Ainda proíbo esse bridge na família.

JÚLIA

(Indo ao encontro do casal) Começaram bem hoje.

VERA

(Beijando Júlia) Como vai, Júlia? Eu ainda vou arranjar outra roda. Não agüento Tónico com essa mania de doutrinar.

TONICO

Não é doutrina, Júlia. É elementar. Vera já se convenceu. Quando grita é porque já viu que tenho razão. Como vai você? Que é do Clóvis? Já passa das cinco horas.

JÚLIA

O melhor é arranjarmos duas mesas. Casal não pode jogar junto.

VERA

Não é isso, Júlia. Tónico me enerva! Me deixa louca!

TONICO

É natural. Sou seu marido.

D.MARTA

Aí, aí, aí. Não vamos entrar noutro terreno!

MARTA

Boa tarde, vovó. Como vai a senhora? Não precisava ter vindo. Ia dar um pulinho lá antes do jantar.

D.MARTA

Ora, menina, não estou tão velha assim. Ainda posso sair de casa para beijar minha neta no dia do seu aniversário!

(D. Marta beija e abraça a neta. Simultaneamente a esse diálogo, Vera, Júlia e Tónico ainda discutem, em voz mais baixa, predominando as frases da avó.)

VERA

(A Júlia) Tónico não sabe nada. E tem a mania de doutrinar.

JÚLIA

Vera tem razão, Tônico. É muito cacete...

TONICO

Tem razão nada. Com cinco cartas de naipe...

D.MARTA

Meus parabéns, está ouvindo? Muitas felicidades! Juízo, heim?

(A discussão entre os três se interrompe.)

MARTA

Muito obrigada, vovó. Muito obrigada.

D.MARTA

Vinte anos. Já é tempo de pensar em coisas sérias!

VERA

Muitas felicidades, Marta!

TONICO

Venha de lá um abraço, menina bonita!

(Abraçam-se.)

MARTA

Muito obrigada, tia Vera. Muito obrigada, tio Tônico.

D.MARTA

Vocês com esse bridge até já iam esquecendo o aniversário da minha neta!

VERA

Não senhora. A prova está aqui. Olhe, para você. São os últimos sucessos de Paris.

(Entrega um embrulho que Marta abre. É um álbum de discos.)

MARTA

Ótimo! *(Lendo os nomes das músicas) When Buda smile, Cecília, Valentine...* Formidável! Justamente os discos que tenho procurado. Muito obrigada, tia Vera. *(Vai à vitrola para tocar os discos.*

Enquanto Marta toca os discos na Brunswick, D. Marta senta-se na poltrona e a discussão do bridge recomeça.)

JÚLIA

Como foi mesmo a marcação de Vera?

TONICO

Ela tinha cinco copas de rei e dama...

VERA

Não senhor! Cinco copas de rei e valete...

TONICO

Faça o favor de deixar eu falar.

VERA

Olha, Júlia, eu tenho a certeza.

TONICO

Certeza coisíssima nenhuma!

VERA

(Gritando) Certeza... Estou dizendo certeza!!!

(Entra Clóvis. Homem de seus quarenta anos.)

CLÓVIS

Certeza? Quem pode ter tanta certeza assim?...

TONICO

Aí está o homem; vamos ao jogo. *(Dispõe-se a sair da sala.)*

D.MARTA

Não se tem outro assunto mais interessante.

CLÓVIS

Espera aí, Tônico. Em primeiro lugar a aniversariante. *(Vai até Marta, que pára com a vitrola.)* Venha cá, Martinha. *(Dá-lhe um grande abraço. Marta deixa-se levar, não com o mesmo entusiasmo.)* Meus parabéns e muitas felicidades. Olhe uma lembrancinha para você. *(Dá-lhe um vidro de perfume embrulhado em papel de seda.)*

TONICO

Vamos, gente, que temos pouco tempo.

D.MARTA

Espere aí, homem! Que impaciência.

MARTA

Muito obrigada, dr. Clóvis.

JÚLIA

Tio Clóvis.

CLÓVIS

Não há meios de ela me chamar de tio.

D.MARTA

Pois não é tio mesmo. Que história é essa?

CLÓVIS

Boa tarde, dona Marta. Muito prazer em vê-la.

D.MARTA

Boa tarde, dr. Clóvis. Sai cedo para o joguinho, heim?

CLÓVIS

Cedo? Examinar cocô de criança das oito da manhã às cinco da tarde, a senhora acha pouco?

VERA

Que perfume é?

MARTA

Nuit de Noel.

VERA

Muito enjoativo.

CLÓVIS

Muito obrigado. Você como vai?

VERA

Mal, obrigada.

MARTA

Eu acho ótimo. Muito obrigada, dr. tio Clóvis.

CLÓVIS

Você é um anjo, menina. Se não gostar, seja franca. Trocaremos por um do seu gosto. É muito fácil.

MARTA

Adoro Nuit de Noel. Sempre quis esse perfume.

JÚLIA

Eu também gosto muito.

CLÓVIS

Boa tarde, Júlia. Você está hoje... um... *grand slam*.

JÚLIA

Com duas *down* redobradas. Marta faz hoje vinte anos. E isso eu não posso esconder de você.

CLÓVIS

Martinha, como estamos jovens! Que você me deu trabalho! (*Abraça a moça.*)

TONICO

Vamos, professor. Venha nos dar umas lições.

CLÓVIS

Você já está diplomado, Tonico.

TONICO

Está vendo? Pois quando digo a Vera...

VERA

Mas não quero que me digas, pronto...

JÚLIA

Vera não admite observações.

VERA

Não é isso, mas você há de compreender que cada jogada que a gente faz, vem ele... "Você jogou errado... porque era assim... e não assim". "Você não devia jogar o ás... era o rei. Você devia cortar no morto..." e tá, tá, tá... té, té, té. É horrível. E ainda mais o Tonico, que é analfabeto!

TONICO

Eu, analfabeto?...

VERA

Ê! Você. Analfabeto. Bê-á-bá!

TONICO

Está bem. Bê-á-bá. Está bem. Sabe por quê, Clóvis? Porque ela tinha cinco copas de rei e dama.

VERA

Rei e valete.

TONICO

Rei e dama.

VERA

Rei e valete.

JÚLIA

Não vamos discutir mais, que horror!

VERA

(*Voz de choro*) Não jogo mais com o Tonico. Não é possível. Não jogo mais. (*Desanda a chorar.*)

CLÓVIS

Ora, Verinha, que é isso? Que tolice!

D.MARTA

(*A Marta*) Veja um calmante para ela. Água de melissa.

JÚLIA

(*A Tonico*) Você é um sádico. Vamos, Vera, não dê confiança. (*Marta vai ver o calmante.*)

TONICO

Você está vendo? Quando se tem razão é assim. Acaba chorando como uma criança.

JÚLIA

Cala a boca, Tonico.

VERA

Pois eu não jogo mais com você, está ouvindo? Nunca mais.

D.MARTA

Você não devia mais é jogar bridge. Assim não é divertimento.

VERA

Não é, mamãe. É o Tonico. Ele me deixa louca. Jogo muito bem com todo mundo. Ninguém se queixou...

TONICO

Por cerimônia...

D.MARTA

(*A Tonico*) Fique quieto.

VERA

A senhora está vendo? Não é possível! Deixa ele falar. É prazer dele me irritar.

CLÓVIS

Verinha, vamos quebrar a castanha do Tonico. Vamos jogar fixos. Eu e você contra o Tonico e Júlia...

VERA

Não. Não vale a pena. Vou sacrificar você. Sou analfabeta...

CLÓVIS

Você joga muito bem. Pelo menos muito melhor que ele. (*Marta trouxe o calmante e Vera bebe. Marta vai novamente à vitrola tocar os discos que ganhou de presente.*)

VERA

Obrigada, Marta, deixa. É melhor eu não jogar. Mamãe joga. Eu fico aqui. Nem apareço lá para dar palpíte.

D.MARTA

Eu não posso. Não tenho nem tempo nem paciência. Não joguem hoje. Vamos conversar.

TONICO

Então vou ao clube.

JÚLIA

Vamos, Tonico. Vamos, Vera. Deixem de bobagem. Eu e você contra os dois.

TONICO

E caro.

CLÓVIS

Marque o preço.

TONICO

Cinquenta réis o ponto.

CLÓVIS
Fechado.

VERA
Não, Clóvis.

CLÓVIS
Que não o quê. Vamos ganhar. E assim tiramos a garganta dele.

D.MARTA
Marido contra mulher não adianta.

TONICO
Adianta, sim. No jogo temos economia separada. Perdeu, pagou. Se não tem dinheiro, compro as ações dela. Ela tem mais ações na Santa Marta que eu.

D.MARTA
Meu Deus! Que cabeça a minha! Já ia me esquecendo! Martinha, pare com essas coisas horrorosas! Que é da minha bolsa? Venha cá, menina. Pegue minha bolsa aí! *(Marta suspende o disco, pega a bolsa e vai entregar à avó.)* Vocês não param de brigar. Está aqui. Ia me esquecendo do principal. O seu presente, menina.

MARTA
Ora, vovó! Que trabalho! Não precisava se incomodar.

D.MARTA
Trabalho nada, Martinha. Estava mesmo à mão. Não fui buscar em Paris e é muito mais importante que essas músicas horrorosas que sua tia lhe deu. *(Dá um grande envelope à moça. Todos se interessam pelo presente.)*

MARTA
(Abrindo o envelope e examinando o conteúdo)
Muito obrigada, vovó. Que é isto, meu Deus?

D.MARTA
Não sabe ler? Leia, menina.

MARTA
(Lendo) “Santa Marta Fabril Sociedade Anônima... quinhentas ações... *(Contando cinco títulos)* Duas mil e quinhentas ações... Nossa Senhora, que é que eu vou fazer com tudo isso?...”

D.MARTA
Que é que vai fazer com isso? Ainda pergunta?...

TONICO
Venda para mim. Compro já.

D.MARTA
Engraçado! Compra coisa nenhuma! Que você já tem muitas! Está querendo a maioria, é?...

TONICO
Estou brincando, dona Marta. É para ela avaliar o significado desse presente.

JÚLIA
Foi o melhor presente que mamãe podia lhe dar, minha filha.

MARTA
(Abraçando e beijando a avó) Muito obrigada, vovó.

D.MARTA
Não há de quê, minha neta. Você hoje é também acionista da Santa Marta. Ela é de nossa família. É a nossa própria família. Tem o meu nome, o seu nome. É alguma coisa mais que uma fábrica. É nosso patrimônio, nosso sangue, nosso... nosso “panache”, compreendeu?...

MARTA
(Meio atrapalhada) Compreendi, vovó, compreendi.

D.MARTA
A Santa Marta é o traço de união da família. Aqui se briga por qualquer coisa. Seu pai com sua mãe, Tonico e Vera, mas todos se unem em torno da Santa Marta. Julinha, você já devia ter incutido essas noções no espírito de sua filha. Afinal, ela já tem vinte anos! Não é mais uma criança!

JÚLIA
E não é mesmo, mamãe. Aliás, você já está se desempenhando muito bem nessa tarefa.

TONICO
Vamos, Clóvis. Vamos, minha parceira. Não vai dar tempo para seis *rubbers*.

CLÓVIS
Pois é, dona Marta, estou pensando em fechar o consultório às quatro. Há pouco tempo para o *bridge*.

D.MARTA
E eu estava pensando em lhe pedir uma hora para as crianças da Sociedade.

CLÓVIS
É melhor deixar suas crianças sossegadas, dona Marta.

D.MARTA
Quando se trata de um pouco de caridade, é assim que se responde, não é?

CLÓVIS
Caridade? Já faço até demais; 50% da minha clientela não me paga.

TONICO
Vou arrumando a mesa. Dá licença, Júlia. Venha, Vera. *(Saem.)*

CLÓVIS
É bem verdade que tenho muitos amigos.

D.MARTA
Pois é. Veja que disparate. O senhor não cobra justamente dos ricos.

JÚLIA
De nós, por exemplo.

D. MARTA

E os pobres, coitados, que paguem a consulta!

CLÓVIS

Pobre vive porque é muito obstinado, dona Marta.

D. MARTA

Se todos fossem ricos, quem tocaria os nossos teares?

CLÓVIS

Nem me fale, dona Marta. Por isso eu cuido deles com carinho a cinquenta mil-réis a consulta, para maior glória da Santa Marta Fabril S/A.

D. MARTA

Amém.

JÚLIA

Vamos, Clóvis, senão mamãe ainda acaba dando em você...

D. MARTA

E não falta muito. Veja se me arranja tempo para os pobres da Sociedade.

CLÓVIS

Até logo, dona Marta. Vou pensar a respeito seriamente.

D. MARTA

Engraçado!

CLÓVIS

Até já, Martinha. Muitas felicidades. E não vá acumulando aniversários que me compromete muito.

JÚLIA

E a mim também. *(Saem de braços dados.)*

D. MARTA

(Resmungando) Hum! Querem parecer dois garotos! Ele até já anda pintando os cabelos! Hum! Mas há de ver! Tem que cuidar dos meus pobres. E de graça!

MARTA

Não se chame a senhora dona Marta. Quer tomar qualquer coisa, vovó? Uma laranjada, um cafezinho?

D. MARTA

Não. Já estou de saída. Fiquei para conversar um pouco a sós com você, Martinha. Venha cá. Vinte anos, heim? Com a sua idade, menina, já tinha dois filhos.

MARTA

Antigamente, casavam-se muito cedo, não, vovó?

D. MARTA

Nem tanto. Casei-me com dezessete anos. E acho, ainda hoje, muito boa idade para o casamento. Mas você já tem vinte! Já era tempo de pensar a sério na vida.

MARTA

Mas, vovó... não faço nada demais...

D. MARTA

Pois é... Como vai o Cláudio?...

MARTA

Deve ir bem.

D. MARTA

Você não gosta dele? Ele não gosta de você? Pois então, que está esperando? O moço tem 25 anos. É, por assim dizer, da família. Trabalhador, educado e até... bonitão. Que mais você quer?

MARTA

Nada. Sei que vou acabar casando com ele.

D. MARTA

Então, por que não ficam logo noivos?

MARTA

Não sei.

D. MARTA

Ora, não sabe! Que tolice! Tudo tão certinho! Vocês já se namoram há muito tempo, não é verdade?...

MARTA

É.

D. MARTA

Então, menina? Tão bom que tenha calhado assim! Ele já é da Santa Marta. Filho de grande acionista. Diretor. Não é pessoa de fora. É uma sorte. Não que isso seja essencial, Deus me livre! Se você não gostasse dele, eu não falava assim. É você quem deve escolher o seu marido. Deus me livre de insinuações e muito menos de imposições. E digo mais: quando vocês começaram a namorar – eu percebi logo; não pense que ando dormindo e não vejo as coisas –, até desaconselhei o namoro. Pergunte à sua mãe. Mas se deu certo, deu certo. Agora é casar para não desandar.

MARTA

(Pensativa) Para não desandar. Aí é que está. Se há esse perigo é que não está no ponto.

D. MARTA

Perigo do quê, menina?

MARTA

De desandar, como a vovó disse.

D. MARTA

Quem falou em desandar? Você não me entendeu. Oh! meu Deus, como as crianças de hoje fazem as coisas difíceis!...

(Entra Cláudio. Como a avó descreveu, 25 anos. Bonitão. Estritamente na moda. Jaquetão de gola larga. Calças de boca de sino. Engomado. Up-to-date. Cumprimenta a senhora, beijando-lhe a mão.)

CLÁUDIO

Boa tarde, dona Marta.

D.MARTA

Boa tarde, Cláudio.

CLÁUDIO

Deixei o escritório por meia hora. Ainda tenho de voltar para fechar o expediente. Mas não podia deixar de felicitar especialmente a aniversariante. *(Vai a Marta, beija-lhe a mão e abraça-a meio formalmente.)* Meus parabéns, Marta.

MARTA

Muito obrigada.

D.MARTA

Muito cuidado com essas fugidas do escritório. Olhe que Marta já é acionista da fábrica. Já pode fiscalizar o seu serviço.

MARTA

(Mostrando as ações) Olhe o presente que vovó me deu: duas mil e quinhentas ações.

CLÁUDIO

Já sabia, sua boba. Fiz o termo de transferência. Belo presente! Conto com o seu voto na próxima assembleia.

MARTA

Vamos ver.

D.MARTA

Esse menino vai longe. Ainda será o presidente da Santa Marta.

CLÁUDIO

Não aspiro a tanto, dona Marta. Estou satisfeito onde estou. E muito contente com os meus chefes. Não podiam ser melhores.

D.MARTA

Assim é que é. Tudo tem seu tempo. É saber aproveitá-lo.

CLÁUDIO

Hoje foi um grande dia para nós, dona Marta...

MARTA

Muito obrigada... Meu aniversário...

CLÁUDIO

Não, não é por isso. Sim, quero dizer... é por isso, é claro, nem podia ser de outra maneira... E como é uma data feliz... deliberamos no dia de hoje... fechamos o negócio com a caldeira.

D.MARTA

Muito bem! Apoiado!

CLÁUDIO

Vamos nos ver livres da Luz e Força. Dentro de uns oito meses, teremos energia própria.

D.MARTA

Mas não será muito pesado para a fábrica?...

CLÁUDIO

É. De fato. É muito caro. A caldeira e a turbina.

Muito caro. Mas não havia outra alternativa. É preciso ter independência, custe o que custar.

D.MARTA

A Luz e Força era um inferno!

CLÁUDIO

Nem fale. Um serviço horroroso. Irregularíssimo. Prejudicando nossa produção. E nem se incomodaram com nossas reclamações. E o prefeito a cruzar os braços. Também, vai acabar. Lenha, temos de sobra. E sabe, dona Marta: vai nos ficar mais barato. Fizemos os cálculos.

D.MARTA

Pois que tudo dê certo. Deus ajuda quem trabalha.

MARTA

Quer tomar alguma coisa?

CLÁUDIO

Não, obrigado, estou por pouco.

D.MARTA

(Levantando-se) Bem, vou andando.

MARTA

É cedo, vovó.

D.MARTA

Tenho que ir. Até logo, Martinha. *(Beijos)* E pense no que lhe disse. Até logo, Cláudio. Um abraço a seu pai e parabéns pela caldeira.

CLÁUDIO

Muito obrigado, dona Marta. Até logo.

D.MARTA

Apareçam, ouviu? E não pensem que vou deixar vocês dois aí sozinhos. Não vê! Vou dizer a Julinha para vir tomar conta de vocês.

CLÁUDIO

Ora, dona Marta, pode ficar sossegada.

D.MARTA

Sossegada... pois sim, seu espertalhão. *(E sai. Marta acompanha-a até a saída da sala. Cláudio está junto à vitrola, no lado oposto à saída.)*

CLÁUDIO

Venha cá!

(Marta se aproxima. Cláudio vai ao seu encontro e se abraçam num beijo cinematográfico. Afinal, Marta se desenlaça e diz sofregamente, em tom de brincadeira:)

MARTA

Ufa... Quase fico sem ar! *(Vai à vitrola e põe um disco.)* Veja o que tia Vera me deu. De Paris. *(Toca o Little Cecilia Green.)*

(Cláudio pega sua mão e a conduz calmamente ao sofá, onde se sentam. De repente, Marta levanta-se e vai espiar por onde a avó saiu. E cai no sofá, aos beijos, sempre ao som da música. Instantes depois, se desenlaçam para tomar fôlego. Cláudio a encara, segurando-lhe as mãos.)

CLÁUDIO

Marta, você quer se casar comigo?

MARTA

Cláudio, você quer não me repetir mais essa pergunta?

CLÁUDIO

Você gosta de mim?

MARTA*(Levanta-se do sofá e vai parar a vitrola.)* Mais ou menos.**CLÁUDIO***(Levanta-se e avança lentamente para Marta, em atitude de quem vai dar um bote.)* Mais ou menos... é?**MARTA***(Quando ele chega bem perto, finge que viu a avó entrar.)* Esqueceu alguma coisa, vovó? *(Cláudio se assusta e se apruma, mas não é ninguém.)* Você está vendo? Pode entrar alguém...**CLÁUDIO***(Reinicia o ataque na mesma atitude.)* Pode entrar alguém, não é...?*(E vai avançando em tom de brincadeira. Marta foge. Defende-se atrás de uma poltrona. Há um pega-pega. Fauno perseguindo Diana. Cláudio, sentindo essa situação, imita o fauno, fingindo tocar flauta, e corre atrás da moça. Há um corre-corre, entre risos, gritinhos e roncões de fauno, até que Cláudio consegue agarrá-la, caindo ambos no sofá. Mais beijos.)***CLÁUDIO**

Você quer se casar comigo?

MARTANão. *(Mais um beijo.)***CLÁUDIO**

Quer se casar comigo?

MARTANão. *(Mais um beijo.)***CLÁUDIO**

Quer se casar...

MARTA*(Gritando)* Quero! *(Cláudio a solta e Marta foge do sofá.)* Não, não e não! Você é louco, Cláudio! De repente, chega gente aí...**CLÁUDIO**

Então, me responda de verdade, Marta.

MARTA

A resposta já está dada. Não quero me casar, ainda.

CLÁUDIO

Muito obrigado pelo "ainda".

MARTA

Não há de quê.

CLÁUDIO

Mas o que é que estamos esperando?...

MARTA

Não sei... Gosto de você... nem podia ser de outro jeito. Mas... não dá para casar com você!

CLÁUDIO

Não dá?

MARTA

Quer dizer... Ah, não sei!

CLÁUDIO

Vamos, Marta.

MARTA

Não tenho muita confiança...

CLÁUDIO

Em mim?

MARTA

Em mim e em você também. Mas não é bem isso. Tenho medo...

CLÁUDIO

Medo de quê?

MARTA

Casamento é por toda a vida. Enjoado, não é?

CLÁUDIO

Quando estou com você, nem penso nesse "por toda a vida". É claro que é por toda a vida. Formidável, não é?

MARTA

Não acho. O "por toda a vida" me assusta. Você já pensou bem nisso?

CLÁUDIO

Não se trata de pensar e sim de gostar...

MARTA

Pois é. Eu gosto e penso. Penso muito. Por isso é que não me sinto capaz de casar com você.

CLÁUDIO

Você está vendo? Sabe que mais? Você não se casa comigo é de teimosia. Por espírito de contradição. Como todo mundo faz gosto pelo nosso casamento...

MARTA

É isso mesmo. No fundo, você disse a verdade. Esse complô a favor do nosso casamento me irrita. Não sei bem por quê, mas me irrita. É mamãe, é papai, é sua mãe, é seu pai e vovó...

CLÁUDIO

Martinha, pense bem: por que eles teriam de ser contra? É claro que estão de acordo. Amigos e sócios!

MARTA

É isso. Amigos e sócios. Principalmente sócios. Este casamento para eles é um arranjo notável. É a preservação do patrimônio. É a consolidação da dinastia da Santa Marta Fabril S/A...

CLÁUDIO

E que tem isso? Foi sorte eu gostar de você e você de mim...

MARTA

É pena que eu não tenha um irmão, porque assim ele se casava com a sua irmã e se construía uma verdadeira muralha chinesa defendendo a fábrica.

CLÁUDIO

E você não acha isso formidável? Por que jogar fora uma chance dessas? Quando menos... é o útil ao agradável!

MARTA

Preferia que fosse o contrário: o agradável ao útil. Ou antes, só o agradável. Essa idéia de útil estraga tudo.

CLÁUDIO

Fita de cinema...

MARTA

Veja só como você está se traindo. É isso mesmo: fita de cinema. Romance. Gosto de romance.

CLÁUDIO

Para haver romance não é preciso haver desgraça nem miséria. Pode haver um casamento igual, conveniente, ao gosto de todos.

MARTA

Quem sabe? Eu preferia que você fosse um empregado da fábrica, e não um diretor. Que todo mundo fosse contra...

CLÁUDIO

Isso é poesia. Se eu fosse empregado da fábrica, como ia conhecer você? É. É muito bonito pensar assim. Mas no nosso caso é um absurdo. Se você não gostasse de mim, está certo. Nem eu estava aqui. Nem sei onde você foi buscar essas idéias! Quer dizer que eu não posso me casar com você porque *posso* me casar? Porque sou rico? Porque nossos pais são sócios numa indústria onde já estou bem colocado, com o futuro garantido?...

MARTA

Você não compreendeu. E é tão fácil!

CLÁUDIO

Nossos pais se casaram ricos e não são muito felizes?...

MARTA

(Não responde. Parece que Cláudio tocou no ponto principal. Ela vai à vitrola.) Olha aqui este disco. Veio a propósito. *(E toca o Moi j'ai fait ca machinalement.)*

JÚLIA

(Entrando) Oh, Cláudio, você por aqui?...

CLÁUDIO

Boa tarde, dona Júlia. Vim cumprimentar a aniversariante!

JÚLIA

Fez muito bem. *(A Marta)* Que é de mamãe?

MARTA

Vovó já foi.

JÚLIA

(Remexendo gavetas) Quero um lápis. Não sabe onde tem?

CLÁUDIO

Tenho um aqui, dona Júlia. Faça o favor.

JÚLIA

Muito obrigada. Não vai lhe fazer falta?

CLÁUDIO

Não senhora.

JÚLIA

Até já. Marta, é bom você ver se não falta nada para hoje à noite.

MARTA

Sim, mamãe.

JÚLIA

Você vem, não é, Cláudio?

CLÁUDIO

Naturalmente. Serei o primeiro a entrar e o último a sair.

JÚLIA

Muito bem.

(Ouve-se, de dentro, o pessoal do bridge chamando por Júlia.)

JÚLIA

Já vou. A esta hora, o Tônico já enterrou o carteio. Até logo.

(Cláudio beija-lhe a mão e Júlia sai. Os dois ouvem a música. Cláudio canta com o disco.)

CLÁUDIO

“Lorsque je me suis marié

Celà n'a pas varié

J'ai rempli tant bien que mal

Le devoir conjugal.”

(Cláudio considera o que cantou e corre a parar o disco.)

MARTA

Parece que o disco veio a calhar. Respondeu tudo.

CLÁUDIO

(Dando beijinhos na moça) Ora, Martinha, que bobagem! Você acredita em tudo, menos em mim!

MARTA

Não diga isso, Cláudio. Apesar de tudo, gosto de você, sabe?

CLÁUDIO

Você não acha que sua mãe é feliz?

MARTA

Não sei. Sinto que não. Não queria para mim um casamento... Não... Não vale a pena...

CLÁUDIO

Continue. Seja franca comigo.

MARTA

... como o de papai e mamãe, por exemplo.

CLÁUDIO

Não entendo. Pois você não acha que deu certo? Que vivem muito bem?...

MARTA

Acho que não deu nada certo. Ou então, se casamento acertado é assim, para mim não interessa.

CLÁUDIO

Como você é exigente! Estou com medo!

MARTA

Os dois eram ricos, quase da mesma família. Não houve luta, não houve sacrifício, não sei... acho que foi uma coisa muito sem graça. Tinha que dar no que deu...

CLÁUDIO

Marta! Não estou entendendo você. Dar no que deu, como? Pois são casados há mais de vinte anos, meu Deus! Sempre viveram juntos, decentemente. Criaram e educaram você. Têm uma posição exemplar na sociedade. Têm um lar, uma casa, um ambiente agradabilíssimo. Seu pai trabalha regularmente na fábrica. Viajam. Levam uma vida inteligente... Que mais você quer?...

MARTA

Mas não há amor entre eles! Você não compreende? Falta o principal!

CLÁUDIO

Mas depois de vinte anos de casados você quer que eles andem aos beijos pelos cantos? Eles já tiveram o seu tempo. Agora já passou.

MARTA

Que passou nada! Mamãe é ainda muito moça. Papai também. Parece que vivem cada um de seu lado.

CLÁUDIO

Não é exato. Vivem um para o outro e os dois para você. Se respeitam. O amor se transformou em amizade. Há entre eles uma compreensão recíproca. O que você pode saber da vida íntima deles?...

MARTA

Nada. Mas sinto que um não significa nada mais para o outro. Se suportam apenas. Aliás, com muita elegância.

CLÁUDIO

Não diga absurdos! Eu, como homem, conheço mais seus pais que você...

MARTA

Que topete!

CLÁUDIO

... nesse sentido que estamos conversando. E posso afirmar que eles se adoram. Você não entende nada dessas coisas.

MARTA

Você pensa que eu sou idiota? Que sou uma menininha de colégio interno?

CLÁUDIO

(*Irônico*) Não, você é uma sabidona!

MARTA

Também não. Mas não é preciso ser muito sabida para enxergar certas coisas...

CLÁUDIO

E o que é que você anda enxergando?...

MARTA

Ora, Cláudio, eu não. Você, todo mundo...

CLÁUDIO

Eu também?

MARTA

Claro! Ou você já se esqueceu?

CLÁUDIO

Esqueceu o quê? Vamos, desembuche, por favor.

MARTA

Você não se lembra de que você me contou um dia de uma briga de sua mãe com seu pai?

CLÁUDIO

Não. Brigaram por quê?

MARTA

Porque seu pai e o meu passaram uma semana no Rio, na pândega.

CLÁUDIO

Foram a negócios.

MARTA

Eu sei. Um dia de negócios. E o resto foi pândega. Ora, Cláudio. Nós mesmos comentamos isso aqui com a turma. Foi um escândalo na família.

CLÁUDIO

Está certo. E o que é que você quer concluir daí?

MARTA

Que meu pai é um pirata, como o seu. Acha pouco?

CLÁUDIO

Ora, Marta, que novidade!

MARTA

Que novidade, não é, engraçadinho?

CLÁUDIO

E você acha que isso tem muita importância?

MARTA

Naturalmente. Eu... eu não seria feliz se meu marido fosse um pirata.

CLÁUDIO

Não seria feliz agora. Não depois de vinte anos de casada.

MARTA

Ah, você pensa assim, não é? Por isso que não quero me casar.

CLÁUDIO

É quem é que disse que eu vou ser pirata?...

MARTA

O seu modo de pensar. Os exemplos de casa. Todo marido é pirata. Os homens mesmo se gabam disso. Achrom natural, engraçado. Você pensa que não sabemos disso? Estelinha me contou o que foi o tio Tonico na Europa. E com papai devia ter sido a mesma coisa. Deus me livre!

CLÁUDIO

(Representando) Martinha, juro que te amarei a vida inteira, que nunca olharei para outra mulher. Que depois de vinte anos de casados, ainda te estarei beijando assim... *(Beijo)* como agora.

MARTA

Bom, heim? Se eu pudesse acreditar... como é que você pode garantir? Nem você sabe... as coisas acontecem.

CLÁUDIO

Se todo mundo pensasse assim, não haveria mais casamento. A gente quando gosta tem que ter fé...

MARTA

Então! Ainda me falta essa fé. Por isso, tenho medo de resolver, compreendeu? Compreendeu, inteligência rara?...

CLÁUDIO

Está bem. O noivado fica adiado *sine die*. Então, volto com o meu presente. Até logo.

MARTA

Que presente é esse?...

CLÁUDIO

Não. Não é nada. Trouxe aqui o embrulho. Não tem importância. *(E mostra uma caixinha de anel embrulhada em papel de seda.)*

MARTA

Deixa ver. *(E avança.)*

CLÁUDIO

Não senhora. Fica para o outro aniversário.

MARTA

Mas é presente de noivado ou de aniversário? Deixa ver, faz favor.

CLÁUDIO

Vou mostrar. De longe, heim? *(Abre o embrulho e mostra o anel.)*

MARTA

(Arranca-lhe o anel das mãos e corre com ele.) É lindo! Você tem gosto!

CLÓVIS

Me dá!

MARTA

Não. Afinal, é um presente, por hoje.

CLÁUDIO

Não senhora. Para isso vou comprar uns livros ou uns discos, não é?...

MARTA

(Reflete. Tira o anel do dedo e o oferece a Cláudio.) Está bem. Fique com ele.

CLÁUDIO

Não, Marta. Estou brincando. É seu. Só pode ser seu. Pelo aniversário, vá.

MARTA

Anel de brilhante? De aniversário? Não pode ser. Mas eu aceito. *(Beijos.)*

CLÁUDIO

Meu bem, você é um amor!

MARTA

É preciso ter muito fôlego para resistir à pressão do ambiente, à Santa Marta Fabril – um anel de brilhante, e além do mais...

CLÁUDIO

... além do mais...

MARTA

... gosto de seus beijos. *(Beijam-se.)* Então, vamos nos casar logo, antes que eu desista.

CLÁUDIO

Isso mesmo! Gosto das decisões momentâneas! Martinha, só queria dizer uma coisa mais a você. Para concluir nossa conversa. Compreendo todas as suas dúvidas, suas incertezas, sua falta de fé. Isso tudo é da vida. Será que existe a felicidade completa?... Definitiva? Então? Hoje estou felicíssimo. É o que importa. Eu adoro você. Você gosta de mim. É o que importa.

MARTA

Vamos aproveitar o presente...

CLÁUDIO

... que o futuro não será tão negro como você pensa. *(Beijos)* Até logo, Martinha. Já passei da hora. Hoje à noite estoura a notícia.

MARTA

Não vai ser muita surpresa para a família!

CLÁUDIO

Não faz mal. É até melhor. Até à noite, meu bem. *(Mais um beijinho e Cláudio sai.)* *(Marta ainda fica na saída, dá um adeus final e entra lentamente. Examina e reexamina o anel que está em seu dedo, fica pensativa. Na realidade, não está muito entusiasmada. Vai à vitrola. Começa a dar corda. Desiste. Afinal decide-se. Apaga a luz maior do living. Fica apenas a de um abajur. Marta procura o canto escuro, na penumbra, e senta-se numa poltrona, junto à*

vitrola. Ouvem-se passos e a voz de Júlia em direção ao living. Júlia entra. Não dá pela presença da filha e começa a procurar qualquer coisa numa gaveta, no canto oposto à poltrona. Nisso, entra Clóvis, de mansinho e sem dar tempo a qualquer reação, enlaça Júlia e a beija. Esta se desprende, assustada, não sem ter aderido ao beijo.)

JÚLIA
Você está louco! Vá embora!

CLÓVIS
Então, amanhã, sem falta?...

JÚLIA
.....

CLÓVIS
Às três e meia...

JÚLIA
.....

CLÓVIS
Até amanhã.

JÚLIA
Você não vem hoje à noite?

CLÓVIS
Sim. Mas amanhã é que interessa.

JÚLIA
Vai.

CLÓVIS
Até amanhã. *(E sai.)*
(Júlia ajeita o penteado, desiste de procurar na gaveta e acende a luz central. Vira-se e leva um susto quando dá com Marta sentada na poltrona, de olhos esbugalhados, perplexa. Há uma pausa instantânea. Júlia se refaz e começa a representar, notando-se ligeira afetação no seu diálogo.)

JÚLIA
Você estava aí?... *(Marta, de olhos arregalados, afirma com a cabeça.)* Viu o maluco do Clóvis? Que homem sem modos?

MARTA
Vi.

JÚLIA
(Que não esperava essa resposta, muda de atitude. Sempre estudada.) Viu o quê? Que é que você está pensando?...

MARTA
Nada. Só disse que vi.

JÚLIA
O quê?

MARTA
O dr. Clóvis beijar você!

JÚLIA
Ora! Isso é brincadeira. Há vinte anos que conheço o Clóvis e ele sempre tem essas manias.

Mas um dia destes dou-lhe o basta, à minha maneira, e pronto. *(Marta levanta-se sem dizer nada. Mas continua perplexa, assustada.)* Que é isso? Que cara é essa?

MARTA
Ele marcou encontro com você amanhã, às três e meia... sem falta.

JÚLIA
Você está louca, menina! Marcou coisa nenhuma! Ah! É claro! Amanhã tenho bridge na casa de Vera, a essa hora, é só.

MARTA
É só...

JÚLIA
Então? Você não acredita? Você não acredita, minha filha? *(Marta não responde.)* Era só o que faltava. Esse é o resultado de você andar bisbilhotando. Que idéia é essa de sentar-se aí no escuro? Que culpa tenho eu se um maluco me pega distraída e quer me beijar?...

MARTA
Mas ele beijou.

JÚLIA
Beijou! Beijou! Que é que tem isso? Até na frente de seu pai. Somos amigos há vinte anos. Ele criou você.

MARTA
Não tem nada.

JÚLIA
Pois não tem mesmo. E quanto ao bridge, pergunte a Vera. Pode telefonar já para ela, já que você chegou ao ponto de duvidar de sua mãe.

MARTA
Não é preciso.

JÚLIA
Veja como as aparências enganam. É sempre bom ter explicações. Quem não deve não teme.

MARTA
Pois é. Tudo tem explicação.

JÚLIA
O que você estava fazendo aí, sentada na poltrona?

MARTA
Nada. Estava pensando. Eu... o Cláudio... acabamos de ficar noivos. Ele me deu este anel!

JÚLIA
Bravos! Muito bem! Até que enfim! Meus parabéns, minha filha! *(Aproxima-se de Marta e vai beijá-la, com efusão. Esta, porém, não pode disfarçar seu sentimento. Instintivamente, recusa o rosto. Júlia percebe e se afasta, muda de atitude. Já não está mais representando. Está furiosa, com uma fúria calma, fria.)*

JÚLIA

Está bem! Que seja! Você viu! Você não aceita explicações. Você acha que sua mãe é uma mentirosa, uma... uma... leviana! Pois pior pra você. Case-se com o Cláudio. Seja feliz. Suma-se!

MARTA

(Não responde. Vai saindo lentamente. Quando chega à porta, volta-se, enche-se de coragem e resolve enfrentar a situação.) Mamãe, não adianta me enganar. Eu vi tudo. Por infelicidade minha. Por desgraça minha. Mas vi... claramente.

JÚLIA

Nem tudo o que a gente vê resulta no que se pensa.

MARTA

Mamãe, da minha boca nunca sairá nada a esse respeito. Mas, para mim, despencou tudo... tudo.

JÚLIA

Não preciso do seu silêncio. Não tenho medo. Sou capaz de contar tudo a seu pai e ele julgará.

MARTA

Papai não pode julgar.

JÚLIA

E nem tem autoridade para isso, fique você sabendo de uma vez por todas.

MARTA

Eu sei.

JÚLIA

Sabe o quê?

MARTA

Vocês não têm mais nada um com o outro. Eu sei... há muito tempo que sei.

JÚLIA

Pois então saiba de mais uma coisa: não tenho nada com o Clóvis, ouviu? Nunca tive e nunca terei. Mas, se tivesse, estaria no meu direito...

MARTA

Isso não. *Direito* não.

JÚLIA

Direito... ou qualquer nome que tenha. Não importa. Queira Deus que não aconteça no seu casamento o que aconteceu no meu... *(Começa a chorar. Procura se conter, mas desanda no choro, sentando-se à beira do sofá.)*

MARTA

(Mais afável, porém sempre sem se entregar) Eu sabia que papai e mamãe nunca foram felizes. Desde que me tenho por gente percebi isso. Mas... viver assim, cada uma para o seu lado?...

JÚLIA

(Chorosa) E você queria que eu me separasse, me desquitasse?... *(Marta não responde. Teve medo de responder afirmativamente.)* Sabe o que é uma

mulher separada? Uma divorciada? Nesta sociedade de bárbaros? Servir de pasto para essa gente! Para essas línguas de trapo! *(Júlia se inflama, se enche de razões. Levanta-se. Já não chora. Começa a aumentar o tom de voz.)* E sabe por que não nos separamos?...

MARTA

Mamãe, não fale alto, pelo amor de Deus.

JÚLIA

(Gritando) Falo sim. Que todo mundo saiba. Vai saber um dia. Quanto mais cedo, melhor. Não nos separamos, não foi por sua causa, não, que tinha a avó para ficar com você. Lá, sempre era melhor para você, que não assistia às nossas brigas...

MARTA

Mamãe... por favor...

JÚLIA

Não nos separamos... parece ridículo... mas é a pura verdade... Não nos separamos por causa da Santa Marta Fabril Sociedade Anônima. Pra não dividir as ações. Para não perder a maioria. É isso mesmo. É a pura verdade. O traço de união da família. Eu e seu pai... toda a família... só entramos em acordo quando se trata da Santa Marta. Só. O resto é briga, incompreensão... tudo. *(Júlia sai inopinadamente. Marta fica só em cena. Anda de um lado para outro. Considera o anel que tem no dedo. E se atira no sofá, num choro convulso.)*

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(Inverno de 1933. Antes de abrir o pano, ouve-se o recitativo de criança.)

“Paulista eu sou, há quatrocentos anos:
Imortal, indomável, infinita,
Dos mortos de que venho ressuscita
A alma dos bandeirantes sobre-humanos.”

(Terminada a estrofe, começa a se abrir o pano lentamente, sem se interromper o recitativo.)

“Tenho orgulho dos nossos altiplanos.
Tenho paixão da gleba circunscrita.
Quero morrer ouvindo a voz bendita
Dos pausados cantares paulistanos.”

(O mesmo living, completamente modificada a decoração. A parede ao fundo não é mais de tijolo; é

feita em retângulos de vidro fosco, tipo lalique, vendo-se desenhado em relevo, no centro, o contorno de uma fábrica, com suas chaminés. Em lugar visível, troféus da Revolução de 32 pendurados na parede; uma bandeira paulista, ladeada por capacete de aço e um quadro: “Desta casa partiu o soldado da lei”. Em cena, D. Marta, Júlia, Clóvis, Vera, Tônico, Marta e Cláudio. Todos mais envelhecidos, fazendo grande diferença a velha D. Marta, já bem alquebrada, e Marta, que se tornou uma senhora. Tônico, com a barba da revolução, em voga àquele tempo. Ouvem o recitativo de uma criança de seis a sete anos: Martuxa, filha de Marta e Cláudio. A menina-prodígio continua com entusiasmo.)

“De minha terra para minha terra
Tenho vivido. Meu amor encerra
A adoração de tudo quanto é nosso.
Por ela sonho um perpétuo enlevo
E, incapaz de servi-la quanto devo,
Quero ao menos amá-la quanto posso.”

(Palmas e mais palmas.)

TODOS

Muito bem! Bravo! Formidável! (E muitas frases e exclamações simultâneas.)

TONICO

Essa menina é um colosso! É o símbolo da nova geração! E que soneto de Martins Fontes!

VERA

Recitou admiravelmente! Menina viva! Bonita poesia!

D.MARTA

É muito inteligente essa minha bisnetinha!

JÚLIA

(A Marta) Você precisa cuidar do senso artístico dela. Ela tem talento. Tudo agora depende de bons professores.

MARTA

(A Júlia) São frases do discurso de Alcântara Machado, coligidas por Martins Fontes.

CLÁUDIO

Martuxa tem muito jeito para essas coisas.

CLÓVIS

Não exagere. Trata-se apenas de uma criança bem alimentada.

TONICO

Viva São Paulo!!!

(Um momento de silêncio. Ninguém esperava por aquela atitude idiota de Tônico. A menina ficou onde estava, indiferente às exclamações, aproveitou a pausa e correu em direção à saída. Corre, querendo sair da sala, sem dizer palavra.)

CLÁUDIO

(Peremptório) Martuxa, vem cá.
(A menina estaca mas não se vira.)

JÚLIA

Venha cá, Martuxa. Como é que você vai saindo, assim, sem pedir licença, sem se despedir? É muito feio para uma menina bonitinha como você.

CLÁUDIO

E a Marta nem se incomoda. Como se não fosse com ela.

MARTA

(Muito suave) Vem, filhinha, dê um beijo em vovó. Seja boazinha, vamos.
(A menina empaca.)

D.MARTA

Deixe a menina ir brincar.

CLÁUDIO

A senhora me desculpe, mas isso não admito. Martuxa, obedeça a sua mãe.
(A menina obedece, constrangida, mas não quer beijar ninguém. Trata-se de uma menina rebelde e mal educada. Estende a mão a um, a outra, friamente; cada qual tem uma palavra de carinho com a criança, que não dá a menor importância. Quando vai se despedir da velha, apenas estendendo a mão, Cláudio ordena, enérgico:)

CLÁUDIO

Não foi assim que você aprendeu. Vamos, como é? (A menina então faz reverência, dobrando os joelhos. D. Marta a puxa para os seus braços, beijando-a.)

D.MARTA

Coitadinha! Que faça como quiser. Venha comigo. Vamos ver os seus brinquedos. (Levanta-se com dificuldade e sai da sala, resmungando, levando a menina.)

CLÁUDIO

Marta teimou em não educar a menina. Quis tratar uma nurse; não deixou...

TONICO

E está certíssimo. Quem educa os filhos é a própria mãe, e não uma *Fraulein* que a gente nem conhece nem sabe de onde veio.

VERA

Isso é muito fácil de dizer. Por que você não cuidou da Estelinha?

TONICO

Isso é tarefa da mãe. Minhas obrigações são outras...

VERA

Sim... é clube... é almoçar no clube... jogar no clube... jantar no clube.

TONICO

Por favor, Vera, não comece...

JÚLIA

Em certo ponto, o Tônico tem razão. A mãe não deve abandonar a criança a uma *nurse* qualquer. Mas, desde que venha bem recomendada...

CLÁUDIO

É isso que eu tenho dito...

JÚLIA

A gente é que não pode ter a vida sacrificada...

MARTA

Quem não quer sacrifícios não se casa.

CLÓVIS

Pode se casar... mas não tenha filhos.

CLÁUDIO

E você teria que mudar de profissão.

VERA

Isso tudo é teoria. Na prática queria ver que homem ficava em casa mimando criança. Vocês falam, falam...

TONICO

E você? Fala, fala! Mas nem vê sua filha meia hora por dia.

VERA

Meia hora por dia? E você? Nem cinco minutos. Passa o dia fora.

TONICO

Não sou a mãe...

VERA

(Ameaçadora) Não me amole, Tônico. Faça o favor de não me amolar.

MARTA

Vamos dar por encerrado o assunto. Todos podem ter suas razões. Vocês me desculpem, posso estar errada: mas quem educa minha filha sou eu mesma.

CLÁUDIO

Educa... Se isso é educação!

MARTA

Do meu modo é. Quero que Martuxa seja uma menina espontânea...

CLÁUDIO

Malcriada...

MARTA

É melhor que ser fingida e hipócrita.

CLÓVIS

Muito bem, Marta, muito bem!

JÚLIA

Muito bem por quê? Não acho que esteja tão bem assim, não.

MARTA

Vocês educam os filhos para seu prazer e não para a felicidade deles. Eu quero educar para ela, para vantagem dela.

JÚLIA

Você sempre foi muito bem educada.

MARTA

E ganhei muito com isso?...

JÚLIA

Ganhou, sim senhora! Você sabe muito bem que ganhou! Não seja ingrata!...

CLÁUDIO

Claro, dona Júlia. Ela fala por falar. Não me casaria com ela se não fosse uma moça fina, sociável!

(Daqui em diante o diálogo entre os dois casais – Clóvis e Marta e Tônico e Vera – é simultâneo, ou melhor, duas discussões ao mesmo tempo, cada uma para seu lado.)

DISCUSSÃO 1**VERA**

Já que vivemos em sociedade, tem de ser assim!

TONICO

Assim como? Furiosa como você é?

VERA

Não. Bem educada como eu sou, e não grosseiro e implicante como você é.

TONICO

Implicante é você. Malcriada e voluntariosa.

VERA

Tônico, não me provoque!

TONICO

Não estou provocando. As coisas são o que são.

VERA

Eu me separo de você, Tônico. E levo Estelinha

TONICO

É quando quiser. Você já disse isso mil vezes. Mas, levar minha filha, não senhora.

VERA

(Aos gritos) Levo. Você não tem direito. Levo, levo e levo!

TONICO

(Aos gritos) Está certo! Chega!!!

DISCUSSÃO 2**MARTA**

E você acha que foi um prêmio para mim esse casamento?...

CLÁUDIO

E por que não? Não foi um bom casamento?...

MARTA

Tanto não foi, que não vou educar minha filha como você quer...

CLÁUDIO

Ah! Ah! Ah! Era só o que faltava!

MARTA

... para a alta sociedade!

CLÁUDIO

Quem manda na educação da menina sou eu.

MARTA

Você manda. Eu educo.

CLÁUDIO

(Levantando mais a voz) Educará como eu quiser!

MARTA

(No mesmo tom) Educarei como eu quiser.

(Neste momento entra D. Marta e se espanta em ver a algazarra provocada pela discussão.)

D. MARTA

Que é isso, meu Deus? Onde vocês pensam que estão? Que coisa mais desagradável! Assim, não é mais possível a família se reunir! Se continuarem a brigar desse jeito, não me verão mais! Nunca mais!

MARTA

Desculpe, vovó. Isso não acontecerá mais.

VERA

É o Tônico, mamãe, vive me amolando.

TONICO

Não, dona Marta...

(A um gesto de Júlia, Tônico interrompe a nova discussão que ia se esboçando.)

CLÓVIS

Um brinde a dona Marta! Viva dona Marta, a fundadora da Santa Marta Fabril Sociedade Anônima!

TODOS

Viva! Viva!

(O brinde salvou a situação. Todos bebem e abraçam a velha.)

TONICO

(A Vera) Dá uma abraço aqui, mulher. *(Vera titubeia, mas vai a Tônico, solicitada por Júlia.)*

Muito bem. Obrigado, cunhada. *(Abraços e beijos entre Vera e Tônico.)*

TONICO

(Eufórico, ainda abraçado a Vera:)

“Paulista eu sou, há quatrocentos anos

Imortal, indomável, infinita,

Dos mortos de que venho ressuscita

A alma dos bandeirantes sobre-humanos.”

Muito bonito. Bonito e exato. Você devia ensinar a outra, Marta: “Ser paulista é ser grande no passado...”

MARTA

Não ensinei nada. Foi mamãe.

TONICO

Muito bem, cunhada. É isso mesmo. Precisamos criar uma rapaziada nova, uma mentalidade de

combate, uma juventude de revolução, de 23 de maio, de MMDC, de 9 de julho – me dá outro uísque aí, Cláudio –, uma mocidade pró São Paulo *Fiant Eximia*. Vamos à música. Bota o disco lá, Vera.

(Vera põe o disco da revolução na vitrola. Tônico, muito entusiasmado, acompanha com gestos.

Cláudio lhe serve o uísque. Quando a música termina, Tônico, inflamado, finge que dá uns tiros. Está dizimando um exército.)

TONICO

Pá pá pá pá pá pá... Tchi bum. Pá... Viva São Pauloooooo!

VERA

Vivaaaaaa!

(Os dois sorvem um gole de uísque.)

CLÓVIS

Você pode criar a juventude que quiser, mas nada de barbas. Para que essa barba toda? Já é tempo de se passar a gilete nela. Todo mundo já sabe que você esteve na trincheira, que você é herói, que quase morreu...

TONICO

Minha barba não é ostentação. Não precisó disso. É um voto. Lutei pela Constituição. Esta barba cresceu nas trincheiras, por uma Constituição, e só a rasperei no dia em que for promulgada essa Constituição.

CLÓVIS

Está bem. Estou ciente.

TONICO

Você não entende disso. Você viu fogo de perto? Você andou em trem blindado? Pegou no pau furado? Sabe lá o que é 23 de Maio?

CLÓVIS

Sei, sim.

TONICO

Você caçoa porque não estava no embrulho, como eu, aí na fogueira. E vi você, sim, no 23 de Maio, como não? Estava apreciando o movimento, ali, escondido, na janela do seu consultório.

CLÓVIS

Não me lembro. Mas é bem possível. Por que descer para a rua? Da janela é menos cansativo...

TONICO

Menos perigoso...

CLÓVIS

Que seja! E você esteve lá. Que é que você fez? Heim, Tônico, que é que você fez?

TONICO

Só sei que vim rouco para casa.

CLÓVIS

Pois é. Fez gritaria, nada mais.

TONICO

Não vou perder tempo discutindo esse assunto com você... Ser paulista é ser grande no passado... você nem parece paulista... Paulista eu sou há quatrocentos anos...

CLÓVIS

Vou conferir na genealogia.

TONICO

Um marmanjão desses e nem se apresentou!

JÚLIA

O Clóvis não topou o movimento.

CLÓVIS

Não sou de topar movimentos. Sou é da minha clínica.

MARTA

Se ele estivesse na trincheira, quem teria salvo Martuxa?...

CLÓVIS

(A Tónico) Você está vendo? Se eu estivesse na trincheira, vocês não estariam ouvindo a Martuxa, aqui, hoje.

D. MARTA

Muito bem, dr. Clóvis. Nem me fale! Você foi o verdadeiro herói. Passou noites e noites ao lado da minha bisneta. Até que venceu a crise.

CLÓVIS

Não sou herói, dona Marta. Sou médico. Alimento crianças, salvo vidas e também... passo atestado de óbito. Não sou de briga, não sou político, e em matéria de valentia e demonstrações de força, sou como aquele que disse: "Mais vale um minuto de covardia que herói morto e enterrado toda a vida".

VERA

Mas Tónico não morreu e nem está enterrado.

JÚLIA

Não me venha dizer que Tónico foi herói!

VERA

Tónico fez o que pôde. Esteve no 14 de Julho, basta isso...

JÚLIA

Todos aqui lutaram por São Paulo. Não foi só Tónico.

VERA

Lutaram... lutaram. Talvez seja força de expressão.

(Aqui começa nova discussão com vozes simultâneas entre Vera e Marta de um lado e Cláudio e Tónico de outro.)

MARTA

Lutaram, sim senhora, por que não?

VERA

Servir de estafeta entre o quartel-general e Quintaúna não é lutar, ao que me parece.

CLÁUDIO

Estafeta, não senhor: agente de ligação.

TONICO

Serviço de retaguarda. Não tem cheiro de pólvora.

MARTA

Cláudio foi até o fim com o serviço. E Tónico nem chegou ao meio.

CLÁUDIO

Você deu o pira. Abandonou o batalhão.

VERA

Porque ficou doente. Doente de revolução.

TONICO

Abandonei, vírgula. Baixei a hospital para tratamento.

MARTA

Dor de barriga.

CLÁUDIO

De uma disenteria. O que é isso? Tem cheiro de pólvora?...

VERA

Doença de trincheira.

TONICO

Queria ver você na trincheira com tiro de canhão e ronco dos vermelhinhos.

MARTA

Doença de medo.

CLÁUDIO

Garanto que não ia ter dor de barriga.

VERA

Medo teve o seu marido.

TONICO

Dor de barriga teve você, seu pombo-correio.

MARTA

O seu.

CLÁUDIO

Barba de porão.

VERA

O seu.

TONICO

Pombo-correio.

(Em meio à discussão, D. Marta retira-se da sala em sinal de protesto. Júlia intervém, enérgica, tocando violentamente um gongo. Todos param, cientes do ridículo.)

JÚLIA

Que vergonha! Parecem crianças. Mamãe saiu em sinal de protesto!

MARTA

(Correndo para a saída) Vovó!

JÚLIA

Vocês são incríveis! Não adiantou mamãe falar, ameaçar. Parecem cão e gato. Que família, meu Deus!

TONICO

Família unida é assim. A gente desabafa logo, não se guarda ressentimento e continuamos amigos, não é, Cláudio?

CLÁUDIO

Isso nem se discute. Vamos fumar o cachimbo da paz, com uísque e soda.

TONICO

Muito bem lembrado. *(Ambos vão ao bar.)*

VERA

Será que mamãe se foi embora?

CLÓVIS

Dona Marta não abandonou o campo de batalha. Foi um golpe estratégico para conseguir o armistício.

MARTA

(Entrando com a avó) Armistício mesmo. Por pouco tempo.

JÚLIA

Por que pouco tempo? Temos mais motivos para discussão?

MARTA

É bem possível.

D.MARTA

Se continuarem brigando, vou-me embora e nunca mais porei os pés nesta casa.

JÚLIA

Vamos! O que está esperando? Solte a bomba.

CLÓVIS

Não é melhor deixar essa bomba para amanhã? Vocês já devem estar satisfeitos por hoje.

MARTA

Não é possível. Tem de ser agora, senão será tarde.

VERA

O que é?

TONICO

Vamos, Marta, o que é que há?

MARTA

Cláudio e eu convidamos o dr. Acrísio Vivanti para jantar.
(Espanto dos demais, menos da velha.)

TONICO

Para quando?

MARTA

Para hoje. Daqui a uma hora, ele e a mulher estarão aqui.

TONICO

(Solene e contrafeito) Vera, vamos embora. Já. Imediatamente.

VERA

Será possível? Não estou acreditando! Espere, Tonico. Deve ser brincadeira.

D.MARTA

Quem é Acrísio Vivanti?

(Respostas quase simultâneas.)

CLÁUDIO

Um nosso amigo, companheiro de nossa última viagem à Argentina.

TONICO

Gros bonnet da ditadura; um dos agentes de ocupação que o governo federal mandou para cá.

MARTA

Antes disso ele era nosso amigo. Assim que chegou a São Paulo teve a delicadeza de nos procurar, apesar de toda a sua importância.

TONICO

Não era razão para recebê-lo aqui!

VERA

É muito menos para jantar.

TONICO

Neste solar, nesta casa de paulistas tradicionais...

VERA

(Apontando para o quadro na parede) De onde partiu o soldado da lei.

CLÁUDIO

Ah! Agora não sou mais pombo-correio. Sou um soldado da lei!

TONICO

Não, Cláudio, é assunto sério. Muito grave. Trata-se de uma questão de dignidade...

CLÓVIS

Posso dar um palpite?

CLÁUDIO

Não, Clóvis. Deixe o herói falar.

TONICO

Herói ou não herói, temos que manter uma atitude. Nossa família é um dos esteios desta nossa sociedade, da alta sociedade de São Paulo. Representamos a elite...

VERA

E o Vivanti é um dos esteios da ditadura.

CLÁUDIO

Antes disso era pessoa de nossas relações. A revolução acabou ou não acabou?...

TONICO

Não acabou. Não acabará nunca, enquanto persistir a ditadura.

VERA

Olhe para aquela parede e veja. Marta, onde você está com a cabeça?..

JÚLIA

Tonico e Vera têm razão, Marta. Se eu fosse vocês,

arranjava um pretexto qualquer, agora, já, e desmanchava o convite. Nossa família tem responsabilidades para com São Paulo. Não podemos receber e prestigiar enviados da ditadura.

TONICO

É um escárnio. E ainda mais você, Marta? Lembre-se de que seu pai morreu na revolução.

CLÁUDIO

Na revolução, não senhor, durante a revolução. É coisa bem diferente.

VERA

É a mesma coisa. Seu sogro morreu por causa da revolução.

TONICO

Se não houvesse revolução, Fernando teria ido aos Estados Unidos para se tratar.

CLÁUDIO

Sempre apreciei muito o meu sogro e senti muito a morte dele. Disto não se cogita. Mas, tenha paciência; o dr. Fernando não foi um herói da revolução. Não morreu pela revolução.

JÚLIA

Não pôde tomar parte dela porque estava doente, muito doente.

MARTA

Isto é outro caso.

TONICO

Se não fosse a doença, estaria comigo, ali na trincheira.

VERA

Vocês receberem aquele homem aqui é um escândalo! E ainda mais aquela mulher.

MARTA

É a mulher dele, que é que tem?

VERA

Cafajeste. Apenas isso. Rastaquera.

JÚLIA

(A Vera) Você conhece a mulher dele?

VERA

A Nenê Paraíso! Quem não conhece sua crônica no Rio?

JÚLIA

A Nenê Paraíso! Meu Deus! Ainda mais essa!...

CLÓVIS

Hoje é a senhora Vivanti. E dizem que dá as cartas, não só nos ministérios, como no próprio Catete. E olhe: está corretíssima. *Dernier cri.*

CLÁUDIO

Uma linda mulher. E está mandando mesmo.

D. MARTA

O pai dela era *croupier* de jogo. Recebeu muitas gorjetas minhas em Poços de Caldas.

MARTA

Pois hoje é uma grande dama. Correta, bonita, fina...

VERA

Cafajeste. Recende cafajestismo. Ora, Marta, uma mulher com aquela crônica. Nem se casando com o papa.

D. MARTA

Não diga blasfêmias, menina.

TONICO

(A Cláudio) É melhor você tirar a bandeira paulista da parede. E o capacete. E o diploma. Não seria delicado...

CLÁUDIO

Pois ele vai ver aqui todos os troféus. E a Martuxa vai recitar o seu repertório revolucionário.

CLÓVIS

E ele vai achar muita graça!

MARTA

Acrísio considera a revolução uma das mais belas páginas da história do Brasil.

TONICO

Veja, Vera: Acrísio *tout court*. Já são íntimos.

JÚLIA

Considere um pouco a situação, minha filha. O dr. Vivanti é um agente de ocupação. Ele quer paz e sossego e precisa de vocês para estribo. Isto é coisa da Nenê Paraíso! Quem não está vendo? Se péla para entrar em nosso meio social.

CLÁUDIO

Já ponderamos os prós e os contras.

TONICO

Pois olhem, Marta e Cláudio: vocês são meus sobrinhos, meus afilhados, e muito mais do que isso, meus amigos. Mas, se vocês receberem esse homem, nunca mais porei os pés nesta casa.

JÚLIA

Por que essa briga na família por causa de um estranho?

CLÁUDIO

Vocês me desculpem. Quem manda nesta casa sou eu e receberei nela quem eu quiser, doa a quem doer.

TONICO

Pois então cortaremos relações. Fique com os seus novos amigos da ditadura.

JÚLIA

Vocês vão ser severamente criticados por nossos amigos...

VERA

Sabotados... sabotados!

CLÁUDIO

Não sei por quê! Tenho vários motivos para

recebê-lo. Primeiro: foi nosso companheiro em Buenos Aires, há quatro anos. Nosso cicerone. Nos cumulou de gentilezas que nunca pudemos retribuir, pelo fato de morar no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Segundo: foi ele quem nos procurou. Está com a faca e o queijo na mão e com a maior simplicidade me telefonou e me recebeu, intimamente, sem a menor cerimônia, em seu apartamento no Esplanada. Terceiro: como um dos diretores de uma associação de classe, não posso repudiar um elemento tão chegado ao governo central, sem prejuízo dos interesses da classe que represento. Isto já se decidiu na Federação. Impõe-se uma aproximação ao governo central, em favor de nossas indústrias, de nosso comércio. Não podemos nos afastar do poder central...

TONICO

Isto significa ADESÃO. Adesão, coisa com que não pactuo!...

CLÓVIS

Perdão. Um momento. Perdão. Vou meter aqui a minha colher de pau: acho essa fórmula – “São Paulo não esquece, não perdoa e não transige” – muito bonita, digna de um poema, mas muito pouco prática. Se temos indústria, comércio e lavoura, se precisamos de dinheiro, de exportação, de leis, onde está tudo isso? No Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro, com eles. Nós temos mesmo é que perdoar, esquecer e transigir. Trata-se de uma questão de sobrevivência. O resto é poesia.

TONICO

Isto é argumento de adesista! Aderir para o bem de São Paulo. Eu sei! Nessa eu não vou! Sou contra! Sou contra... Vamos, Vera.
(Tonico vai saindo com Vera; chega mesmo a sair. Vera é que se atrasa, hesitante. Tudo isso durante a seguinte fala:)

CLÁUDIO

E há ainda um quarto motivo para recebê-lo: o dr. Acrísio Vivanti está em condições de salvar a Santa Marta Fabril por via de um empréstimo na Caixa Econômica Federal.
(Silêncio geral. Todos olham, ora para Cláudio, ora para o lugar por onde saiu Tonico. Este voltou à cena, meio embasbacado.)

TONICO

Heim? O que é que você disse?

CLÁUDIO

É isso mesmo. Um empréstimo. Quinze milhões. Vinte anos de prazo. Juros de 7% ao ano.

TONICO

Vamos, Vera, antes que eu fraqueje. Prefiro a falência da Santa Marta.

D.MARTA

(Forte) Prefere coisa nenhuma. Fique quieto. Não diga asneiras. Antes pergunte à sua mulher o que é que ela prefere. Heim! Vera, o que é que você prefere? A falência da Santa Marta? Perder seu automóvel, suas jóias? Viver na miséria? Júlia, você também? Respondam. Se vocês pensam só no orgulho de São Paulo, por que não fizeram economia? Por que não reduziram as despesas quando souberam que a fábrica ia mal? Não. Uma crise geral e vocês nem tomaram providências. A produção da Santa Marta diminuindo, as vendas baixando pela metade. Vinte horas semanais de trabalho. Os balanços acusando prejuízos e vocês continuando na mesma vida: trocando de automóvel todo ano, viajando, recebendo. Ainda bem que Martinha e Cláudio compreenderam essas coisas, e quando querem salvar um patrimônio que ajudei a fundar e que vocês enterraram, vocês vêm aí com fanfarronadas, com brios ofendidos...

JÚLIA

Não disse nada, mamãe.

D.MARTA

É o Tonico. Trate de raspar essa barba que é melhor. Se ao menos soubesse ganhar... mas só sabe gastar.

TONICO

(Furioso, a Cláudio) Por que não disse logo o que era?

CLÁUDIO

Não disse, porque faço questão que saibam que recebo o Acrísio por ser meu amigo – antes. Trata-se de uma retribuição de gentilezas que dele recebi – antes. A questão do empréstimo à Santa Marta é secundária. Ou antes, está em terceiro lugar, porque em segundo está o bem de São Paulo. São Paulo não pode se isolar da Federação.

VERA

Pois vamos fazer tudo para o bem de São Paulo, não é, Tonico?

TONICO

Pois que seja para o bem de São Paulo.

D.MARTA

Eu sou franca. Para o bem da Santa Marta Fabril. E se ele salvar a fábrica, ponho um retrato dele no salão da minha casa. Vamos, Vera. Vamos, seu barbudo teimoso. Levem-me para casa. Estou cansada. *(Levantando-se)* Cláudio, um dia desses

quero conhecer esse homem. E a mulher dele também – a tal Paraíso. O pai era o pai, ela é ela.

JÚLIA

É a senhora Vivanti.

VERA

Ela deve ser inteligente e viajada. Talvez tenha algum verniz. Seja tudo para o bem de São Paulo. *(Saem os três. Tônico é o último. Olha silencioso para a bandeira paulista. Volta-se aos demais; faz um gesto mudo de despedida, mais ou menos cordial, suspira e sai, derrotado. Ficam Cláudio, Marta, Clóvis e Júlia. Cláudio suspira.)*

CLÁUDIO

Puxa! Custou mas foi! *(O relógio é consultado.)* São sete horas, Marta. É bom você se informar sobre o jantar. Às oito e meia.

MARTA

Às oito horas estarão aqui.

JÚLIA

Vamos, Clóvis. Que temos gente para jantar em casa.

CLÓVIS

Às suas ordens, patroa.

JÚLIA

Minha filha, até amanhã. Felicidades. Que tudo corra bem. *(Beijos de despedida.)*

CLÓVIS

(Toma o último gole.) Para o bem de São Paulo! Viva o dr. Acrísio Vivanti e sua belíssima esposa!

JÚLIA

(Levemente irritada) Vamos, Clóvis!

CLÓVIS

Até amanhã, Cláudio. Até amanhã, Martinha. Cuidado com a Paraíso, que pode transformar o seu *menage* num inferninho, heim?

CLÁUDIO

(Meio irritado) Pum- pum!... Péssima!

TODOS

Até logo! Até amanhã!

(Saem os dois acompanhados por Marta. Cláudio vai ao bar preparar novo uísque. A luz da sala vizinha, ao fundo, acendeu-se. Cláudio vai à vitrola, de copo na mão. Entra Marta.)

MARTA

Aquele meu tio Tônico...

CLÁUDIO

É um bom imbecil. Nada mais, nada menos. Não vê um palmo diante do nariz.

MARTA

Você devia ter logo entrado no assunto...

CLÁUDIO

Um paspalho... E com aquela barba ridícula. *(Marta apaga a luz central, de sorte que, à luz do*

abajur, acesa a sala vizinha, ao fundo há realce no relevo do desenho da fábrica na parede de vidro. Há uma pausa.)

MARTA

Cláudio.

CLÁUDIO

O que é?

MARTA

Veja como se comporta com a Paraíso.

CLÁUDIO

Que é isso? Ciúme?

MARTA

Absolutamente. Se tivesse ciúme de você já estaria louca.

CLÁUDIO

Então, por que essa recomendação?

MARTA

É que, pelo menos desta vez, suas aptidões de dom-juan terão um objetivo prático.

CLÁUDIO

Quer dizer: você me recomenda um pequeno papel de gigolô, não é isso?...

MARTA

Dependerá dela.

CLÁUDIO

Não entendo a ironia...

MARTA

Porque você... Ora, você... Claro... Nem há dúvida... Rabo de saia... É bonita e... e assanhada...

CLÁUDIO

(Muito irônico) E deixo o Vivanti para você, não é, meu bem?

MARTA

Mais ou menos.

CLÁUDIO

(Fingindo espanto) Como mais ou menos?

MARTA

É isso mesmo. Você já namorou todas as minhas amigas, na minha frente, atrás de mim. Teve as mulheres que quis, que eu conheço, e milhares de outras que eu não conheço e não me interessam. Nada disso me interessa. Não estou reclamando, nem acusando. Apenas constatando. E argumentando. Agora, é evidente que você vai dar em cima da Paraíso. Pois seja bem sucedido. Eu tomarei conta do velhote. Não tenha medo. Flerte, apenas flerte. Estamos entendidos?...

CLÁUDIO

(Depois de pensar) Que seja tudo para o bem de São Paulo!

MARTA

(Retirando-se) Cínico!...

CLÁUDIO

(Fica só. Vira-se para a bandeira paulista, com copo na mão.) Bandeira das treze listras. Perdão. Perdão pelo que aconteceu, sob suas vistas, e pelo que ainda vai acontecer. O bem de São Paulo é mentira; mas os imbecis têm a sorte, a felicidade de acabar acreditando nela. Para mim sempre será mentira. Não mais lhe fala um soldado da lei, pela Constituição, mas o comandante daquele monstro, que eu venero, que eu adoro, mais que a Deus, mais que à minha mãe... que à minha própria filha... *(Virando-se para a parede de vidro)* À tua saúde, Santa Marta Fabril S/A.

SEGUNDO QUADRO

(Dez horas da noite. Em cena, Marta, Cláudio e o casal Vivanti. O dr. Acrísio Vivanti é um homem de cinqüenta anos, um tanto rude de expressão e de maneiras, porém com ar inteligente e de pessoa segura de si. Traja-se correta e sobriamente. A senhora Nenê Paraíso é mulher de trinta anos, bonita, linda mesmo. Elegantíssima, passando um pouco da medida. Tudo nela passa um pouco da medida. Beleza, sexo, maneira de se vestir, atitudes. Acabaram de jantar e está na hora do licor e do charuto. Marta oferece charutos a Acrísio, enquanto Cláudio serve licor no bar.)

MARTA

(Com a caixa de charutos) Fuma um charuto?

ACRÍSIO

Obrigado. Prefiro o cigarro.

MARTA

(Pega a caixa de cigarros.) Americanos?

ACRÍSIO

Não, obrigado. Mas não se incomode. Tenho aqui! *(Serve-se de sua cigarreira. Marta acende com um isqueiro de mesa.)* Muito obrigado.

CLÁUDIO

(Vem com os licores, oferece a Nenê.) Um curaçau? Triple sec?

NENÊ

(Aceitando) Você conhece um licor italiano chamado Sttrega?

CLÁUDIO

Creio que conheço.

MARTA

(A Nenê) Quer um cigarro americano?

NENÊ

Fumo Pall Mall.

MARTA

(Verificando) Que pena. Não temos aqui. Só Chesterfield e Philip Morris. É a mesma coisa.

NENÊ

Só fumo Pall Mall. Devo ter em minha bolsa. Está ali... em cima do bar. *(Cláudio apressa-se em buscar a bolsa.)* Na semana passada estávamos no grill do Copacabana... muito pau... Então, fomos à casa do Martinho... na Gávea... vocês conhecem?... Devem conhecer... Uma lindeza... No meio do mato... muito bem decorada... Rústico. Estilo rústico... O Martinho nos ofereceu esse Sttrega... uma delícia... mas forte! Tomei uns cinco. Quando dei acordo de mim... Tu te lembras, Acrísio... Dei trabalho. Até banho de piscina tomei. Com roupa e tudo.

CLÁUDIO

Será possível?

NENÊ

Pergunte ao Acrísio. Não é verdade, bem?

MARTA

E como você pôde mover-se na água, com esses vestidos?

NENÊ

Não. Tirei o vestido. Foi de combinação. Uma farra! Tudo por causa do Sttrega. Mas o Martinho foi um príncipe. Para eu não ficar no ridículo, atirou-se à piscina. Lembras, Acrísio? De smoking e tudo.

CLÁUDIO

Devia estar engraçadíssimo.

NENÊ

Foi o diabo. Do diaboff, como disse o Martinho. Do diaboff! Aí saímos da água e começamos a jogar na piscina todo o pessoal. Um lá da embaixada americana caiu de cuecas, com charuto na boca. Foi do diaboff.

MARTA

(A Acrísio) Você também tomou seu banho?

ACRÍSIO

Não.

NENÊ

Acrísio não topa essas farras. Mas nem ligou. Te lembras, bem?

ACRÍSIO

(Contrafeito) Sim, sim.

CLÁUDIO

É como se arranjaram depois?

NENÊ

Ora, o Martinho é formidável. Pegou tudo quanto era pijama seu e nos emprestou. E acendeu a lareira. Nem fazia frio! Te lembras, bem? Depois o Kimoto, nosso chofer japonês, foi buscar roupas... E deu tudo certinho. Ninguém se constipou, nem se gripou. Foi uma noite formidável. Até o pileque do Sttrega passou!

MARTA

(A *Acrísio*) Você devia cair na água também. Por solidariedade.

NENÊ

Foi o que eu disse, não foi, bem? Tu não foste camarada.

ACRÍSIO

Teria muita graça, não há dúvida!

NENÊ

Ora, bem. Por que não? Todos íntimos. Não houve nada de mal. Foi engraçadíssimo. Espontâneo.

ACRÍSIO

Sttregâneo.

NENÊ

Pilecâneo. Aí, bem. Gosto de ti. Tu não sabes por quê.

ACRÍSIO

Será que não sei?

NENÊ

Tu te fazes mais velho do que és. Acrísio é engraçado. Topa tudo, mas com ar muito sério. Pensam que ele não está gostando. Mas está. Topa tudo. É jeito dele. Não é, bem?

ACRÍSIO

Mais ou menos. (A *Cláudio*) Muito bom licor. Aliás, esplêndido jantar. Parabéns à dona da casa.

MARTA

Muito obrigada. Terei muito prazer em repetir.

ACRÍSIO

E aceitarei. Enquanto não tiver a minha casa montada, terei que abusar dos amigos, para fugir da comida do hotel.

MARTA

Não faça cerimônia. E não precisa convite. Servimos às oito horas. É só telefonar para saber se jantamos em casa.

ACRÍSIO

Muito obrigado. Muito amáveis.

CLÁUDIO

Nunca esquecemos suas gentilezas em Buenos Aires.

ACRÍSIO

Ora. Foi só prazer.

MARTA

Olhe, Cláudio, acho que temos o Sttrega aqui. Veja ali no bar. Ofereça-o a Nenê.

NENÊ

Deus me livre! E aqui tem piscina?...

MARTA

Tem, como não?

NENÊ

Mas a água deve estar gelada. Isto é São Paulo, não é Rio, não.

CLÁUDIO

Lá isso está. Não aconselho um banho. Não. E muito menos depois do jantar. Mas vou ver o Sttrega.

NENÊ

Não. Não. Muito obrigada. E nem poderia tirar o vestido. Estou com ele em cima da pele.

ACRÍSIO

Nenê, que modos são esses?...

NENÊ

Ora, bem. Cláudio e Marta são da turma. Não são bola preta.

CLÁUDIO

Claro. Você não viu nosso emblema? (*Vai ao bar pegar um bibelô, três homens ligados um ao outro.*) Olhe aqui: cego, surdo e mudo.

NENÊ

Que quer dizer isso?

CLÁUDIO

Muito fácil. Não se vê, não se fala, não se ouve. É o nosso lema. O que se passa entre nós fica entre nós.

NENÊ

Maravilhoso! Formidável! Onde você comprou isso?

CLÁUDIO

Em Paris. No Marché aux Puces.

NENÊ

Em Saint-Honoré?

CLÁUDIO

Não. É uma espécie de mercado, de feira de antigüidades.

NENÊ

Ah! Como é mesmo o nome?

CLÁUDIO

Marché aux Puces. Me garantiram que pertenceu a um dos condes de Paris. Autêntico.

NENÊ

Isso é próprio para *garçonnière*.

CLÁUDIO

Muito bem lembrado!

NENÊ

Isto é. Não sei, não é? Uma sugestão, apenas... Me veio na cabeça.

CLÁUDIO

Naturalmente.

NENÊ

Veja, Acrísio. (*Toma o bibelô da mão de Cláudio e o mostra a Acrísio.*) Não vê, não fala e não ouve. Um bom presente para dares àquele pessoal do palácio. Àqueles tranças que vivem a bisbilhotar, a falar mal dos outros. Escreve ao Dantas que te compre lá no tal Marché... uns doze... Tu deves

mandar um a cada um. Uns gaúchos errados, mal viajados. Tu não, graças a Deus. Acrísio é de Caxias, mas formou-se em Porto Alegre e ia muito bem a Buenos Aires.

ACRÍSIO

E tu, donde és, Nenê? Diga, vamos?

CLÁUDIO

Você não é carioca?

ACRÍSIO

Carioca? (*Gargalha.*) De Livramento! Da fronteira!

NENÊ

Sou quase carioca. Nem conheço Livramento.

Nasci lá por acaso.

ACRÍSIO

Por acaso! Teu pai que te ouça, menina. Um gauchão daqueles!

CLÁUDIO

Também tenho parentes no Rio Grande.

NENÊ

Ué! Pensei que você fosse paulista de quatrocentos anos. Que pena!

MARTA

Sim. Toda a família de Cláudio é paulista. Gente de Itu, Tietê, sei lá.

CLÁUDIO

Mas tive um tio-avô que fugiu para Porto Alegre e lá se casou e constituiu família. Tenho muitos primos lá. Os Toselli, você não conhece, Acrísio?

ACRÍSIO

Os Toselli, conheço-os, como não. Boa gente. Não sabia que tinham ascendentes paulistas. Aliás, muitos gaúchos têm ascendentes paulistas.

NENÊ

Mas seu tio *fugiu* daqui. Algum desfalque?

CLÁUDIO

Não que naquele tempo não havia disso! Não. Parece que houve um escândalo com uma certa senhora – uma baronesa. O fato é que ele *foi convidado* a sair de São Paulo – pela família dela.

NENÊ

Hum! Dom-juan! Muito bem! Você tem raça, heim?

MARTA

Só raça?...

CLÁUDIO

Pronto. Entrei na berlinda.

NENÊ

Esse seu tio era bonito? Você tem um retrato dele?

ACRÍSIO

Por quê, Nenê?

NENÊ

Quero ver a pinta do homem, ora! Quero ver se é a mesma do Cláudio. Que é que tem?

MARTA

Está no álbum, Cláudio. Lá na sala de bridge.

Mostre-o a ela. Ela quer ver.

CLÁUDIO

Vamos?

NENÊ

Vem, Acrísio. Vem ver a pinta do homem.

ACRÍSIO

Não. Desculpem. Mas não estou interessado. Vai tu.

MARTA

Mais um licor?

CLÁUDIO

Com licença. (*Saem os dois.*)

MARTA

Meio cálice?

(*Acrísio estava distraído, acompanhando os dois, com um suspiro pouco perceptível. Durante toda a cena que se segue, vê-se o vulto dos dois na sala ao fundo.*)

ACRÍSIO

Pitoresca. Muito pitoresca, não acha?

MARTA

Não deixa de ser um charme. Além de muitos outros que ela possui.

ACRÍSIO

É. Porém um tanto ou quanto fatigante.

MARTA

Mais um pouquinho de curaçau? Ou prefere champanhe? É melhor, não? Mais leve. E está bem geladinha. (*Há um balde com champanhe ao gelo. Marta se dirige a ele.*)

ACRÍSIO

Que vá. Vamos beber. Champanhe é muito bom para desaparecer o nosso... pudor psíquico. Está certo isso?...

MARTA

(*Servindo*) Não sei bem. Mas entendi o que você quer dizer. É o principal.

ACRÍSIO

É o principal. (*Pegando o copo*) Obrigado. Então... à saúde de... do nosso reencontro... (*Bebem.*)

MARTA

Em condições um pouco diversas.

ACRÍSIO

Como?

MARTA

Conheci você solteiro, livre, solto e tirando bom proveito dessa liberdade...

ACRÍSIO

Agora estamos taco a taco.

MARTA*All square.***ACRÍSIO**

Sob certo ponto de vista, talvez seja melhor. Haverá mais compreensão.

MARTANão. Não pode ser melhor. Pode haver mais compreensão, isso sim. Mas nunca melhor. Aliás, não sei em que sentido você está falando. Mais um pouco? (*Serve mais champanhe.*)**ACRÍSIO**

Uma especial a você. Tim, tim.

MARTATim, tim. (*Bebem.*)**ACRÍSIO**

Ótimo champanhe.

MARTA

De 29 para cá, você mudou muito, Acrísio.

ACRÍSIOFiquei quatro anos mais velho. Nesta idade, quatro anos pesam na balança. (*Sentando-se*) Mas estou bem. Faço meus esportes...**MARTA**

Não. Não falo do seu físico. Você está ótimo. Não pode estar melhor. É do lado sentimental... Você mudou muito.

ACRÍSIO

Por quê? Você acha? Assim, tão depressa, você já pôde tirar conclusões?

MARTA

À primeira vista. Sempre tive a impressão de que o Acrísio Vivanti que conheci em Buenos Aires em 1929 não era homem de se casar com... com...

ACRÍSIO

Com uma Nenê Paraíso?

MARTA

É.

ACRÍSIO

Por quê?

MARTA

Nada. Não me leve a mal...

ACRÍSIO

Ora, Marta. Não estamos com o psíquico desparafusado? Continue. Gosto de ouvir você falar com franqueza.

MARTA

Não é... Você sabe... Ela não tem nada demais. Pelo contrário... Tem tudo a seu favor... Mas...

ACRÍSIO

Mas...

MARTA

É uma questão de tipo de mulher. Pelo seu modo de pensar, pelo seu jeito de falar, em 1929, naturalmente, nunca pensei que você se prendesse a uma mulher...

ACRÍSIO

Pitoresca...

MARTA

Mais ou menos. Ou isso. Bem definido: pitoresca.

ACRÍSIO

E quem disse que estou preso a ela?...

MARTA

Ora, Acrísio, que topete!

ACRÍSIO

Porque casei-me com ela? Por isso estou preso? É a essa prisão que você se refere?...

MARTA

Não. Aliás, não deixa de ser prisão...

ACRÍSIO

Para nós, isso não vale.

MARTA

De acordo. E o “beguin”? Não fosse o “beguin”, você se casaria?

ACRÍSIO

Podia ter sido uma fraqueza. Fraqueza que seria perfeitamente explicável pela reviravolta em minha vida. Você sabe: houve uma revolução. Dois anos depois, outra. Subi. Da província passei à metrópole. Fiquei rico. Fiquei... de certo modo... poderoso. Tudo isso influi nas nossas determinações de momento.

MARTA

Então? Você mudou.

ACRÍSIO

Não, senhora. Nas determinações de momento, disse eu. De momento. O fundo continua o mesmo.

MARTA

Mas os fatos provam o contrário.

ACRÍSIO

Que fatos são esses?

MARTA

Ora, Acrísio...

ACRÍSIO

Fale, que fatos são esses?

MARTA

Todo mundo diz que ela manda em você, nos ministérios, até no Catete. Consegue tudo o que quer.

ACRÍSIO

Há uma meia verdade nisso tudo. Digo a você, francamente, Marta. Não tenho necessidade de

mentir. Ela não manda em mim. Zero. Zero à esquerda, compreendeu? Acredite. Estou de coração aberto.

MARTA
Desaparafusado.

ACRÍSIO
Isso mesmo. Mais. Mais champanhe. (*Marta serve. Bebem.*) Quanto à outra parte, é verdade, mas num sentido. Ela consegue as coisas nos ministérios, não porque eu peço, e sim por sabujice. Porque eles pensam que me agradam servindo a ela. À minha revelia... Muitas vezes nem sei o que está se passando. E ela usa e abusa dessa vantagem.

MARTA
E por que não toma providências?

ACRÍSIO
Providências como? Contra a sabujice? Impossível. Deixa. Deixa correr o barco.

MARTA
Quer dizer que você, no fundo, não mudou nada?

ACRÍSIO
O mesmo de sempre. Acredite se quiser. E, em relação a você, aquele mesmo homem que você conheceu em Buenos Aires. Aquele bonequinho que você manobrava com cordéis na ponta dos dedos.

(*Acrísio pega as mãos de Marta, que cede um pouco, mas logo se safá, levantando-se. E fica fitando o relevo da fábrica na parede. Acrísio levanta-se e, ao lado dela, considera o relevo. Vêm-se ainda os vultos de Cláudio e Nenê, sentados, na sala ao fundo.*)

ACRÍSIO
É a Santa Marta Fabril S/A? (*Gesto afirmativo de Marta*) Como vai a fábrica?

MARTA
Bem.

ACRÍSIO
Bem?

MARTA
Mais ou menos. Por quê?

ACRÍSIO
Você precisa de mais champanhe. (*É ele agora quem serve.*) Beba e seja franca comigo.

MARTA
Por que isso, Acrísio?...

ACRÍSIO
Porque sei que a Santa Marta vai muito mal. Muito mal mesmo. No Rio, temos o fichário completo das maiores organizações desta terra... Essas fichas fazem parte do nosso equipamento político, ou melhor, do nosso equipamento ditatorial.

MARTA
É verdade.

ACRÍSIO
(*Pegando os braços de Marta*) Pois eu vim aqui disposto a salvar a Santa Marta, está ouvindo?... (*Marta se desprende e se afasta, sem dizer palavra.*) Pelo amor de Deus, Marta. Não é o que você está pensando. Nem faça esse juízo de mim. Muito obrigado. Pensei que você me conhecesse melhor.

MARTA
Não estou fazendo juízo.

ACRÍSIO
Está, sim senhora. Está pensando que eu quero comprá-la salvando a Santa Marta.

MARTA
Você não tem razões para salvar a Santa Marta. Salvar como?

ACRÍSIO
Isso de como salvar a Santa Marta é comigo e com o seu marido. Ele saberá como. E não será difícil, lhe garanto. E quanto aos motivos, tenho diversos, cada um deles suficiente por si mesmo. Por exemplo. (*Vai beber e Marta também.*) Primeiro motivo: você.

MARTA
Está vendo?

ACRÍSIO
Estou vendo. Você é que não enxerga nada. Gosto de você e salvarei o que é seu. Incondicionalmente, está ouvindo? É por mim, por respeito a mim mesmo, você compreende? Se gosto de você e você está em mim, quer seja ou não do seu agrado, por mim mesmo, por consideração ao meu ser, tenho que protegê-la, ou defender, ou salvar, compreendeu? De modo que você não fica a me dever nada. Nem mesmo gratidão.

MARTA
É. Nesse ponto, você não mudou. É o romanesco de sempre. E muito forte.

ACRÍSIO
Muito bem. Já começou a manobrar os cordéis. A história se repete. (*Pega as mãos de Marta e beija a ponta dos dedos.*)

MARTA
Pode-se saber quais são os outros motivos?

ACRÍSIO
Naturalmente. Segundo: um dever de amizade. Afinal, vocês me deram acolhida nesta terra. Receberam sem restrição a mim e a minha mulher. O Cláudio, não sei, talvez por uma ponta de interesse. Você, não. Você me recebeu, não como governo, mas pelo homem que você

conheceu em 29 em Buenos Aires. Por amizade. Espontaneamente. E meu lema é servir aos amigos. E sei o que lhe deye ter custado esta sua atitude, ou o que lhe vai custar, junto de seus parentes, de suas relações. (*Vira-se para o lado dos troféus.*) Ah! Estes paulistas. Estes paulistas de quatrocentos anos são terríveis!...

MARTA

Nem tanto! Já estão aderindo!...

ACRÍSIO

Não queremos adesão, e sim confraternização.

MARTA

Slogan político.

ACRÍSIO

(*Rindo*) Você tem razão. Desculpe. Escapou sem querer. Tanto a gente fala, que as expressões políticas vão saindo automaticamente. É só vir a deixa.

MARTA

Estou brincando. Continue. Outro motivo?

ACRÍSIO

Já não chegam esses dois? Tão decisivos? Afinal, não é preciso todo o meio circulante para salvar sua fábrica. Bastam uns vinte mil contos na Caixa Econômica.

MARTA

(*Não podendo disfarçar*) Nossa senhora! Vamos beber!

(*Enchem os copos e bebem, mais aconchegados. Mais sem cerimônia.*)

ACRÍSIO

Depois, você compreende. A sua família é uma instituição. É parcela do nosso patrimônio, digamos, aristocrático. E, como instituição nacional, precisa ser mantida como ela é, com todo o seu prestígio. O desmoronamento econômico dessa família funcionaria como um sintoma de decadência...

MARTA

Isto não está muito de acordo com as idéias socialistas do governo.

ACRÍSIO

Está, sim. Não somos coletivistas e muito menos comunistas. Socialismo de cátedra. Pelas instituições. Você também é uma instituição. (*Segura suas mãos. Os dois estão de pé, ao lado direito da sala.*)

MARTA

Quer dizer que você vai conseguir vinte mil contos para a Santa Marta de graça, sem exigir nada em troca?...

ACRÍSIO

Evidentemente. Nem gratidão.

MARTA

Mas um favor desses!...

ACRÍSIO

Não é favor, é obrigação.

MARTA

Mas uma obrigação dessa!

ACRÍSIO

(*Percebendo*) E você faz questão de pagar!

MARTA

Pagar, não. *Amor-tizar.* (*Beijo.*)

(*O quadro termina com o seguinte efeito: à direita, o beijo de Acrísio e Marta. Ao centro, o relevo da Santa Marta. À esquerda, os vultos de Cláudio e Nenê, também se beijando.*)

TERCEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

(1948 - oito e meia da noite. O mesmo living. Decoração moderna. A mesma parede de vidro fosco ao fundo com o relevo da Santa Marta Fabril. Sofá, poltronas, bar, telefone, radiovítrola, etc. Em cena: Cláudio, Acrísio, Clóvis e Júlia, bem conservados e bem dispostos. Trajam rigor, gravata preta. Durante a cena tomam seu aperitivo: champanhe acompanhado de caviar e patê. Ao levantar-se o pano, Cláudio está ao telefone, em altos brados.)

CLÁUDIO

Não dou nada. Nada, está ouvindo? É. A resposta é essa... Não há aumento de espécie nenhuma... Não adianta receber a comissão... Não recebo... Eles que falem com o Menezes. Está lá para isso. É pago para isso... Não tenho medo. Que façam a greve... Olhe... É isso mesmo: diga que fecho a fábrica. Pronto. Aumento não sai. Fecho a fábrica... Seja positivo... Não, não tem perigo... Pode deixar, vou providenciar... (*Desliga.*) Desaforo!... Que é que estão pensando? Ou aumento ou greve? Fecho a fábrica. Ponho todo mundo na rua e acabou-se! Oh! Acrísio, em todo caso, fale amanhã com o Mendonça. Preciso de policiamento na fábrica.

ACRÍSIO

Pois não, Cláudio. Por que não recebe você mesmo a comissão? É sempre bom entrar em entendimentos. Às vezes, com 20% do que pedem, se arranjam as coisas.

CLÁUDIO

Não adianta. Não estou disposto a dar nem 5%. Não há razão para isso.

CLÓVIS

Como não? E o custo de vida que sobe de mês em mês?

CLÁUDIO

Clóvis, por favor, não dê palpites. É um círculo vicioso. Um nunca acabar. Aumento de salários, aumento do preço do pano, aumento de tudo e novo aumento de salários. É preciso pôr um paradeiro nisso.

CLÓVIS

Você não pode aumentar os salários sem mexer no preço do tecido?

CLÁUDIO

É, gracinha? Por que você não reduz o preço de sua consulta?

JÚLIA

Não briguem, por favor. Olhe, mais uma torradinha, Clóvis. Estamos aqui para nos divertir.

CLÓVIS

Eu me divirto discutindo com o Cláudio.

JÚLIA

Mas aborrece os outros. Não é justo. Mais um champanhe? Não é, dr. Acrísio?

ACRÍSIO

Obrigado, dona Júlia. Vou me servir.

JÚLIA

À vontade.

CLÁUDIO

É isso mesmo. Amanhã vou ter muitos aborrecimentos. Por hoje acabou-se. Vamos conservar o bom humor.

CLÓVIS

(Comendo) E o apetite.

CLÁUDIO

(A Acrísio) Não esqueça de falar ao Mendonça. Dois guardas em cada portão. E pronto. É muito simples.

ACRÍSIO

Não é tão simples assim. Aconselharia maior reflexão...

CLÁUDIO

Pensei que seria fácil a você entender-se com um delegado que você mesmo nomeou...

ACRÍSIO

Não. Não se trata disso. A polícia irá. O problema é que não é simples.

JÚLIA

Acho que devemos resistir um pouco. Cláudio tem razão...

CLÁUDIO

Olhe, a greve vem a calhar. Estou com muito pano em estoque. Fecho a fábrica e descanso dois meses em Paris. Onde está a complicação?...

JÚLIA

Irei com você, Cláudio. Estou precisando de tanta coisa da Europa!

CLÁUDIO

Vamos também, Acrísio? Vamos tomar champanhe na fonte.

ACRÍSIO

Sim senhores! É... Que se há de fazer? A mocidade é bela e a vida dura tão pouco!

CLÁUDIO

À nossa saúde! *(Bebem.)*

CLÓVIS

E viva o egoísmo! Vamos atacar esse patê... Ótimo champanhe, Cláudio! Parabéns!...

CLÁUDIO

Pois aproveite, que com greves e mais reivindicações isso vai acabar!

JÚLIA

Nem me fale. Está tudo tão caro. Daqui a pouco não se pode mais viver! Experimente o caviar, dr. Acrísio.

ACRÍSIO

Muito obrigado. O Clóvis tem razão: champanhe, caviar e patê, tudo de primeira água!

CLÁUDIO

Você sabe que uma viagem à Europa custa uma fortuna. Tônico e Vera já pediram mais suprimento. E olhe que não levaram pouco dinheiro.

JÚLIA

Em todo caso, gastam menos lá do que aqui. Só o jogo do Tônico!

CLÁUDIO

Neste ano perdeu quatro mil contos. Que gaste mil na Europa será uma grande economia! Vocês estão vendo? É champanhe, caviar, patê, o jogo de Tônico, viagens, os vestidos de minha mulher, e vocês querem que reduza o preço do pano! Ora bolas!

CLÓVIS

Apenas sugeri. Mas se é para abolir o champanhe, reconsidero minha sugestão. Aumente o preço do tecido e reduza o salário.

ACRÍSIO

E teremos a revolução social.

CLÁUDIO

Você acredita nisso?

ACRÍSIO

Há quem acredite...

JÚLIA

Ai, ai, ai! Não vamos recomeçar!

CLÁUDIO

Já encerrei o expediente. Mais champanhe... *(Bebem. Pausa. Entra Marta, elegantíssima.)*

MARTA

Demorei muito?

*(Levantam-se Acrísio e Clóvis e vão ao encontro de Marta.)***ACRÍSIO***(Meio comovido)* Boa noite, Marta. Você está linda! Uma pintura! *(Beija-a no rosto muito amigavelmente.)***CLÓVIS**Não é novidade. Boa noite, querida. *(Beija-a no rosto também.)***MARTA***(Beijando a mãe)* Muito obrigada. *(Dirigindo-se ao bar)* Já tomaram o seu aperitivo? *(Servindo-se)* Experimentaram o patê? O champanhe está bem gelado? Você está muito bem, mamãe.**JÚLIA**

É... Faz-se o que se pode.

MARTA

Muito bem. De quem é esse vestido? Não conhecia.

JÚLIA

Balenciaga. Gosta?

MARTA

Muito. Muito mesmo. Vai muito bem em você.

JÚLIA

Obrigada. E essa maravilha?

MARTADior. *(Brindando com o champanhe)* Tim-tim. *(Os homens respondem.)***CLÁUDIO**

É Balenciaga, Dior. Vocês estão vendo?

ACRÍSIO

Mas vale a pena. É um espetáculo. Não pagam uma fortuna por um Velásquez? Um Monet tem preço? Um Degas? Então? Marta vale por um quadro célebre.

CLÓVIS

De acordo. E também por uma escultura!

MARTA

Não façam gafes com essas alusões a coisas de museu. Na minha idade não se pode falar em museu. Recende a antigüidade.

ACRÍSIO

A idéia é de padrão de beleza.

JÚLIA

Deixe essa idéia de museu para mim. Você está bem longe.

CLÓVIS

Modéstia vossa. Pois comigo, não. Estou muito em forma. E faço os meus esportes e jogo o meu tênis. Sou moço, meu velho, moço...

CLÁUDIO*Yo lo creo como si fuera verdad.***CLÓVIS**

Você não me interessa. Acredite ou não, não me interessa.

MARTA

Eu acredito, Clóvis. Você está ótimo. No ponto de bala. Como eu gosto.

CLÓVIS*(A Cláudio)* Está aí! Ouviu, seu paspalho? Essa é a opinião da cátedra. Dê cá um abraço, Martinha, você é um colosso! Sente aqui comigo!...**MARTA**Espere. Deixe pegar mais um champanhe! *(Serve-se e senta-se no sofá entre Acrísio e Clóvis.)***CLÓVIS**

Uma rosa entre dois espinhos.

MARTA*(Recitando)*"As rosas é que são belas
Os espinhos é que picam.
Mas são as rosas que caem
E os espinhos é que ficam."
Comovedor, não acham?...**CLÁUDIO**

Filosofia de balzaquiana.

JÚLIA

Pessimismo de balzaquiana.

ACRÍSIO

Histórias, Marta. Fique certa de que você está no seu apogeu. Num esplêndido apogeu.

MARTA

Com uma filha de 22 anos. Eu é que sei.

CLÁUDIO

São oito e meia, gente. Vamos embora. O jantar é às nove. Que é da Martuxa? Também foi convidada. Há lugar marcado para ela.

MARTA

Deve estar se vestindo. Vem já.

CLÁUDIOEntão vamos acabar essa garrafa, Acrísio? Clóvis? Mais um pouco. *(Serve.)***MARTA***(A Cláudio)* Soube que os operários da Santa Marta vão pedir aumento. Amanhã vai uma comissão falar com você...**CLÁUDIO**

Amanhã teremos greve e eu vou fechar a fábrica.

MARTA

Como? Você não entrou em acordo com os operários?

CLÁUDIO

Não senhora. Nem vou recebê-los. Ou vai ou racha!

MARTA

Não pode ser assim.

CLÁUDIO

Por que não? Vou mostrar se pode ou não pode. Já estou farto de lamúrias.

MARTA

Mas não é justo. Convém ao menos receber a comissão. Entrar em entendimentos.

CLÁUDIO

Não há entendimento possível. Eles querem o máximo. E eu não estou disposto a dar o mínimo.

MARTA

Penso que você está errado, Cláudio.

CLÁUDIO

Penso que você não deve interferir, Marta.

MARTA

Acrísio, me ajude a convencer esse homem. É um erro, até um perigo!

CLÁUDIO

Acrísio vai ajudar; com a polícia.

ACRÍSIO

Ponderei a ele que o negócio merece maior reflexão. Já discutimos, quase brigamos.

MARTA

Mas não se resolve assim...

CLÁUDIO

Enquanto eu mandar na fábrica, será assim. Se não estão de acordo, tomem conta dela. Vocês também são donos, têm direito.

ACRÍSIO

Não quero interferir na sua gestão, Cláudio. Não se trata disso. Mas podemos conversar...

CLÓVIS

Dar palpites.

CLÁUDIO

Palpites não resolvem. Não adianta. Já estou decidido. Ou vai ou racha. Aumento desta vez não sai.

MARTA

A vida está tão cara! Tão difícil para eles! Não é justo. Você não conhece o problema deles. E é tão simples: o que ganham atualmente, e trabalhando extraordinário, não chega. É só isso!

CLÁUDIO

Como é que você sabe? É a Martuxa. São idéias da Martuxa.

MARTA

Idéias, não. A verdade.

CLÁUDIO

Engraçado. Aqui em casa é ao contrário: em vez de a mãe educar a filha... é o contrário... a filha é que educa a mãe.

ACRÍSIO

Não diga heresias, Cláudio. Marta educou a menina maravilhosamente. Criou-lhe uma personalidade.

CLÁUDIO

Educou nada. Deixou a menina correr à sorte, à lei da natureza. Hoje ela é completamente diferente de nós. Até o oposto.

CLÓVIS

Graças a Deus. Vinho de outra pipa.

MARTA

É a nova geração que vem. A Heleninha de Mário e Heloísa também é assim.

CLÁUDIO

E você acha que está certo?

MARTA

Para ela está.

CLÁUDIO

Para ela! Para ela! Só para ela. Temos que pensar em nós, na família, no nosso modo de viver, na nossa classe, na fábrica.

JÚLIA

Isso mesmo! Essa menina está muito mal orientada. Desculpe, Marta, mas sempre foi essa a minha opinião. É uma menina rebelde. Indiferente ao nosso modo de viver, alheia às nossas coisas.

CLÁUDIO

Não liga. A Santa Marta para ela não existe.

ACRÍSIO

Não estou de acordo. Martuxa vê na Santa Marta um problema social. Vê muito mais longe...

CLÁUDIO

Pois é. Vão pensando assim. Vão dando razão a ela. Vocês vão ver o que acontece. É o elemento heterogêneo da família. É incrível! Justamente minha filha! E a culpa é sua, Marta, e sua também, Acrísio.

ACRÍSIO

Muita honra para mim se tivesse contribuído para a formação de Martuxa. Acho-a excelente. Tudo, porém, se deve a Marta. E ao sangue. É raça. Essa, sim, é dos quatrocentos anos!

MARTA

Ela adora você, Acrísio.

ACRÍSIO

Eu a compreendo. E o pai não.

CLÁUDIO

Essa é muito boa. Agora tenho também que compreender Martuxa.

CLÓVIS

Claro! Nem há dúvida!

CLÁUDIO

Está vendo, dona Júlia? Não adianta. Deixa o tempo correr.

JÚLIA

É. Isso passa.

CLÁUDIO

E se não passar, um dia destes dou um estrilo e pronto. Acabo com essa mania de sociologia, faculdade, etc. Martuxa não será uma intelectual, socialista, comunista, ou qualquer coisa que se pareça com isso. Comando cinco mil operários; não me será difícil tomar o pulso de minha filha. *(Entra Martuxa. É moça de 22 anos, bonitinha, espontânea e simples. Sente-se que não tem a menor preocupação com toaletes, sem ser, entretanto, descuidada ou desmazelada. Entra muito alegre, abraça e beija a avó com muito carinho; beija o pai com ternura e mostra-se muito amiga de Acrísio e Clóvis. Entrou e dominou o ambiente. Cláudio engoliu o que estava para dizer. Martuxa tem um livro na mão. Depois de cumprimentar os presentes, pega uma faquinha no bar e começa a abrir as páginas do livro, enquanto fala.)*

MARTUXA

Estou contentíssima. Há quinze dias ando atrás deste livro. Procurei-o em todas as livrarias de São Paulo. Mandei ver no Rio. Nada. E não é que encontro agora na estante do papai?

ACRÍSIO

Que livro é esse?

MARTUXA

A Revolução dos Gerentes de Burnham, *The Managerial Revolution*. Formidável. É a última palavra!

ACRÍSIO

Eu mesmo dei a seu pai uns quatro meses atrás. Não leu, não é, Cláudio?

CLÓVIS

Nem abriu o livro, olhe aí.

MARTUXA

Pois papai devia ter lido mesmo. Como diretor da Santa Marta Fabril, iria aproveitar muito.

ACRÍSIO

Por isso dei a ele.

MARTUXA

(A Acrísio) O senhor leu?

ACRÍSIO

Não. Li uma crítica. Um resumo muito bem apanhado.

CLÁUDIO

Não se dirige uma fábrica com livros, com teorias. Ponha o seu professor de sociologia, ou de estatística, na gerência da Santa Marta e veja o que daria.

MARTUXA

Papai tem razão. Seriam uns péssimos gerentes. E eles sabem muito bem disso.

CLÓVIS

(Rindo) De pleno acordo.

CLÁUDIO

Você não está pronta, menina? Estávamos esperando por você!

MARTUXA

Não posso ir, papai... Não tenho tempo. Tenho que rever a tese e com esse livro agora...

CLÁUDIO

É um absurdo! Uma grosseria para Elizabeth! Você tem lugar marcado na mesa! *(Martuxa vai ao telefone e começa a discar.)* Não se faz isso! Ainda mais à última hora!...

MARTUXA

(Do telefone, com um gesto, pede ao pai que se cale.) Pronto! É você, Elizabeth... Martuxa. Como vai?... Já estão saindo. Vovó, mamãe, papai, tio Acrísio e tio Clóvis. Não posso ir, Elizabeth. Não. Não posso mesmo. Estou muito atrapalhada. Não. Nada disso. Depois explico a você. Não tem importância, tem? Muito obrigada. Você é um amor. Eles vão já. Até amanhã. Que corra tudo muito bem... *(Desliga.)* Pronto. Já está resolvido. Ela pede para vocês irem já. Para ajudarem a receber.

CLÁUDIO

Pois sim!

CLÓVIS

Vamos?

JÚLIA

É muito cacete chegar cedo demais.

MARTA

(A Martuxa) Seu pai nem vai receber a comissão dos operários. Se houver greve, disse que fecha a fábrica.

MARTUXA

Esse é o resultado de não ter lido Burnham.

CLÁUDIO

Então foi bom. Porque não quero aumentar ninguém.

MARTUXA

Por quê?

CLÁUDIO

Porque não quero, ora essa. Não quero.

JÚLIA

Eu é que não quero discussões antes do jantar.

MARTUXA

Muito bem, vovó. Estou tão contente!

MARTA

Seu pai acha que é um círculo vicioso...

CLÁUDIO

O aumento de salários acarreta a alta da produção e, afinal, do custo de vida. Não é isso que se aprende em economia política?

MARTUXA

Claro. O aumento de salários não resolve o problema.

CLÓVIS

Está aí. Está do seu lado, Cláudio.

JÚLIA

Já vão começar? É melhor irmos embora. Prefiro ajudar a receber.

CLÁUDIO

Estamos apenas conversando, dona Júlia.

ACRÍSIO

Então o que é que resolve o problema?

MARTUXA

Se eu soubesse...

CLÁUDIO

Não há problema nenhum. O que existe é infiltração comunista.

MARTUXA

Isso não, papai. O antagonismo das classes é evidente. Nem se discute. Este livro apresenta uma solução: os técnicos, o capital intelectual. Nos Estados Unidos, muitos dos grandes empreendimentos já pertencem à massa anônima.

CLÓVIS

E a Santa Marta pertence a uma dinastia. Eis aqui o faraó.

CLÁUDIO

Graças a Deus. E vai muito bem. *(Bate três vezes na madeira.)*

CLÓVIS

Com perspectivas de greve...

CLÁUDIO

Isso não vem ao caso.

MARTUXA

Sabe, papai, que para a tese do Roberto estivemos fazendo pesquisas na Santa Marta?...

JÚLIA

Quem é Roberto?

MARTUXA

Um colega meu. Estudamos juntos.

JÚLIA

Filho de quem? De que família?

MARTA

Não interessa, mamãe...

JÚLIA

Como não interessa?...

MARTUXA

Depois falo a vocês do Roberto. É o melhor aluno do curso.

CLÁUDIO

Que é que vocês andaram vendo na fábrica?

MARTUXA

Tanta coisa que podia ser feita...

CLÁUDIO

Você acha?

MARTUXA

E ainda pode. Ainda é tempo.

CLÁUDIO

Que é que você entende de fábrica de tecidos?...

MARTUXA

Eu não. Roberto. Ele estuda a organização do trabalho. É a tese dele: Cousin – Taylor – Ford.

CLÁUDIO

Mas a Santa Marta não fabrica automóveis.

MARTUXA

Por exemplo. Você tem cinco mil operários. Podia ter uma cantina, um entreposto de leite, uma cooperativa de consumo.

CLÁUDIO

Aquilo é fábrica. Não é instituição de beneficência e muito menos creche, menina.

MARTUXA

É. Mas com uma cantina bem organizada, os operários comeriam na fábrica, uma alimentação mais sadia que em casa deles e muito mais barata...

ACRÍSIO

Sem ônus para a empresa.

MARTUXA

Com uma cooperativa, a fábrica poderia fornecer aos seus operários os gêneros de primeira necessidade em muito melhores condições de preço.

CLÓVIS

... e a vida para eles seria muito mais barata e o ordenado valeria bem mais que nas mãos dos vendedores e açougueiros.

CLÁUDIO

Enfim, em vez de fabricar pano, perdia-se tempo em fazer caridade. O champanhe deixou vocês muito sentimentais!

MARTUXA

Não, papai. Não é sentimentalismo. É interesse. Economia. O operário satisfeito, bem alimentado, sadio, produz mais e melhor.

CLÁUDIO

Quem é que não sabe dessas coisas, menina? Bobagens, teorias. Ponha-se lá um armazém: roubalheira. Restaurante: outra roubalheira. Quem é que vai controlar isso? Quem é que vai se dar ao trabalho...

MARTUXA

Os gerentes. Ai é que aparecem os gerentes.

CLÁUDIO

E eu o que sou?

MARTUXA

Você é o dono. É outra coisa.

CLÓVIS

Vai aprendendo, Cláudio.

MARTUXA

Papai devia ler a tese de Roberto. Se eu fosse você, recebia a comissão amanhã. Pechinchava com eles e arrumava as coisas.

CLÁUDIO

Esse palpite eu dispenso, minha filha. Agradeço muito, mas dispenso. O que há é comunismo lá dentro. É caso de polícia.

MARTUXA

Pode ser. Quem sabe. Roberto disse que, sem aumento de despesa, com melhor organização de serviços, a fábrica poderia aumentar, no mínimo, 30% de sua produção.

ACRÍSIO

Sem aumento de despesa?

MARTUXA

Isso mesmo.

CLÁUDIO

Seu colega acha isso?

MARTUXA

Acha, não. Prova por “a” mais “b”.

CLÁUDIO

Em outras palavras: ele quer dizer que eu sou uma besta?

MARTUXA

Ora, papai, que conclusão!

MARTA

Besta, não. Mas convencido, vaidoso e displicente.

CLÁUDIO

Muito obrigado, minha mulher. Muito amável.

MARTA

Não há de quê.

CLÁUDIO

Mais alguma crítica, professora?

MARTUXA

Não estou criticando. Estou falando em tese. Hoje em dia, uma fábrica não pode ser tocada apenas como máquina de ganhar dinheiro.

CLÁUDIO

Pois sim! Isso é literatura de quem não sabe ganhar dinheiro!

MARTUXA

Uma fábrica deve ser encarada como um organismo de produção, fonte de riqueza...

CLÁUDIO

Olhe aqui, menina: continue estudando... lendo seus livros, mas deixe a fábrica sossegada. A Santa Marta não é cobaia de ninguém.

JÚLIA

Também acho...

CLÁUDIO

Não quero mais pesquisas lá, estamos entendidos?

MARTA

Boa maneira de tratar uma acionista, grande acionista...

CLÁUDIO

Não se trata de acionista. Trata-se de minha filha.

MARTUXA

Estamos entendidos, papai.

CLÁUDIO

Vocês andam incensando essa menina, vocês estão redondamente errados...

MARTA

Você é que está errado e teimando.

CLÁUDIO

Então, se não estão satisfeitos, convoquem a assembleia e peçam a minha destituição. Enquanto eu mandar lá, será assim.

MARTA

Que maneira de argumentar!

ACRÍSIO

Martuxa, venha cá. Sente-se aqui comigo.

CLÁUDIO

(Levantando a voz) Acho que sou ótimo diretor. Pelo menos tenho enchido vocês de dinheiro.

JÚLIA

Não se exalte, Cláudio. Você tem razão. Bem que não queria discussões. Vamos embora.

CLÁUDIO

(Gritando) Parece até um complô contra mim!

Que coisa infernal!

(Martuxa levanta-se, vai ao bar e serve dois copos de champanhe.)

MARTA

(Levantando a voz) Não há complô nenhum! E não grite!

CLÁUDIO

(Furioso) Grito, sim senhora, grito!

JÚLIA

Eu saio da sala. Vamos, Clóvis, Acrísio.

MARTUXA

(Oferecendo um copo de champanhe ao pai) À sua saúde, papai. Não vá brigar comigo.

ACRÍSIO

Vamos, um brinde geral à Santa Marta. Uma moção de confiança ao diretor.

(Todos pegam os copos e se viram para Cláudio, que afinal cede, sorrindo. Tim-tim. Bebem.)

CLÓVIS

E viva o champanhe!

CLÁUDIO

Viva! Mais um?

CLÓVIS

Mais um!

*(Servem-se e bebem no bar, enquanto Acrísio senta-se com Martuxa.)***ACRÍSIO**

E a sua tese? Qual o assunto da sua tese?

MARTUXA

Sobre a “mobilidade social”.

ACRÍSIO

O que é isso?

MARTUXA

É um estudo sobre a ascensão dos imigrantes, não só economicamente como na sociedade.

ACRÍSIO

Deve ser muito interessante.

MARTUXA

Foi sugestão do Roberto. Você sabe? Ele é filho de imigrantes italianos. Seu pai é o Genaro, contramestre lá da fábrica.

CLÁUDIO*(Do bar força uma gargalhada)* Vocês estão vendo? Aí está a chave de tudo!**MARTA**

Chave do quê?

CLÁUDIO

Claro. Claríssimo. Vocês não enxergam o golpe desse Roberto, filho do Genaro?

JÚLIA

Como é que você deixa Martuxa no meio dessa gente?

MARTUXA

Não falem assim, por favor. É gente muito simples e muito boa. Roberto é ótimo.

JÚLIA

É de outro meio, Martuxa. Operários, imigrantes.

MARTA

Fazemos muitos rapapés a imigrantes que enriqueceram aqui. Lá no jantar vamos encontrar muitos deles.

ACRÍSIO

Não façam gafes. Não se esqueçam que o meu sobrenome é Vivanti.

CLÁUDIO

Não tem nada uma coisa com outra. Você é você. O outro é meu contramestre.

MARTUXA*(Levantando-se)* Que só não ficou rico porque trabalha na Santa Marta há trinta anos. Só por isso.**CLÁUDIO**

Está vendo, Marta, no que dá essa coisa de faculdade?...

JÚLIA

Nunca olhei com bons olhos essa faculdade.

MARTA

Não sei por quê.

CLÁUDIO

Não sabe? Então você não percebe o que está acontecendo?...

MARTA

Não.

CLÁUDIO

Não? Você não percebe o jogo do Genaro, percebe?...

MARTA

Que absurdo!

CLÁUDIO

Martuxa amanhã vai largar essa faculdade. Não quero amizades com esse Roberto, e amanhã mesmo mando esse Genaro para a rua.

JÚLIA

Muito bem, Cláudio.

MARTUXA*(Com energia)* Que injustiça! Aliás, você não pode despedir o Genaro. E quanto a mim, não esqueça que tenho já 22 anos de idade!**CLÁUDIO**

E não se esqueça de que sou seu pai. Não posso admitir que você esteja às voltas com um cafajeste que se aproveita de minha filha para promover greves em minha fábrica.

MARTUXA

Isso não é verdade. E Roberto não é cafajeste. Isso não admito!

CLÁUDIO*(Gritando)* É um cafajeste! E não levante a voz para mim.**MARTUXA***(Gritando)* Não é um cafajeste!**CLÁUDIO***(Gritando mais)* Cale a boca!**MARTUXA***(Berrando)* Não calo! Não calo!*(Cláudio dá uma bofetada em Martuxa. Perplexidade. Cena muito rápida. Marta corre em socorro da filha. Abraça-a; de repente, num acesso de raiva, senta um bofetão no marido, com vontade. Este fica pálido como cera. Acrísio e Clóvis intervêm, afastando Marta. Após dois segundos, Cláudio espatifa o copo no chão e sai furibundo, sem dizer palavra. Martuxa chora no regaço da mãe, sentadas*

as duas no sofá. Júlia, chorosa, faz menção de sair, volta-se e chama por Clóvis.)

JÚLIA

(Chorosa) Vamos, Clóvis.

(Clóvis hesita, olha para um, para outro e se decide a acompanhar Júlia. Deve-se sentir que Júlia deu razão ao genro e que Clóvis quis dar razão à filha, mas acovardou-se e acompanhou Júlia. Restam três pessoas em cena. Marta, calma, desabafada, Acrísio apreensivo e Martuxa, chorando, silenciosa.)

ACRÍSIO

Que maçada! Que maçada!

MARTA

Não tem importância. Champanhe demais. Só isso.

ACRÍSIO

Que cena desagradável!

MARTA

Bobagem! Somos casados há vinte e tantos anos. Já nos estapeamos diversas vezes. Isso acontece. Não podia dormir com essa. Agora estou aliviada e com fome. Com uma fome tremenda. Vamos, Acrísio.

ACRÍSIO

Vamos para onde?

MARTA

Ora essa! Para o jantar! Não podemos ser grosseiros com Elizabeth. Até logo, Martuxa. Agarre seu homem, não se esqueça disso! (Martuxa levanta-se, beija a mãe e Acrísio.)

ACRÍSIO

Até amanhã, Martuxa.

(Os dois vão saindo. Marta ainda diz a frase final, quase à saída.)

MARTA

Agarre seu homem!

TERCEIRO ATO

SEGUNDO QUADRO

(A cena está completamente escura. Em dado momento, acende-se um abajur no living. Houve passagem de tempo. Duas ou três horas. Acende-se a luz na sala de bridge. Vê-se o vulto de Martuxa se movimentando, o vulto de um moço entra. Abraçam-se. Beijam-se. Martuxa sai por um momento. O moço passeia pela sala em expectativa. Volta Martuxa com duas valises. O moço a ajuda. Novo abraço. Martuxa sai pela direita e entra no living com uma carta. Dá uma rápida vista na sala e afinal deixa a carta em lugar ostensivo, no bar, e sai, entrando novamente na sala de bridge. O moço segura as valises e saem os dois, abraçados. Apaga-se

a luz na sala de bridge. Instantes depois ouve-se a voz de Marta, que está falando alto.)

MARTA

(Voz) Vamos beber a noite inteira. Inteirinha. Você tem sal de frutas em casa, Acrísio? (Marta entra.) Deixe isso aí. Vamos, Acrísio, que coisa!

ACRÍSIO

(Entra) Estava pendurando o seu casaco.

MARTA

Podia deixar no chão! Você sempre da ordem! Perde um tempão com essas coisas de ordem! (Marta já está no pileque. Bem firme porém. O álcool só lhe tocou o espírito. Marta cantarola o "Yes, sir, that's my baby" e dirige-se à vitrola. Acrísio acende outras luzes.)

MARTA

Não, Acrísio, por favor. Luz demais. Apague, apague. (Acrísio apaga a luz mais forte, deixando algumas acesas.)

MARTA

Ótimo! (Esboçando uns passos de tango e cantando:)

"E todo a media luz
Crepúsculo interior
Lá lá lá lá lá lá lá"

(Abre a vitrola, procurando uns discos, falando enquanto procura.) O jantar estava bom! Não há dúvida! Mas a Elizabeth que tenha paciência! Não sabe fazer ambiente! Que gente cacete, meu Deus!

ACRÍSIO

Nem por isso! Estava muito agradável. Fizemos mal em sair antes. Uma gafe. Ficou todo mundo lá!

MARTA

(Sempre procurando os discos) Gafe! Gafe! Você tem a mania de gafe. Já é um complexo. Estava cacete. Estava cacete. Já não posso mais com essa gente! Que diabo! Onde foram parar esses discos... E você viu o Cláudio? Lampeirinho! E bofetão de cá, bofetão de lá, greve na fábrica, e ele ali, como se nada tivesse acontecido!

ACRÍSIO

É classe... ou temperamento!

MARTA

Classe! Classe "B". "B" de bofetão! Dar um tabefe numa moça de 22 anos é classe?... Ah! Está aqui! Achei!... Cinismo, isso sim!

(Ouve-se o disco bem alto: "Yes, sir, that's my baby"... Marta levanta-se e ensaia uns passos de charleston, cantando com o disco.) Vem, Acrísio. Il faut degourdir les jambes. (Cantando) "Yes, sir, that's my baby... No sir..." (Logo pára, arquejante, levantando-se enquanto Acrísio diminui o som da vitrola, que agora consiste num leve fundo musical.)

Nunca dancei direito essa droga. Acrísio, me de seu lenço. (*Acrísio lhe oferece o lenço. Depois de uma pausa em que refez a respiração e compôs o cabelo e o rosto, fala como que pensando alto. A vitrola muda de disco, agora toca o “Moi j’ai fait ça machinalment...” muito de leve, de modo a não perturbar a audição do diálogo.*) Quando tinha dezesseis anos... já faz muito tempo... surpreendi meu pai atracado na minha professora de inglês...

ACRÍSIO

Era bonita, pelo menos?...

MARTA

Of course! Pretty, lovely... Adorable. Papai precisava era de uma... como direi... uma *sleeping teacher*... enfim... ele queria aprender inglês com toda a comodidade... deitado com ela... na cama.

ACRÍSIO

Muito objetivo. Prático. Uma *sleeping teacher*, muito bem lembrado.

MARTA

Aos vinte anos... justamente no dia em que fiz vinte anos, no dia em que fiquei noiva daquele que hoje se diz meu marido... ah, ah, ah... parece anedota... surpreendi minha mãe atracada com Clóvis... Ali... eu estava ali, naquele canto... sentada na poltrona... e o Clóvis aos beijos com minha mãe, ali... junto ao bar... marcando encontros com ela.

ACRÍSIO

Mas estão casados. Acabou-se.

MARTA

Sim. Papai morreu... E o Clóvis não teve outra saída. Nem esperaram um ano! Sabe que mais? Fizeram muito bem. Bobagem esse negócio de luto. Foi por causa da vovó.

ACRÍSIO

E também por sua causa.

MARTA

Por minha causa? (*Gargalha.*) Que o quê! Eu já tinha me casado. E entre mim e mamãe... depois daquela cena que eu presenciei... dali... homem... nem é bom falar... O caso de papai não me afetou tanto. Passei a gostar mais de mamãe. Para mim, ela era a heroína, a mártir, a sofredora silenciosa... sei lá... era tudo de bom que se lê num romance ou se vê numa fita de cinema. Mas, depois, desmoronou, despencou, ruiu... fez assim, olhe... (*E faz um gesto de castelo que despenca.*) Mamãe me disse: mais tarde você compreenderá. E compreendi... e *pour cause!* Compreendi. Esse favor devo ao Cláudio. Ele pode se gabar disso! Ufa! Está um calor aqui, não?...

ACRÍSIO

O melhor é você ir se deitar. Vou-me embora. Já é muito tarde.

MARTA

Vai coisíssima nenhuma. Fique aí. Ainda temos muito que conversar.

ACRÍSIO

Você me desculpe, Marta, mas eu não estou interessado nessa conversa. Até amanhã.

MARTA

(*Levantando-se*) Se você sair, eu brigo com você! Nunca mais falo com você. (*Mudando de tom*) Fique mais um pouquinho. Você não percebe que eu não posso ficar só? Que preciso de alguém que me ouça? Você é ou não é meu amigo?...

ACRÍSIO

Claro que sou, Marta. Mas você há de compreender...

MARTA

Não compreendo nada. Fique aí quietinho, meu amigo... meu único amigo. Com licença. (*Marta beija Acrísio no rosto fraternalmente.*) Agora, sente-se aí. Muito bem. Muito obrigada, Acrísio. (*Senta-se de um jato no sofá.*) Ufa! Que calor! Que gente horrorosa estava lá na casa da Elizabeth! Sabe que mais? Não posso mais suportar a Elizabeth, coitada, tão boazinha. Mas enjoei, enjoei! (*Voltando ao mesmo tom anterior, pensando alto*) Não fiz ilusão com o meu casamento. Gostava do Cláudio, mas nunca estive apaixonada por ele. Encarei o problema como uma princesa a quem compete defender a dinastia... a dinastia era aquilo ali. (*Aponta para a parede de vidro.*) A Santa Marta Fabril S/A. Passei a viver em função da Santa Marta Fabril S/A. Com vovó foi assim, com mamãe também, chegara a minha vez. (*Entra na vitrola a música da Revolução de 32.*) Depois nasceu Martuxa. Como eu previa, Cláudio já me enganava. Sem muita cerimônia... era do programa. Nem liguei. Olhe, para ser franca, dei até graças a Deus. Nada de responsabilidades sentimentais. Eu não gostava dele. Com você não foi a mesma coisa?...

ACRÍSIO

Comigo, como?...

MARTUXA

Você não deu graças a Deus quando a Nenê se apaixonou pelo barão e deu o fora para a Europa?...

ACRÍSIO

Foi um tanto desconcertante. Mas, na verdade, não deixou de ser uma boa solução.

MARTA

Claríssimo. Para você, foi sopa no mel.

ACRÍSIO

Vamos deixar a Nenê em paz, coitada.

MARTA

Paz... Quem é que tem paz nessa terra? Pois é. Quando nasceu a Martuxa, eu me prometi: esta não entrará na onda da Santa Marta, esta irá viver a vida dela.

ACRÍSIO

Promessa que você realizou muito bem.

MARTA

Mas tem luta, sempre teve luta.

ACRÍSIO

Ela agora está lutando.

MARTA

Não se incomode que ela saberá resolver o problema. Depois, veio a revolução. Meu pai morreu e mamãe também resolveu o seu problema. E veio a crise. A Santa Marta estava praticamente quebrada e aí apareceu você. Vou lhe falar francamente, Acrísio.

ACRÍSIO

Prefiro que não fale. Peço-lhe por favor.

MARTA

É mesmo. Não é necessário. Você percebeu tudo. Eu sabia que não estava enganando-o. Mas fique sabendo de uma coisa. Foi o útil ao agradável. Cheguei a me apaixonar por você. Você foi o meu grande amante. *(Mudando de tom)* Amante. Que palavra ridícula! Só serve para ser usada nas crônicas dos crimes passionais! “Fulano degolou a amante.” “A mulher envenenou o marido por causa do amante.” Tudo isso em letras garrafais. Deste tamanho. Pois é. Depois você me trocou por uma embaixada na Europa. Tudo vaidade! Você me tinha por vaidade! Em todo caso, tinha de ser assim. Foi a solução.

ACRÍSIO

Quando eu voltei, quis reatar com você e você me respondeu que detestava sopa requentada.

MARTA

Dois anos depois, meu amigo. Em dois anos acontecem muitas coisas. Vovó morreu e veio a

guerra. E a Santa Marta transformou-se num potentado econômico. Cláudio pensa que a Santa Marta é obra dele. Deixa pensar. Quem criou a Santa Marta foi vovó. Quem a salvou da crise...

ACRÍSIO

Fui eu.

MARTA

Você nada. Fui eu, e quem fez o que ela é hoje foi a guerra. Foram os alemães, os japoneses, o bloqueio, e Cláudio pensa que foi ele.

ACRÍSIO

Será que ele pensa mesmo?...

MARTA

Claro! Você não vê o arção dele? Aquele nariz empinado para cima? Ufa! Que calor! Estou com uma sede! *(Levantando-se)* Quem sabe se sobrou um pouquinho de champanhe ali. *(E vai ao bar, onde está o balde com uma garrafa de champanhe. Vê a carta depositada por Martuxa. Rasga o envelope e lê com grande satisfação. Entrega-a a Acrísio.)* Não disse que ela saberia resolver o problema?... *(Enquanto Acrísio lê a carta, Marta enche duas taças de champanhe.)*

MARTA

Tome, Acrísio. Vamos beber à saúde de minha filha. À felicidade de minha filha! *(Acrísio pega a taça e brinda.)*

ACRÍSIO

Viva a nova geração!... Viva a sua filha, que realizou...

MARTA

O que eu não pude realizar. *(Bebem. De repente, os dois, num mesmo pensamento, viram-se para a parede de vidro e, levantando as taças, gritam, uníssonos:)*

AMBOS

Abaixo a Santa Marta Fabril S/A!!! Morra a Santa Marta Fabril S/A!!! *(Bebem, esvaziando os copos, e, ainda numa comunhão de pensamentos, cantam ao mesmo tempo:)* Um... dois... e... três! *(E espatifam as taças no painel de vidro, em plena efigie da Santa Marta. E o pano cai lentamente ao som de uma gargalhada sonora de Marta.)*

FIM

ATENÇÃO - AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas pela revista *Teatro da Juventude* poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, em todo o território nacional, bem como por amadores filiados a bibliotecas, clubes e outras entidades culturais e sociais, livres de pagamento de direitos autorais, **desde que autorizadas pelo autor ou pela SBAT** – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc., estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela SBAT (Avenida Ipiranga, 1.123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011).

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los, sem compromisso, à Comissão de Teatro. Estes devem ser digitados ou datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista. As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel. : _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de _____ a _____ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907

PEÇAS PUBLICADAS NA TEATRO DA JUVENTUDE

Edição 01 (Agosto de 1995)

História do Barquinho _____ Ilo Krugli
 A Pílula Falante _____ Monteiro Lobato – Adap. Júlio Gouveia
 A Sopa de Pedra _____ Tatiana Belinky
 Tratível indepraglutifitotinelux _____ Roberto Freire
 Lambe-Beijos e seu Criado Cata-Farolos _____ Fábio Gaia
 A Moreninha _____ Miroel Silveira

Edição 02 (Outubro de 1995)

Pinóquio – Collodi _____ Texto de Alceu Nunes
 O Gigante _____ Walter Quaglia
 Os Dois Tímidos – Eugène Labiche _____ Trad. Osmar Cruz
 Uma Consulta _____ Arthur Azevedo*
 Cena de Natal _____ Renata Pallottini
 Boa Noite, Felipe _____ Jair Therezinha Aguiars Dânia
 O Segredo de Natal _____ Hagar Aguiar Caruso

Edição 03 (Dezembro de 1995)

Tremembé Jones contra Kong-Kong _____ Chico de Assis
 Tronocrono _____ Gabriela Rabelo e José Rubens Siqueira
 Fofo, meu amor _____ Ricardo Gouveia
 Aves exóticas voam para Vazabarris _____ Décio Gentil e Adir de Lima

Edição 04 (Fevereiro de 1996)

Cegonha boa de bico _____ Marilu Alvarez
 Soltando o verbo _____ Zecarlo de Andrade
 Buchicho _____ Gilda Vanderbrande
 Este ovo é um galo _____ Lauro Cesar Muniz

Edição 05 (Abril de 1996)

O Castelo de Mulumi _____ Jurandyr Pereira
 Feitiço da Vila _____ Zeca Capellini e Claudia Dalla Verde
 Capital Federal _____ Arthur de Azevedo*

Edição 06 (Junho de 1996)

A flautinha de Uirá _____ Stella Leonardos
 Cupido e Stanislavsky _____ Ricardo Gouveia
 Arena conta Tiradentes _____ Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal

Edição 07 (Agosto de 1996)

E as bruxas foram à Lua _____ Roberto Rocha Coelho
 O palhaço do Planeta Verde _____ Hilton Have
 Parlapatões, Patifes e Paspalhões _____ Hugo Possolo
 Maldita Parentela _____ França Júnior*
 Quem casa, quer casa _____ Martins Pena*

Edição 08 (Outubro de 1996)

Quem casa quer casa – ou não? _____ Tatiana Belinky
 A ver Estrelas _____ João Falcão
 Farsa da boa preguiça _____ Ariano Suassuna*

Edição 09 (Dezembro de 1996)

O palhacinho triste e a rosa _____ Maria Cecília Oliveira Marques
 Canção de Assis _____ Júlio Fisher
 Canção de Natal _____ Ricardo Leite
 As aventuras de Ripiô Lacreia _____ Chico de Assis

Edição 10 (Fevereiro de 1997)

Libel e o Palhacinho _____ Jurandyr Pereira
 Somos todos do jardim da infância _____ Domingos de Oliveira
 Uma vendedora de recursos _____ Gastão Tojeiro*
 Uma lição longe demais _____ Zeno Wilde

Edição 11 (Abril de 1997)

O ovo de Páscoa trincado _____ Sylvia Lee
 Colombo – O novo mundo _____ Walter Quaglia
 Em moeda corrente do país _____ Abílio Pereira de Almeida

Edição 12 (Junho de 1997)

Um certo patinho feio _____ Gilda Vanderbrande
 Enquanto se vai morrer _____ Renata Pallottini
 Mumu, uma vaca metafísica _____ Marcílio Moraes

Edição 13 (Agosto de 1997)

Crocódilo do Nilo _____ Zeca Capellini, Cláudia Dalla e Lica Neaime
 O Violino Mágico _____ Júlio Fischer
 Feitiço dos Deuses _____ Marilu Alvarez
 Nó de quatro pernas _____ Nazareno Tourinho

Edição 14 (Outubro de 1997)

Praça de Retalhos _____ Carlos Meceni
 Festa de Natal _____ Maria Vera Siqueira
 A magia dos brinquedos _____ Rita Marta Mozetti
 A história de Tião Bolero _____ Hugo Possolo
 O evangelho segundo Zebedeu _____ César Vieira

Edição 15 (Dezembro de 1997)

Mestre Esopo e seus bichos muito loucos _____ Anely A. Pinto e Maria Eugénia Di Domenico
 O Testamento do Cangaceiro _____ Chico de Assis
 Eles não usam black-tie _____ Gianfrancesco Guarnieri

Edição 16 (Fevereiro de 1998)

Miss Canil, um Besteiro Infantil _____ Ewa Procter
 Aleijadinho aqui e agora _____ Lafayette Galvão
 O macaco da vizinha _____ J. Manuel Macedo*

Edição 17 (Abril de 1998)

Viagem ao faz de conta _____ Walter Quaglia
 Namoro _____ Inder Miranda Costa
 Uma Rosa para Hitler _____ Roberto Vignati e Greggi Filho
 Pedro e Domitila _____ Enio Gonçalves

Edição 18 (Junho de 1998)

Chapéu, Chapéu & Cia _____ Ivan José Cardoso Henrique da Cunha e Fausto Brunini Júnior
 Cala a boca já morreu _____ Luis Alberto de Abreu
 Como se faz um deputado _____ França Júnior*

Edição 19 (Agosto de 1998)

Lampião e Maria Bonita no reino divino _____ Annamaria Dias. Letra/Música Gilda Vandenbrande
 De manhã é mais gostoso _____ Izaías Almada
 Vejo um vulto na janela, me acudam que sou donzela _____ Leilah Assunção

Edição 20 (Outubro de 1998)

Os Magos de Belém _____ Gilda Vandenbrande
 Apolo & As super-gatinhas _____ Hermes Altemani & Nery Gomide
 Pedro Mico _____ Antonio Callado
 Você tem medo do ridículo, Clark Gable? Ou Somos o que somos _____ Anely A. Pinto
 Novo Othelo _____ J. Manoel de Macedo*

Edição 21 (Dezembro de 1998)

A lira dos vinte anos _____ Paulo César Coutinho
 O crime da cabra _____ Renata Pallottini
 A receita _____ Jorge Andrade

Edição 22 (Fevereiro de 1999)

Donança faz Quitutes _____ Fábio Gaia
 O Namorador ou A Noite de São João _____ Martins Pena*
 O Líder _____ Lauro César Muniz
 Barbozinha Futebol Crubi _____ César Vieira

Edição 23 (Abril de 1999)

Na Festa de São Lourenço _____ José de Anchieta*
 Guerras do Alecrim e da Manjerona _____ Antônio José, O Judeu*
 Leonor de Mendonça _____ Gonçalves Dias*

Edição 24 (Junho de 1999)

O Noviço _____ Martins Pena*
 A Torre em Concurso _____ Joaquim Manoel de Macedo*
 O Demônio Familiar _____ José de Alencar*

Edição 25 (Agosto de 1999)

Lição de Botânica _____ Machado de Assis*
 Caiu o Ministério _____ França Júnior*
 O Mambembe _____ Arthur Azevedo e José Piza*

Edição 26 (Outubro de 1999)

A Casa Fechada _____ Roberto Gomes*
 Onde Canta o Sabiá... _____ Gastão Tojeiro*
 Flores de Sombra _____ Claudio de Souza*

Edição 27 (Dezembro de 1999)

Manhãs de sol _____ Oduvaldo Vianna*
 As Noivas _____ Paulo Gonçalves*
 Cala a Boca, Etelvina!... _____ Armando Gonzaga*

*Peças de domínio público.

FOTOLITO E IMPRESSÃO



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Tel.: (011) 6099-9457/6099-9529
CNPJ 48.066.047/0001-84
<http://www.imesp.com.br>

TINSI
 DEALENCARMACHAL
 EVEDOFRANÇAJUNIOR
 OTOJEIROJORACYCAMARGO
 RADESILVEIRASAMPAIONELSONE
 ILIODEALMEIDAJORGEANDRADE
 NIERFODUVALDOVIANNAFILHOCHICODE
 SARMUNIZARIANOSUASSUNASE
 GOMESJOÃOBITENCOURT
 APALOTINICONSUELODE
 OISABELC MARAJO
 EBIANTONIOBIVARM
 TAÍDEMARIOPRATA
 JOSÉDEANCHI
 SMARTINSPE
 SÉDEA
 AZEVED
 TÁOT
 AD

500 Anos de Dramaturgia Brasileira

Dramaturgia Brasileira

TINSI
 DEALENCARMACHAL
 EVEDOFRANÇAJUNIOR

